

JEFFERSON MAINARDES
LUÍSA CRISTINA DOS SANTOS FONTES
KARINA REGALIO CAMPAGNOLI
ORGANIZADORES

A portrait of Emília Dantas Ribas, a woman with short, styled brown hair, wearing a patterned jacket. The portrait is set against a background of orange and yellow watercolor splashes.

Vozes de Emília

A TRAJETÓRIA
DA ESCRITORA
EMÍLIA DANTAS RIBAS



Vozes de Emília

A TRAJETÓRIA
DA ESCRITORA
EMÍLIA DANTAS RIBAS

COPYRIGHT 2023 © JEFFERSON MAINARDES,
LUÍSA CRISTINA DOS SANTOS FONTES E KARINA REGALIO CAMPAGNOLI

TEXTO E CONTEXTO EDITORA

Diretora e Editora-chefe **Rosenéia Hauer**
Supervisão Editorial **Texto e Contexto Editora**
Revisão **Janete Bridon e Emilson Werner**
Capa, Projeto gráfico e Diagramação **Dyego Marçal**

FICHA CATALOGRÁFICA

V977

Vozes de Emília: a trajetória da escritora Emília Dantas Ribas [livro eletrônico]/Organizado por Jefferson Mainardes; Luisa Cristina dos Santos Fontes; Karina Regalio Campagnoli. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2023.
229 p. e-book PDF interativo

Fundo Municipal de Cultural – Edital 011/2023
ISBN: 978-65-6080-005-2

1. Emília Dantas Ribas - Biografia. 2. Emília Dantas Ribas - fotobiografia. 3. Emília Dantas Ribas – produção literária. 4. Literatura comentada. I. Mainardes, Jefferson (Org.). II. Fontes, Luisa Cristina dos Santos (Org.). III. Campagnoli, Karina Regalio (Org.). IV. T.

CDD: 923

Ficha Catalográfica elaborada por Maria Luzia Fernandes Bertholino dos Santos – CRB9/986

Concurso cultural para propostas de circulação, formação e produção artístico-culturais alusivas aos 200 anos de Ponta Grossa.

Texto e Contexto

EDITORA

Rua Eduardo Bonjean, 375 - Uvaranas
CEP 84030010 - Ponta Grossa - Paraná
(42) 988834226
www.textoecontextoeditora.com.br
textoecontexto.editora@gmail.com

Jefferson Mainardes
Luísa Cristina dos Santos Fontes
Karina Regalio Campagnoli
ORGANIZADORES

Vozes de Emília

A TRAJETÓRIA
DA ESCRITORA
EMÍLIA DANTAS RIBAS

Texto e Contexto
EDITORA



Um só

Emília Dantas Ribas

Quando eu me for, um dia,
de mim que restará?
Um gesto, uma saudade,
uma frase perdida,
um hino de esperança,
um brado de renúncia,
e o mais, o que será?

Ensinei a ensinar,
Um aluno me ouviu
De mim se lembrará?
Um que seja, talvez,
e ficarei feliz.
E então, reviverei,
e a morte, que aniquila,
jamais lhe atingirá

E nele hei de viver.
E o arauto da vitória
em brados cantará.
E falarei aos vivos.
E vencerei a morte.
E gritarei em ais,
a frase renovada
que nunca morrerá.

Um aluno que me ouviu
E o mundo o escutará.

Sumário

interativo

9 APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO 1

15

“A vida acaba, mas as cores ficam”:
traços biográficos de Emília Dantas Ribas
(1907-1978)

Jefferson Mainardes

25

CAPÍTULO 2

Fotobiografia de Emília Dantas Ribas

Luísa Cristina dos Santos Fontes

55

CAPÍTULO 3

Emília Dantas Ribas:
uma intelectual ponta-grossense

Karina Regalio Campagnoli

81

CAPÍTULO 4

“Além das fronteiras que o destino
traça às criaturas”: as ideias de futuro
na literatura de Emília Dantas (década de 1930)

Caroline Aparecida Guebert

113

CAPÍTULO 5

As irmãs Dantas

Renato van Wilpe Bach

127

CAPÍTULO 6

O que foi dito de Emília Dantas Ribas –
à guisa de uma fortuna crítica

Luísa Cristina dos Santos Fontes

CAPÍTULO 7
O outro livro que Emília escreveu
Luísa Cristina dos Santos Fontes

135

CAPÍTULO 8
Para sempre, Emília: textos de/sobre
Emília Dantas Ribas
*Jefferson Mainardes, Luísa Cristina dos Santos Fontes,
Karina Regalio Campagnoli*

141

**TEXTOS DE
EMÍLIA DANTAS
(RIBAS)**

Artigos 141
Prosa/Crônicas 152
Poesia 191
Prefácio 200
Resenha 202
Discurso 204

**TEXTOS SOBRE
EMÍLIA DANTAS
(RIBAS)**

Fortuna Crítica 206
*Berilo Neves, José Augusto,
Eloy de Montalvão,
Jornal do Paraná, Serafim França*
Obituário 215
*Helena Kolody e
Lourival Santos Lima*
Discurso 218
Biografias 220
Notícias 223

AGRADECIMENTOS 225

SOBRE OS AUTORES 227



Apresentação

Este livro é uma homenagem à professora e escritora pontagrossense Emília Dantas Ribas e integra as comemorações do bicentenário da cidade de Ponta Grossa (2023) e do centenário da criação da Escola Normal de Ponta Grossa (atualmente, Instituto de Educação Professor César Prieto Martinez), a ser celebrado no ano de 2024. Emília foi professora da Escola de Aplicação (funcionava em anexo à Escola Normal) e da Escola Normal de Ponta Grossa, tendo sido diretora da referida escola, de 1941 a 1946.

Até o ano de 2020, tínhamos conhecimento de que Emília havia sido professora, que publicara o romance *A primavera voltará* e que havia prefaciado o livro *Vidas na minha vida*, de Zilah de Grácia, em 1966. Não tínhamos a informação de que ela havia publicado diversos textos em jornais e revistas, que havia integrado o Centro Cultural Euclides da Cunha (Ponta Grossa) e Academias de Letras, em Curitiba e que teve uma forte atuação em diversos espaços culturais até o final de sua vida.

O mês de setembro de 2020 foi um divisor de águas para o resgate da obra de Emília. Na véspera do 197º aniversário de Ponta Grossa, a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) divulgou um capítulo do livro *Numa pequena cidade do grande mundo*, escrito por Judith Dantas Pimentel, irmã de Emília. O livro havia sido publicado em 1970/1971. O médico e professor Renato van Wilpe Bach era um leitor dessa obra desde a sua infância. Renato conseguiu um exemplar do livro de Judith e ofereceu para o Reitor da UEPG, Prof. Dr. Miguel Sanches Neto. Ao lê-lo, que propôs a sua reedição. Assim que acessamos essa notícia, fomos em busca de exemplares do livro de Judith. A Prof.^a Luísa Cristina dos Santos Fontes localizou o livro de Judith na Biblioteca Paranista Eno Teodoro Wanke, da Academia de Letras dos Campos Gerais (ALCG), doado pelo acadêmico Josué Corrêa Fernandes.

A partir do ressurgimento do livro de Judith, tivemos a ideia de buscar pelo livro *A primavera voltará*, de Emília Dantas. No dia 17 de setembro de 2020, pesquisamos na Estante Virtual e localizamos dois exemplares à venda. Adquirimos os dois exemplares, iniciamos a leitura (Luísa Cristina dos Santos Fontes e Jefferson Mainardes) e fizemos cópias para que outros leitores pudessem ter acesso à obra. Em seguida, descobrimos que havia exemplares do livro no Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH) da UEPG e na Biblioteca da ALCG. Além disso, localizamos um artigo de Caroline Aparecida da Guebert, de 2018, publicado na revista “Espacialidades”, do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que apresenta uma análise da obra. Ainda em setembro de 2020, a diretora da Editora UEPG, Prof.^a Beatriz Gomes Nadal, nos indagou se tínhamos algum contato da família de Judith. Rapidamente, começamos a buscar relações de parentesco, com o objetivo de colaborar com a edição da obra, pois, para a publicação, era necessária a autorização da família. Em poucos

dias, conseguimos informações sobre a família, com Marlou Santos Lima Pilatti, sobrinha-neta de Judith.

Em outubro de 2020, apresentamos o livro de Emília para a Editora UEPG, que muito rapidamente demonstrou interesse na reedição da obra. A partir daí, ocorreram diversas sincronias que nos propiciaram reunir um vasto material sobre Emília. Iniciamos a busca de textos de Emília na Hemeroteca da Biblioteca Nacional (*online*) e, para a nossa surpresa, localizamos muitos textos dela em jornais das décadas de 1930 a 1950, bem como comentários sobre o livro *A primavera voltará*. Renato van Wilpe Bach indicou-nos o *site FamilySearch* (<https://www.familysearch.org/pt/>), que favoreceu o levantamento de dados necessários para a elaboração de biografia e identificação de grupos familiares. Simultaneamente, Karina Regalio Campagnoli encontrava-se pesquisando exemplares do jornal “Diário dos Campos” para sua tese de Doutorado e se propôs a recuperar textos de Emília. A Prof.^a Luísa Cristina dos Santos Fontes tomou posse na Academia Feminina de Letras do Paraná, no dia 3 de março de 2023, e lá localizou textos inéditos da escritora.

A partir do contato com a sobrinha-neta Marlou, acessamos outros familiares que nos ajudaram com informações, fotos, textos. Carmen Santos Peixoto, sobrinha de Emília, e sua filha Josélia Peixoto Alves colaboraram com textos inéditos, informações sobre a família Dantas e a localização da casa em que Emília morou (Rua Padre Lux, 260), da década de 1930 até 1946, quando se casou com Odilon Lustoza Ribas e passou a residir em Curitiba.

O contato com Maria da Penha Dantas Roeder, sobrinha de Emília, foi providencial. Com o falecimento de Marcelina Dantas, irmã de Emília, em julho de 2007, Penha guardou fotos, diplomas, textos, documentos e caixas de madeira que pertenciam à Emília. Gentilmente, ela nos deu acesso a todos os guardados. Em 2023, Dado Dantas, sobrinho-neto de

Emília, nos repassou caixas com inúmeros *slides* com fotos de Emília e Marcelina. Apesar desses esforços, temos consciência de que os textos localizados representam apenas uma parte dos escritos de Emília.

Assim, de posse dessas informações e materiais e da existência de um grupo de autores/as interessados/as em pesquisar a vida e obra de Emília, surgiu a ideia de organizar um livro-homenagem e a publicação de textos de/sobre Emília. Consideramos que seria inadequado desperdiçar o robusto conjunto de informações, em um período de celebração do bicentenário da cidade de Ponta Grossa, em 2023, e do centenário da escola Normal de Ponta Grossa, em 2024.

Emília faleceu há 45 anos. Nesse período, poucas menções foram feitas a ela e à sua obra. Uma menção importante foi a aprovação da Lei nº 4.636, de 9 de outubro de 1991, que instituiu o “Mérito Educacional Emília Dantas Ribas”, que se destina a premiar pessoas físicas ou jurídicas pontagrossenses que tenham prestado relevantes serviços ou tenham se destacado no setor do ensino. Outra menção está no livro *Educadores pontagrossenses: 1850-1950*, de Joselfredo Cercal de Oliveira, publicado em 2002, pela Editora UEPG. O referido autor apresentou uma breve biografia, com uma foto de Emília.

Este livro foi, então, organizado em oito capítulos. No primeiro capítulo, Jefferson Mainardes apresenta uma biografia de Emília. No segundo capítulo, Luísa Cristina dos Santos Fontes nos brinda com uma fotobiografia, com diversas fotos e documentos. O terceiro capítulo, escrito por Karina Regalio Campagnoli, a partir da teoria de Pierre Bourdieu e de ideias de Michelle Perrot, Gisèle Sapiro, Ione Ribeiro Valle e outros/as, analisa a constituição de Emília como intelectual, professora e escritora. Caroline Aparecida Guebert, no quarto capítulo, explora as ideias de futuro na literatura de Emília. No quinto capítulo, Renato van Wilpe Bach apresenta uma

breve apreciação dos livros de Judith Dantas Pimentel e de Emília Dantas Ribas. O sexto capítulo, de Luísa Cristina dos Santos Fontes, a partir de uma pesquisa exaustiva, apresenta a *Fortuna Crítica de Emília*, com indicações de comentários sobre sua obra, biografias e citações. O sétimo capítulo destina-se a apresentar a lista dos textos publicados por Emília. Por fim, o oitavo capítulo contém diversos textos de Emília, bem como comentários, biografias e um obituário escrito por Helena Kolody, em 1978.

Com esse livro, resgatamos a importância de Emília Dantas para o magistério e para a literatura, notadamente, a produzida por mulheres. Ao destacar-se como professora e escritora, Emília projetou e continua projetando a cidade de Ponta Grossa no cenário nacional. Em uma biografia de Emília, sem a indicação de autoria, preservada pela sobrinha Maria da Penha, o/a autor/a assim finalizou: “Continuou escrevendo até a morte, que a alcançou, de surpresa. Em sua alma privilegiada, vivia perenemente a artista da palavra, a poetisa da beleza, da harmonia e da luz. Sua obra é perene. Bela. Profunda. Musical”.

Boa leitura!

Jefferson Mainardes
Luísa Cristina dos Santos Fontes
Karina Regalio Campagnoli



CAPÍTULO 1

“A vida acaba, mas as cores ficam”¹: traços biográficos de Emília Dantas Ribas (1907-1978)

Jefferson Mainardes

Li os mestres. Estudei tudo que me capacitasse para não ser a professora rotineira e velha que devia ser substituída. Mas, interessante, nada encontrei de estranho. Minha escola foi sempre nova. As fontes de que promanou vida permaneceram sempre jorrando luz; os espíritos eram os mesmos. O material plástico nunca mudou. E eu permaneci obscura, mas distribuindo clareza. Foi meu destino. Talvez num dia ainda distante eu deva descansar. Mas ouvirei sempre a sineta de chamada para as aulas.

(Emília Dantas Ribas)²

Esse fragmento foi extraído do livro *A primavera voltará*, de Emília Dantas Ribas, publicado originalmente em 1949. Apesar da importância da obra literária e do papel de Emília na

¹ Emília Dantas Ribas (2022, p. 21).

² Emília Dantas Ribas (2022, p. 124).

educação ponta-grossense e paranaense, por um longo período, a figura de Emília ficou invisibilizada. Felizmente, nos últimos anos, exatamente nos anos que antecedem as comemorações dos 200 anos da cidade de Ponta Grossa, Emília tem sido recolocada em lugar de destaque.

Possivelmente, seus pais, José Joaquim e Marcelina Dantas, não imaginaram que a filha Emília, nascida em 26 de outubro de 1907, seria de algum modo eternizada na história de Ponta Grossa, em virtude de seu legado como educadora e escritora³.

Emília nasceu na casa de sua família, na Chácara Dantas, atualmente na região central de Ponta Grossa, Paraná. Foi batizada na Igreja Matriz (Catedral), no dia 25 de dezembro de 1907, com o nome de Emília Marcellina. Seu pai era português, e sua mãe espanhola e se casaram em 12 de dezembro de 1891, em Morretes. O filho mais velho do casal, Antônio Alberto Caetano Dantas, nasceu na Lapa, em 1893. Os demais filhos nasceram em Ponta Grossa: Maria, em 1895; Theresa, em 1896; e José Joaquim, em 1897, os quais faleceram quando crianças; Eduardo nasceu em 1899; Manoel, em 1901; Carlos, em 1903; Maria Elvira, em 1905; Emília, em 1907; José, em 1909; César, em 1911; Judith, em 1913; e Marcelina, em 1916⁴.

³ Emília nasceu em 26 de outubro de 1907. No entanto, em seu registro de nascimento, no Cartório Santana Ponta Grossa, consta como nascida em 1º de novembro de 1907 (Registro nº 4348, Livro A-006, folhas 201, datado de 08/11/1907). No registro do seu batismo, realizado na Igreja Matriz de Ponta Grossa, consta o seguinte: “Aos vinte e cinco de Dezembro de mil novecentos e sete nesta Matriz o R. P. José J. M. Hassemmer baptisou solenemente à Emilia Marcellina, nascida aos vinte e seis de outubro, filha legítima de José Joaquim Dantas e Marcellina Lopes Dantas, padrinhos José David da Silva e N^a Senhora Sant’Anna” (Livro de Registro de Batismos da Igreja Matriz de Ponta Grossa – 1905-1910, p. 82, registro 565). De acordo com familiares, pessoalmente, ela considerava o dia 26 de outubro como a data de seu aniversário.

⁴ Os anos de nascimento e morte são os seguintes: José Joaquim Dantas (1858-1926) e Maria Marcelina Lopes Dantas (1874-1943). Filhos: Antonio Alberto Caetano (1893-1952) casou-se com Helena Matter Dantas (1901-1988) e tiveram os filhos Neusa, Nadyr, Moacyr e Raul. Eduardo

A epopeia da família Dantas em Ponta Grossa foi bem narrada por Judith Dantas Pimentel (1913-1989) no livro *Numa pequena cidade do grande mundo*, originalmente publicado em 1970 e reeditado, em 2021 (Pimentel, 2021)⁵. Foi no cenário da Chá-cara Dantas que Emília cresceu. Estudou no Grupo Escolar Senador Correia, depois na Escola Complementar e na Escola Normal de Ponta Grossa. Diplomou-se na Escola Normal Pri-mária em 1926⁶ e na Escola Normal secundária, em 1934.

Em um breve *curriculum vitae* de Emília, sem indicação de autoria e preservado por uma de suas sobrinhas (Maria da

(1899-1943) casou-se com Mathilde Santi Dantas (1906-1986) e tiveram uma filha, Ida. Manoel (1901-1965) casou-se com Vicentina Missino Frugulhetti Dantas (1902-1996) e tiveram três filhos: Antônio Joaquim, Ayrton e Yvonne. Carlos (1903-1956), solteiro. Maria Elvira (1905-1958) casou-se com Augusto Correia Santos (1902-1969) e tiveram três filhas: Margarida, Carmen e Norma. Emília (1907-1978) casou-se com Odilon Lustoza Ribas (1897-1960) e não tiveram filhos. José (Dantinha) (1909-1942) casou-se com Edwiges Doná Dantas (Didi) (1917-1999) e não tiveram filhos. César (1911-1964) casou-se com Judith Ramalho Cruz Dantas (1922-2023) e tiveram cinco filhos: José Inácio, Maria da Penha, César Eduardo, e as gêmeas Maria del Cármen e Maria Marcelina. Judith (1913-1989) casou-se com Levi Pimentel (1906-1958) e teve os filhos: José Carlos, Edgar e Sonia; posteriormente, casou-se com Nicolau Balasz Barros (1913-1989). Marcelina (1916-2007), solteira.

⁵ O cenário principal da narrativa de Judith é a Chácara Dantas, uma extensão de terra que começava na região onde atualmente se situa o Hospital Unimed até a pedreira que fica ao fundo do Hospital da Criança. A pedreira do atual Parque Margherita Masini pertencia à chácara. Uma parte das pedras usadas nas ruas e nas calçadas da região central foram de lá extraídas (Rua Sant'Ana, Augusto Ribas, Marechal Deodoro e outras). É curioso que, até hoje, no mapa da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, consta o nome Chácara Dantas no Parque existente entre as ruas Balduino Taques e a extensão da rua Padre Lux. Na chácara, a família residia na velha “casa de pedras”, que se situava no lugar onde atualmente é o estacionamento do Hospital Unimed, na Rua General Osório, demolida alguns anos antes da publicação do livro de Judith, em 1970.

⁶ No livro *Educadores ponta-grossenses*, Joselfredo Cercal de Oliveira (2002) cita que Emília concluiu a Escola Normal Primária, em 1929. Outras biografias de Emília informam o ano de 1926.

Penha), consta que ela sempre conseguia as primeiras colocações, sendo considerada uma “aluna de alta capacidade intelectual”. Após a morte do pai, em 1926, aos poucos, sua mãe vendeu partes da chácara. Na década de 1930, Emília, sua mãe e sua irmã Marcelina mudaram-se da “casa de pedras” situada na Chácara Dantas (Rua General Osório) para a Rua Padre Lux, 260, casa ainda preservada.

Emília iniciou a sua carreira como professora primária em 1924, lecionando no Grupo Escolar Senador Correia e na Escola de Aplicação, que funcionava em anexo à Escola Normal de Ponta Grossa. Em virtude do seu destacado trabalho como professora primária, foi convidada para ser a primeira diretora do Grupo Escolar Prof. Julio Theodorico, inaugurado em 1935⁷. Em 1938, Emília tornou-se professora da Escola Normal de Ponta Grossa e, mais tarde, foi promovida à professora catedrática. Foi diretora da Escola Normal (Escola de Professores), de 1940 a 1946, tendo sido a primeira mulher a ocupar essa função desde a fundação da escola, em 1924.

Em 7 março de 1946, Emília se casou com Odilon Lustoza Ribas (1897-1960) e transferiu domicílio para Curitiba⁸. Lá, passou a lecionar no Instituto de Educação, onde atuou também como assistente técnica, em 1949. Aposentou-se em 1957, motivada principalmente pelos problemas de saúde de seu esposo. Mesmo aposentada, Emília continuou ministrando palestras sobre educação e teve relevante participação em entidades culturais e literárias.

⁷ Na placa de inauguração, a grafia é “Grupo Escolar Professor Julio Theodorico”. Ao longo do tempo, passou a ser grafado como Júlio Teodorico. Neste livro, mantivemos a grafia utilizada em cada obra citada.

⁸ O casamento civil foi realizado na casa de Emília (Rua Padre Lux, 260). Assinaram o livro de registro: Joaquim Meneleu de Almeida Torres, Odilon Lustoza Ribas, Emília Dantas, Julio Azevedo, Ophelia Pelissari Azevedo, Augusto Correia Santos, Elvira Dantas Santos, Antonio Alberto Candido Dantas e Balbina Martins Ribas.

Como professora da Escola Normal em Ponta Grossa e em Curitiba, inúmeras vezes foi escolhida como paraninfa de formaturas. Jordana Botelho (2011), em sua pesquisa sobre Jardim de Infância, apresenta dados que mostram o comprometimento de Emília na formação de professores/as no Instituto de Educação, de Curitiba. Em 1950, a formanda Cecy Cabral, em sua “oração de final de curso”, assim descreveu Emília:

Dona Emília Dantas Ribas é professora alegre e sincera que anima e dá às alunas a perfeita compreensão da vida. As suas palestras nunca são monótonas. Onde Dona Emília está, também se encontram vivacidade e animação. É também uma professora experiente e culta que nos faz discernir a responsabilidade do magistério (Oração, 1950, p. 5).

Emília publicou seus primeiros poemas na década de 1930, no “Jornal das Môças” (Rio de Janeiro) e na “Página feminina” do jornal “Diário dos Campos” (Ponta Grossa), que era dirigida por Helena Kolody. Publicou também artigos no jornal “O Dia” (Curitiba), na “Revista do Centro Paranaense Feminino de Cultura” e na “Revista da Academia Feminina de Letras do Paraná”. Além de poemas, publicou também textos em prosa e artigos sobre educação (Educação rural, Analfabetismo, Caligrafia na escola). Um texto que bem caracteriza a importância dos escritos de Emília é o intitulado “A mulher e o alistamento”, publicado em “O Dia”, em setembro de 1945, no qual conclama as mulheres ponta-grossenses para se alistarem e, assim, estarem aptas a votar. Para Emília, as mulheres poderiam defender, com seu voto, “[...] o patrimônio da liberdade que herdaram de seus antepassados” (Dantas, 1945, p. 3). Para ela, as mulheres precisariam acostumar-se a cultivar o interesse pelos assuntos públicos.

Em 1949, Emília publicou *A primavera voltará*, pela Editora Guáira (Curitiba). Em uma biografia do acervo da Academia Feminina de Letras do Paraná, há a informação de que a tiragem foi de 1.000 cópias. A importância dessa obra está em seu conteúdo e, também, no fato de ser considerado o primeiro romance escrito e publicado por uma mulher, nos Campos Gerais, Paraná. Nesse livro, Emília retrata as vivências e os dramas de uma professora (Vanira Conceição), na cidade de Monte Belo. Em algumas passagens, o romance de Emília parece inspirar-se no contexto geográfico e cultural de Ponta Grossa. Um dos trechos do livro parece resumir o ideal de educação que Emília abraçou: “[...] a escola é infinitamente consoladora. O riso da infância é como o bálsamo que suaviza todas as dores” (Ribas, 2022, p. 124).

Em nossas pesquisas, encontramos diversas dedicatórias de Emília para os seus familiares e para familiares de seu esposo Odilon, datadas de janeiro de 1950. Há também evidências que Emília enviou exemplares para outros escritores e para o “Jornal do Paraná” (Notícias, 1950), entre outros jornais. Há diversas notícias sobre *A primavera voltará*, em jornais dos primeiros anos da década de 1950, bem como comentários publicados por Serafim França (10/04/1950, no “Diário dos Campos”); José Augusto (23/05/1950, no jornal “O Dia”); Eloy de Montalvão (20/04/1951, no Jornal “O Dia”) e Berilo Neves (publicado em 1953, em “Ilustração Brasileira”). Todos destacaram a alta qualidade da obra.

Emília integrou diversas entidades culturais e literárias. Era integrante do “Centro Cultural Euclides da Cunha”, em Ponta Grossa. Em 1950, foi eleita sócia para a Academia de Letras José de Alencar (ALJA), ocupando a Cadeira 16, cujo patrono é Joaquim Dias da Rocha Filho. Emília foi a primeira ocupante. Em seguida, foi ocupada por Astrogildo de Freitas e, atualmente, por Nylzamira Cunha Bejes.

Em 1951, tornou-se sócia do Centro de Letras do Paraná, depois de ter sido premiada no Concurso de livros da instituição, do ano de 1949. Ela participou ativamente das atividades desse Centro. Em 1970/1971, participou da criação e da instalação da Academia Feminina de Letras do Paraná, com Pompília Lopes dos Santos, Helena Kolody, Luiza Dorfmund, Maria Nicolas, Eleonora Amaral de Angelis e outras escritoras. Tomou posse na Academia no dia 20 de abril de 1974, ocupando a cadeira nº 30, cuja patrona é Judith Silveira⁹. Em Curitiba, participava também das atividades do Centro Paranaense Feminino de Cultura.

Após uma vida intensa como professora, escritora e participante ativa de movimentos culturais e literários, Emília faleceu no dia 19 de janeiro de 1978, às oito horas, de infarto do miocárdio, no apartamento da Rua Barão do Cerro Azul, 206, em Curitiba, no qual residia com sua irmã Marcelina. Na pequena biografia (sem indicação de autoria), consta que Emília “Continuou escrevendo até a morte, que a alcançou de surpresa. Em sua alma privilegiada, vivia perenemente a artista da palavra, a poetisa da beleza, da harmonia e da luz. Sua obra é perene. Bela. Profunda. Musical”. Conforme seu desejo, foi sepultada no túmulo da família Ribas, onde está sepultado seu esposo, no Cemitério São José, em Ponta Grossa (Quadra 3, túmulo 136). Apesar disso, no túmulo da Família Dantas (Quadra 15, túmulo 1234), há também uma placa com o nome de Emília, pois como contou seu sobrinho Prof. Antônio Joaquim Dantas: “Ela faz parte da família e seus pais e todos os seus irmãos e irmãs estão sepultados lá”.

Em Ponta Grossa, sua cidade natal, em 1991, foi aprovada a Lei nº 4636/1991, que instituiu o “Mérito Educacional Emília Dantas Ribas” (Ponta Grossa, 1991), que se destina a premiar

⁹ Emília foi a primeira ocupante da cadeira nº 30. Posteriormente, foi ocupada por Argentina de Melo e Silva. Atualmente, é ocupada por Maria do Rosário Knechtel.

pessoas físicas ou jurídicas ponta-grossenses que tenham prestado relevantes serviços ou tenham se destacado no setor do ensino. Embora essa lei, até o presente, não tenha sido regulamentada ou aplicada, trata-se de uma homenagem relevante.

A reedição de *A primavera voltará*, no ano de 2022, pela Editora UEPG, permitiu que a obra de Emília esteja novamente disponível ao grande público. O fato de Emília ter integrado a Academia Feminina de Letras do Paraná e a Academia de Letras José de Alencar (Curitiba) a imortaliza como escritora paranaense.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, José. Crônicas esparsas. **O Dia**, Curitiba, n. 08413, 23 maio 1950, p. 5. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=092932&hf=memoria.bn.br&pagfis=69205>. Acesso em: 11 jul. 2023.

BOTELHO, Jordana Stella. **Prescrições para os Jardins de Infância paranaenses**: do Programa de Experiências de 1950 ao Regimento e Planejamento de Atividades de 1963. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

DANTAS, Emília. A mulher e o alistamento. **O Dia**, Curitiba, n. 06776, 29 set. 1945, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=092932&hf=memoria.bn.br&pagfis=56356>. Acesso em: 11 jul. 2023.

FRANÇA, Serafim. Honrosas referências à escritora ponta-grossense Emília D. Ribas. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 10 abr. 1950, p. 6.

MONTALVÃO, Eloy de. A primavera voltará. **O Dia**, Curitiba, n. 08684, 20 abr. 1951, p. 5. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=092932&hf=memoria.bn.br&pagfis=71955>. Acesso em: 11 jul. 2023.

NEVES, Berilo. Uma romancista paranaense. **Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, ano XLIV, v. 224, p. 150, dez. 1953. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/107468/per107468_1953_00224.pdf. Acesso: 13 jul. 2023.

NOTÍCIAS da Imprensa sobre “A primavera voltará”. **O Dia**, Curitiba, n. 08315, 20 jan. 1950, p. 4. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=092932&hf=memoria.bn.br&pagfis=68106>. Acesso em: 11 jul. 2023.

OLIVEIRA, Joselfredo Cercal de. **Educadores ponta-grossenses: 1850-1950**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2002.

ORAÇÃO de final de Curso pronunciada pela graciosa Srta. Cecy Cabral. **Diário da Tarde**, Curitiba, n. 17.208, 23 dez. 1950, p. 5. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800074&pasta=ano%20195&pesq=ORA%C3%87%C3%83O%20de%20final%20de%20Curso%20pronunciada%20pela%20graciosa%20Srta.%20Cecy%20Cabral&pagfis=79352>. Acesso: 13 jul. 2023.

PIMENTEL, Judith Dantas. **Numa pequena cidade do grande mundo**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2021.

PONTA GROSSA. **Lei nº 4636/1991**. Institui o mérito educacional Emília Dantas Ribas. Ponta Grossa: Câmara Municipal, [1991]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/p/ponta-grossa/lei-ordinaria/1991/464/4636/lei-ordinaria-n-4636-1991-institui-o-merito-educacional-emilia-dantas-ribas>. Acesso em: 9 jul. 2023.

RIBAS, Emília Dantas. **A primavera voltará**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2022.



CAPÍTULO 2

Fotobiografia de Emília Dantas Ribas

Luísa Cristina dos Santos Fontes

Haverá, então, em mim própria, a verdadeira reconstituição de todo o passado; em cada dia eu lançava ali novas palavras; é como um diário interrompido mas que prosseguiu ao longo dos tempos.

(Emília Dantas Ribas)¹

Em *A câmara clara*, Roland Barthes (1984) trata da fotografia de maneira pessoal, especificamente no segundo capítulo, quando se coloca diante de um retrato da mãe falecida e reconhece que olhar uma foto é um jeito de reviver quem já morreu, de constatar que aquela pessoa realmente existiu e captar algo em sua essência ou “alma”. Pode ser, ainda, uma experiência de descobertas sobre o retratado – re(pro)duzindo: o álbum de fotografias é de uma riqueza irredutível a palavras. Mas, afinal, fotografias mostram ou escondem?

O poeta Charles Baudelaire, nos tempos do surgimento da fotografia, já antevia suas possibilidades e suas imponderabilidades: “Que a fotografia salve do esquecimento as ruínas pendentes, os livros, as estampas e os manuscritos que o tempo devora, as coisas preciosas cuja forma desaparecerá e que pedem um lugar nos arquivos de nossa memória, e ela terá

¹ Emília Dantas Ribas (2022, p. 138).

nosso agradecimento e nosso aplauso” (Baudelaire, 1859 *apud* Benjamin, 2006, p. 731)

Juntando fragmentos, reflexões e genuflexões que se calaram em nosso espírito, propomos a imagem de Emília Dantas Ribas, tomando como eixo suas relações com a vida, as facetas da mulher e da escritora, para muito além e aquém dos seus 70 anos – sua pré e pós-história². Textos e ícones justapostos, colhidos na obra publicada e entre documentos de acervos públicos e particulares constituem a sua biografia em uma estrutura aberta, na qual se pode acompanhar trajetos do indivíduo, da artista e da intelectual. Nádia Battella Gotlib (1997, p. 15), biógrafa de Clarice Lispector, estabelece algumas diretrizes para o gênero:

O gênero da “Biografia” pressupõe um repertório de recursos que são usados objetivando a definição de um perfil, ou de um caráter, ou da personalidade do biografado, que aí aparece a partir de seu percurso de vida. Assim sendo, de que vale esta vida grafada, sem o seu estatuto de projeção de, ou de construção a partir de quem a viveu? Fatos e documentos significam enquanto tal, enquanto biográficos, como substâncias que incorporam um ser, traduzindo-lhe experiências, que nos chegam como se fossem verdades, atestadas que são pela condição de manifestações de vida de alguém, que conhecemos, de modo mais ou menos direto, alguém que sabemos, pelo menos, quem foi, através de traços: nome, nacionalidade, atividades, emoções, desejos, ansiedades, aflições...

² Reflexões por mim propostas em minha tese de Doutorado (ver Fontes, 2012).

Para Sérgio Vilas-Boas (2008), as vidas e as obras (do biógrafo e do biografado), em sentido amplo e ilimitado, estão imbricadas em uma mesma aventura – a aventura das interpretações possíveis e das compreensões necessárias. De maneira idêntica, vida e obra são indissociáveis. Nesse sentido, não há como escapar à condição de que somos sujeitos que lidam com outros sujeitos, portanto a compreensão envolve também afetos. Perpassando o biógrafo Alberto Dines, ele relewa que o biógrafo não pode se fechar somente no seu personagem central: “[...] acredito em multibiografias... biografias são, na verdade, multibiografias, compartilhadas, estendidas, plurais”. Vale dizer: “[...] o biógrafo do biógrafo do biógrafo encontra-se num jogo de espelhos que pode nos levar ao infinito” (Vilas-Boas, 2008, p. 24).

Ao recuperarem-se fatos de sua vida, está se fazendo mais do que simplesmente recordá-los. Lembrar é descobrir, reconstruir, refazer. Seus nós de coerência, conforme prega Michel Foucault. No gesto de rememorar, há memorar e morar, atividades produtoras que tecem com ideias e imagens do presente a experiência do passado.

Por fim, o valor da biografia se justifica principalmente pelo biografado³. A visceralidade da experiência de vida que seus textos e os textos sobre os seus textos expressam ressalta uma profunda e específica experiência de mulher – leitora, professora e escritora. Neste amálgama em que cabem os dias e os trabalhos de Emília Dantas Ribas, repleto de significados, sobressai sempre seu fundo compromisso com a humanidade. Em cada página, procuramos recuperar a sua delicadeza e a sua grandeza, o espírito ímpar que faz de sua obra um tesouro literário. Vida em insondável devir. A biografia/fotobiografia é mais do que o gesto de repetição, seu estatuto é o do conheci-

³ Conforme já apontei no texto *Helena Kolody: reminiscências de leitura e escola* (Fontes, 2008).

mento e do reconhecimento. “Só uma vida ainda é insuficiente para que se complete uma obra. Daí que todo artista estará deixando, invariavelmente, como prodigiosa herança, as páginas em branco, o livro futuro do que quis dizer a sua escritura – a ser completada pelos que lhe sucederem” (Bueno, 1986).

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BUENO, Wilson. As armas do coração. *In*: KOLODY, Helena (org). **Um escritor na biblioteca**. Curitiba: BPP/SECE, 1986. [Encarte].

FONTES, Luísa Cristina dos Santos. **Helena Kolody**: reminiscências de leitura e escola. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: Editora Mulheres, UFSC, 2008. Disponível em: https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST66/Luisa_Cristina_dos_Santos_Fontes%20_66.pdf. Acesso em: 20 jul. 2023.

FONTES, Luísa Cristina dos Santos. **Helena Kolody, carbono & diamante**: uma biografia ilustrada. 2012. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

GOTLIB, Nádia B. Clarice Lispector biografada: questões de ordem teórica e prática. *In*: SCHPUN, Mônica Raísa (org). **Gênero sem fronteiras**: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997. p. 15-23.

RIBAS, Emília Dantas. **A primavera voltará**. 2. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2022.

VILAS-BOAS, Sergio. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Unesp, 2008.



Área que pertencia à Chácara Dantas, proximidades do Premium Vila Velha Hotel (Ponta Grossa, Paraná). Fotografia de Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Em pé, da esquerda para a direita: César Dantas, Manoel Dantas e José Dantas. Sentados: Antonio Alberto Caetano Dantas, Marcelina Dantas (mãe) e Carlos Dantas. Irmãos de Emília Dantas Ribas, início dos anos de 1940. Fotografia do acervo de Marlou Santos Lima Pilatti. Fotografia de Bianchi.



José Joaquim, sua esposa, Marcelina Dantas, e filhos. Emília Dantas é a primeira mulher em pé, à direita. 1920. Fotografia do acervo de Margarida Santos Lima e Marlou Santos Lima Pilatti.



A jovem Emília Dantas. Fotografia do acervo de Maria da Penha Dantas Roeder.



Emília, Maria Elvira e Marcelina.
Fotografia do acervo de Margarida Santos Lima e Marlou Santos Lima Pilatti.



Edwiges (Didi) Doná Dantas e José Dantas (Dantinha). Década de 1940. Álbum de fotografias do acervo de Marlou Santos Lima Pilatti, doado para a Academia de Letras dos Campos Gerais.



Professor Antônio Joaquim Dantas, sobrinho de Emília.



Emília, a primeira à esquerda, e amigas.
Fotografia do acervo de Maria da Penha Dantas Roeder.



Corpo docente do Grupo Escolar Prof. Julio Theodorico, 1937.
Fotografia do acervo de Maria da Penha Dantas Roeder.



1938



Anos de 1940



1938



Formatura no Instituto de Educação do
Paraná, Curitiba. 1957.

Emília em retratos do acervo de Maria da Penha Dantas Roeder.



Judith Dantas Pimentel, irmã de Emília, autora de *Numa pequena cidade do grande mundo*, publicado em edição autoral em 1970.



Marcelina Dantas, irmã de Emília. Fotografia do acervo de Maria da Penha Dantas Roeder.



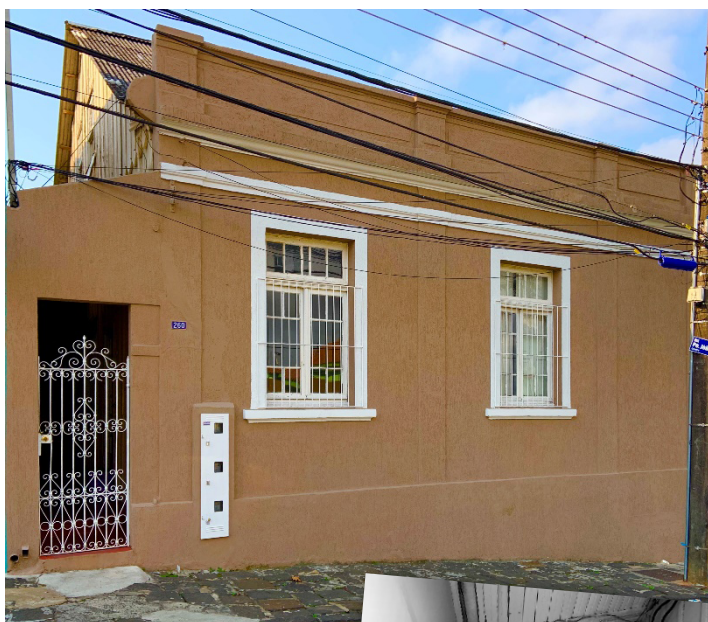
Emília e Odilon. Fotografias do acervo de Maria da Penha Dantas Roeder.



Odilon e Emília, em Guaratuba, em julho de 1953.

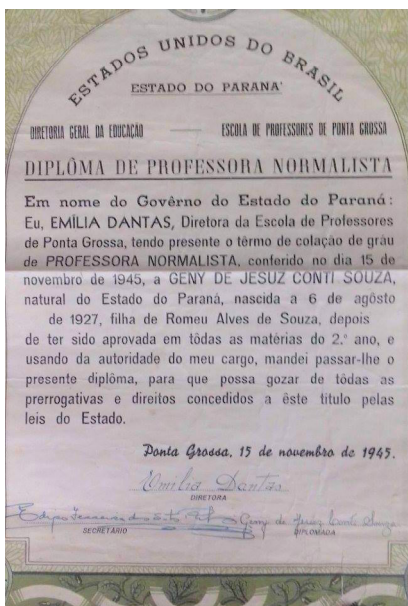


Legenda de Helena Kolody: “Corpo Docente do Curso Normal do Instituto de Educação (Curitiba), 1957”. Emília Dantas Ribas é a primeira sentada à direita; Helena Kolody está em pé, no meio da foto, em frente à cortina preta. Fotografia do Museu Virtual Helena Kolody, acervo de Eduardo Kolody.



Casa em que moraram na
Rua Padre Lux, 260 - Ponta
Grossa, provavelmente do
início da década de 1930 a
1946. Fotografias de Luísa C.
S. Fontes.





Diploma de Professora Normalista de Geny de Jesus Conti Souza (Ribas), atribuído pela Diretora da Escola de Professores, Prof.^a Emília Dantas (Ribas). Acervo de Osmário de Souza Ribas.



Academia Feminina de Letras do Paraná, Cadeira n.º 30, cuja Patrona é Judith Silveira, e a Presidente da instituição era Pompília Lopes dos Santos. Acervo de Maria da Penha Dantas Roeder.



Placas no interior do Colégio Estadual Professor Julio Teodorico (2020).
Fotografias de Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Galeria de Diretores do Colégio Estadual Professor Julio Teodorico (2020).
Emília Dantas foi a primeira diretora, no período de 1935-1938. Fotografia de
Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Galeria de Diretores do Instituto de Educação Professor Cesar Prieto Martinez (2020). Fotografia de Luísa Cristina dos Santos Fontes.

JORNAL DAS MOÇAS

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Directores: ALVARO MENEZES e AGOSTINHO MENEZES

Redacção e Administração: RUA PEDRO I, 16 — sob. — Rio de Janeiro — Brasil — Tels. 22-2330 e 22-7254

ANNO XXIV

Rio de Janeiro, 3 de Fevereiro de 1938

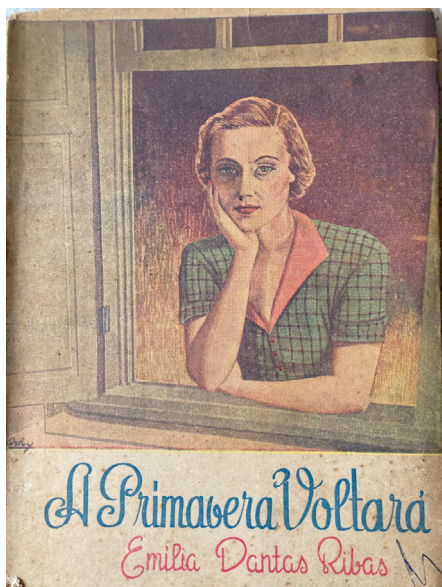
NUM. 1181

VELHICE

Você é egoísta, meu amigo. — Você sorri, quando lhe digo que a vida custa tanto a passar... Você sorri, incredulo, quando lhe digo que não temo a velhice, a vida que é sadade, apenas... E, junto ao espelho você procura, vaidoso, arrancar o seu primeiro cabelo branco, sempre o primeiro porque os arranca todos, e murmura, baixinho: — Ah! Se eu tivesse menos dez annos de vida!... Eu rio de você, rio da vaidade tola que você tem, receiando a opinião do mundo e procurando fantasiar a natureza — sábia, como que tentando illudil-a. Mas, se você soubesse como hei de achar linda a neve que virá pratear o castanho de meus cabellos... A neve destroe tudo, meu amigo. E quando ella vier, fugirão em bando as emoções que me torturaram... A velhice não sonha. Recorda, apenas... E o que mais quer você da vida? Já teve mocidade, e, nella, amanhceu psalmodiando o canto entusiastico da esperança para que todos o ouvissem. E gritou, a plenos pulmões, toda a alegria de seu sangue moço! E construiu, nas alturas, invejando a sumptuosidade do palacio de Xerxes, um castello bonito e sumptuoso. E viveu, engalanando os seus sonhos, descurado da vida que o espreitava, rindo, quando o primeiro cabelo branco o surpreendeu. Você, naquelle dia, não sorriu. Scismava. Os seus olhos lindos vestiram-se de luto. E porque, meu amigo, você não se conformou com a vida, que ri de escancaras de sua vaidade tola. Você queria o filtro da mocidade eterna. Mas se o bebesse? E sentisse que não envelheceria nunca? Que os seus cabellos seriam sempre negros, lúdios? Que o seu coração não teria entardecer, porque a aurora alimenta sonhos e esperanças... E os outros, ao seu redor, aquelles que viveram a sua vida, que commungaram de seus sonhos, os outros viveriam de epopéas mortas, de crenças destruidas, de sandices, de recordações... Seriam velhos, todos. E você, apenas, com a sua mocidade egoísta, novo Fausto contrastando com a decadencia dos outros... Você, deslocada sua alma para a geração nova que o seu egoismo quizera acompanhar, você choraria, meu amigo. E diria: — Quero o descanso, a tranquillidade, a paz. Mas os seus cabellos continuariam negros, lúdios, e o seu coração, mais cansado do que nunca, falaria: Basta! Quero repousar! E quando a morte viesse, havia de encontrar-o mais fatigado do que os velhos, mais inútil do que aquelles que tiveram, antes da ultima jornada, o descanso no caminho. E, só então, meu amigo, você invejaria os cabellos prateados da velhice, porque nelles reside a sabedoria de Deus! — EMILIA DANTAS

— 41 —

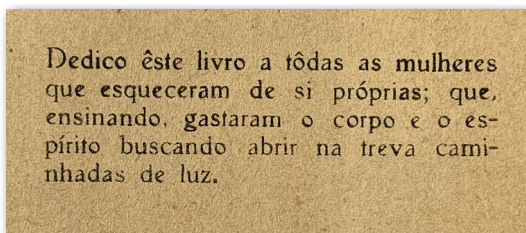
Emília era colaboradora assídua do “Jornal das Moças”, Rio de Janeiro.
Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.



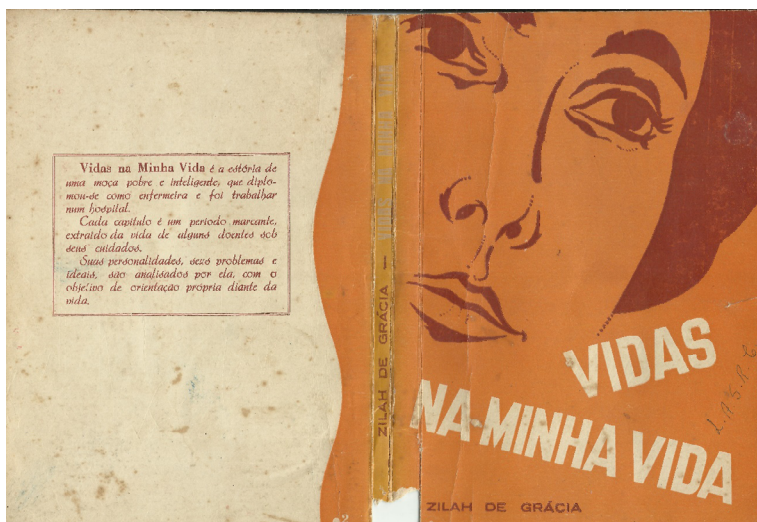
Capa do livro *A primavera voltará*, de Emília Dantas Ribas, 1949.



Capa de *A primavera voltará*, de Emília Dantas Ribas, Editora UEPG, 2022.



Dedicatória do romance *A primavera voltará* (1949)



O livro da escritora Zilah de Grácia foi prefaciado por Emília Dantas Ribas, em 1966. A ponta-grossense Zilah Grácia de Araújo (1926-1987) foi jornalista nos principais periódicos paranaenses. Livro do acervo de Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Zilah de Grácia. Acervo do Centro de Documentação de Literatura de Autoria Feminina Paranaense, Universidade Estadual de Maringá.



Emília Dantas Ribas, em 1957. Fotografias do acervo de Marlou Santos Lima Pilatti e Maria da Penha Dantas Roeder



ESTADO DO PARANÁ
GOVERNADOR

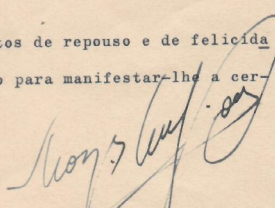
Curitiba, 22 de junho de 1.957.

C/667.

Exma. Snra. Prof. EMÍLIA DANTAS RIBAS
Instituto de Educação
N/Capital.

No momento em que lhe é concedido o justo prêmio da aposentadoria, depois dos longos anos em que ser viu aos altos interesses da administração pública, meu Governo cumpre o dever de expressar os melhores agradecimentos pela dedicação e zelo demonstrados no cumprimento das suas missões.

Formulando votos de repouso e de felicidade de pessoal, aproveito a ocasião para manifestar-lhe a certeza do mais distinto apreço.


Moyes Lupion
Governador.

esc/cms.

Carta do Governador do Estado do Paraná, Moyses Lupion, por ocasião da aposentadoria da Professora Emília Dantas Ribas, 1957. Acervo de Maria da Penha Dantas Roeder.



Slide do acervo de Dado Dantas. Da esquerda para a direita: Lourival Santos Lima, Margarida Santos Lima, Carmen Santos Peixoto, Alceu Grácia Peixoto, Emília Dantas Ribas, Judith Dantas Pimentel e Nicolau Balasz Barros. Agachada está a menina Denise. Rua Benjamin Constant, esquina com Marechal Deodoro, Ponta Grossa, década de 1970.



Emília Dantas Ribas, 1971.



Caixas de Emília Dantas Ribas. Acervo de Maria da Penha Dantas Roeder.



Túmulos da família no Cemitério Municipal São José, Ponta Grossa. O corpo da escritora está sepultado na capela da Família Ribas (túmulo 136, quadra 3, foto da direita). A fotografia à esquerda é do túmulo da família Dantas (túmulo 1234, quadra 15), no qual há também uma placa com o nome de Emília. Fotografias de Luísa Cristina dos Santos Fontes e de Jefferson Mainardes.



Jefferson Mainardes lê a sua crônica "Partida e recomeço", dedicada a Emília Dantas Ribas e Marcelina Dantas, selecionada pelo Projeto Crônicas dos Campos Gerais, da Academia de Letras dos Campos Gerais. Mostra PGMemória, em comemoração aos 200 anos de Ponta Grossa, 18 de agosto de 2023, Lago de Olarias. Fotograma de Luísa Cristina dos Santos Fontes



CAPÍTULO 3

Emília Dantas Ribas: uma intelectual ponta-grossense

Karina Regalio Campagnoli

INTRODUÇÃO

Emília Dantas Ribas, ponta-grossense nascida em 1907, formou-se professora primária e iniciou sua carreira docente em 1924 no Grupo Escolar Senador Correia e na chamada Escola de Aplicação de Ponta Grossa, Paraná. Nos anos de 1930, ela conquistou o feito de tornar-se a primeira diretora do Grupo Escolar Julio Theodorico e, mais tarde, também ocupou a direção da Escola de Professores e da Escola Normal, ambas no município de Ponta Grossa. Com a carreira docente, ela também se desenvolveu como autora, escrevendo poemas, artigos e ensaios em revistas e jornais, além de textos em prosa.

O romance intitulado *A primavera voltará*, de sua autoria, foi publicado em 1949 pela Editora Guaíra, de Curitiba, e foi reeditado em 2022 pela Editora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Essa obra configura-se como um marco para a escrita feminina dos Campos Gerais, região da qual Ponta Grossa faz parte, pois, de acordo com o apontado por Silvana Oliveira, no prefácio da reedição de 2022, *A pri-*

mavera voltará é considerado o “[...] primeiro livro escrito por uma mulher ponta-grossense” (Oliveira, 2022, p. 9).

Joselfredo Cercal de Oliveira, em sua obra de cunho memorialista, cujo título é *Educadores ponta-grossenses: 1850-1950*, publicada em 2002, revela que Emília Dantas, após casar-se em 1946, passou a assinar Emília Dantas Ribas, adotando o sobrenome do cônjuge. Nessa obra, o autor explica que Emília articulou a carreira de professora e diretora com a de escritora, conforme pode ser observado neste excerto:

Nasceu em Ponta Grossa em 1º de novembro de 1907, filha de Joaquim Dantas e Marcelina Dantas. Foi casada com Odilon Lustosa Ribas, pertencente a uma das famílias tradicionais ponta-grossenses. Ao ensino ponta-grossense a família Dantas deu três educadoras: as irmãs Judith, Emília e Marcelina. A professora Emília iniciou seus estudos no Grupo Escolar Senador Correia, onde foi aluna de três das primeiras professoras normalistas vindas para Ponta Grossa: Octacília Hasselmann de Oliveira, Judith Macedo Silveira e Lúcia Dechandt. [...]. Tornou-se professora normalista pela Escola Normal Primária de Ponta Grossa em 1929. [...]. Exerceu com sobriedade o cargo de primeira diretora do Grupo Escolar Professor Júlio Teodorico, atualmente colégio estadual, e, por várias vezes, a direção da Escola Normal Primária de Ponta Grossa, atual Instituto Estadual de Educação Professor César Prieto Martínez. Autora de vários estudos e empreendimentos na área do ensino público, destacou-se também no campo literário, com trabalhos que mereceram críticas de nível intelectual elevado, destacando-se o romance *A primavera voltará*. Esteve presente nos principais jornais e revistas editados no Paraná e era um nome muito respeitado nos círculos culturais do Estado. Como

reconhecimento de seus méritos literários, em 1971 foi escolhida para a Academia Feminina de Letras do Paraná [...]. Emília Dantas Ribas faleceu em Curitiba em 19 de janeiro de 1978 (Oliveira, 2002, p. 172-173).

Assim, neste capítulo, reflete-se sobre a vida e a obra de Emília Dantas Ribas, como intelectual, e suas estratégias para se inserir e se firmar em um campo ainda pouco acolhedor às mulheres. Para fundamentar essas análises, serão mobilizadas as contribuições de alguns autores, como o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989a, 1989b, 1996, 2004, 2008), a partir dos conceitos de campo, capital e *habitus*.

Além disso, as pesquisas de Lôbo (2010), Mignot (2002), Perrot (1998) e Sapiro (2012, 2022), entre outras, também ajudam a fundamentar as ações realizadas por Emília Dantas Ribas em relação à sua construção de intelectual, lembrando que, no contexto em que a referida autora atuou, ainda não era tão comum a presença de mulheres nos universos letrados.

A CONSTITUIÇÃO DE UMA INTELLECTUAL: VIDA E OBRA DE EMÍLIA DANTAS RIBAS

A ideia de intelectual, para Pierre Bourdieu (1989a, 1989b, 1996), relaciona-se à noção de campo intelectual como espaço de disputas e de poder, em que muitas variações nos níveis de autonomia podem se desenvolver devido a infinitas combinações. Essa compreensão pode ser estendida para a análise sobre a vida e obra de Emília Dantas Ribas, considerando que, pelo fato de ser mulher e de viver no contexto histórico das primeiras décadas do século XX no Brasil, ini-

ciando sua produção intelectual em torno dos anos de 1930, possivelmente ela precisou lançar mão de diversos elementos de que dispunha, para poder competir por um espaço de atuação, no caso, de publicação e de circulação de seus escritos.

Sobre o conceito de campo, compreendido aqui como o campo da escrita e relacionado especificamente no que diz respeito à autoria feminina, Bourdieu (1996) explica que se trata do espaço de atuação dos agentes – terminologia adotada pelo autor –, em que as relações de poder se desenvolvem, a partir de inúmeras complexidades e contradições. Nesse sentido, Bonnewitz (2003, p. 60-61), um dos mais conhecidos intérpretes da obra de Bourdieu, explica que

[...] um campo pode se conceber como um mercado, com produtores e consumidores de bens. Os produtores, indivíduos dotados de capitais específicos, se enfrentam. A razão dessas lutas é a acumulação da forma de capital que garante a dominação do campo. O capital aparece então, ao mesmo tempo, como meio e como fim. A estrutura do campo, num dado momento histórico, mostra a relação de forças entre os agentes. Nesse sentido, o campo é um espaço de forças opostas.

Desse modo, para fazer-se presente e disputar espaço em um ambiente ainda pouco receptivo às mulheres, Emília Dantas Ribas fez uso de diferentes elementos. Um deles refere-se ao aporte global de capital que ela conseguiu desenvolver e acumular ao longo da vida. Sobre isso, Bourdieu (1989a) explica que existem quatro modalidades diferentes de capital, distinguindo esse conceito em: capital social, simbólico, econômico e cultural. Assim, o capital social pode ser compreendido como os contatos e as relações sociais que um agente – termo empregado por Bourdieu – estabelece nos mais dife-

rentes ambientes de atuação. Já o capital simbólico refere-se ao *status*, posições de destaque, prestígio e reconhecimento de um agente, sempre em relação aos seus pares. O capital econômico é definido como tudo aquilo que pode ser convertido em valores monetários, como carros, terrenos, imóveis, joias, dinheiro em espécie, entre outros itens. Por fim, o capital cultural pode ser subdividido em outros três subtipos: capital cultural institucionalizado, capital objetivado e capital incorporado. A primeira modalidade diz respeito aos títulos e aos diplomas escolares conferidos por instituições educacionais reconhecidas ou oficiais. A segunda forma está relacionada aos elementos educacionais concretos e palpáveis como livros, obras de arte, mapas, entre outros artigos. O terceiro e último tipo de capital cultural, o incorporado, refere-se àquilo que o agente se torna, como sua postura, seu modo de falar, de agir e de se comportar, por exemplo (Bourdieu, 1989a).

Todas essas modalidades de capital podem ser constatadas ao se analisar a trajetória de Emília Dantas Ribas, especialmente ao serem considerados alguns aspectos, como o investimento familiar na formação docente, representada pela Escola Normal, formação muito apreciada para a carreira feminina no período histórico em questão. Nesse sentido, é interessante notar que as três filhas da família Dantas – Judith, Emília e Marcelina –, de acordo com Oliveira (2002), tornaram-se professoras. Judith Dantas Pimentel, irmã de Emília, assim como ela, também desenvolveu a via autoral, registrando a história de sua família na obra *Numa pequena cidade do grande mundo* (Pimentel, 2021), reeditada pela Editora UEPG em 2021.

Sobre isso, é importante problematizar a ideia de que, possivelmente, o contato de Emília Dantas Ribas com o ambiente educacional, oportunizando o alcance do título de “professora normalista”, tornando-a, portanto, apta a atuar como docente, talvez tenha alavancado a chance de se adquirir outras formas de capital, como o simbólico e o social.

Nesse sentido, ainda é possível refletir sobre o quanto o acúmulo dessas modalidades de capital favoreceram as condições para que Emília Dantas Ribas viesse a se tornar a primeira diretora do Grupo Escolar Professor Julio Theodorico, conforme já citado. Além disso, pode-se conjecturar que a circulação nos ambientes educacionais também possa ter facilitado a inserção de Emília nos ambientes em que as veias autorais eram valorizadas, potencializando seu desenvolvimento de intelectual. No entanto, deve-se atentar para o que Bourdieu (2020, p. 93) alerta:

[...] a relação que vai das tomadas de posição às posições não é mecânica. A uma posição objetiva no espaço social objetivo não corresponde mecanicamente uma tomada de posição política, religiosa, estética etc. Existe uma autonomia do espaço social que poderíamos qualificar de política em relação às classificações objetivas.

Sobre isso, Nívio de Campos (2022, p. 14) analisa a contribuição da obra do sociólogo francês para o estudo dos intelectuais, asseverando que “[...] a fecundidade de Bourdieu seria dupla. De um lado, prevenir-se contra a tentação de reduzir as ideias às determinações sociais. De outro, a romper com a sedução do pensamento puro”. Dessa forma, neste capítulo, a produção intelectual de Emília Dantas Ribas será tratada a partir desse viés, considerando essa “dupla fecundidade” de Bourdieu, conforme foi observada por Campos (2022).

A pesquisadora Ione Ribeiro Valle (2018, p. 104) corrobora esse debate ao explicar que, na visão de Bourdieu, “[...] o intelectual é alguém que faz as intermediações entre as relações entre a educação e as elites e participa da dominação e da reprodução social”. A partir disso, pode-se compreender a relevância de Emília Dantas Ribas nesse processo, fazendo uso de sua posição como professora e diretora, em articulação

com a ação de escritora. Assim, o intelectual, para Bourdieu, a partir da visão de Valle (2018, p. 106), seria

[...] alguém que, partindo de uma autoridade específica adquirida nas lutas internas ao campo intelectual, artístico, literário, segundo os valores inerentes a esses universos relativamente autônomos, intervém no campo político. Ele faz isso porque está legitimado por essa autoridade (reconhecida), por virtudes morais, por uma determinada competência, por méritos pessoais.

Em relação às discussões sobre o papel social do intelectual, Gisèle Sapiro (2012) baliza o caso do capitão Dreyfus, ocorrido na França no final do século XIX, como o acontecimento histórico que deu origem ao termo “intelectual”, no sentido de tomada de posição, participação e envolvimento. A partir dessa demarcação histórica, a autora discorre sobre oito perfis diferentes de atuação intelectual, explicando formas e modalidades de intervenção política desses agentes nos mais diversos campos. Amparada pelos preceitos de Bourdieu, Sapiro revela que são três os fatores que estruturam o campo intelectual: o volume e o grau de capital simbólico disponível; a autonomia política dos agentes envolvidos; e o grau de especialização, a partir do estabelecimento de padrões ou fundamentos sócio-históricos. Em sua análise, a autora problematiza as inúmeras e complexas posições que os intelectuais podem expressar, assumindo uma orientação mais autônoma ou heterônoma, passando por um perfil generalista ou especializado, perpassando um viés de dominante ou de dominado, abarcando algumas possíveis combinações dessas especificações principais.

Ainda em seu artigo, Sapiro (2012) explica que, muitas vezes, as diferenças entre um modelo e outros são tênues e

que, um mesmo intelectual pode, ao longo de sua carreira, migrar de um modelo para o outro, a partir das condições que se apresentam, dos contatos que vão sendo estabelecidos e das transformações no aporte dos diferentes capitais.

Essas análises podem explicar algumas das estratégias adotadas por Emília Dantas Ribas ao longo da sua trajetória, como decidir sobre o momento em que se sentisse preparada para se lançar como autora, assim como aguardar a oportunidade para promover a circulação de suas obras. Além disso, essas problematizações também se articulam com a obra *Mulheres públicas*, publicada em 1998, por Michelle Perrot. Nessa produção, a autora vislumbra as similitudes e as dissonâncias que ocorrem nas posturas e nas ações protagonizadas pelas chamadas mulheres públicas – que exercem funções fora do lar, incluindo, aqui, as personagens que publicam seus escritos – e as mulheres do ambiente privado. Perrot (1998) reflete sobre as lutas que as mulheres travaram e explica muitos dos empecilhos enfrentados por elas ao longo do tempo, em prol da inserção em novos campos sociais, como o da escrita, por exemplo, o qual nem sempre foi considerado como adequado para as mulheres.

Nesse sentido, o percurso trilhado por Emília Dantas Ribas e suas estratégias para intensificar a difusão de suas obras mostram-se similares aos caminhos seguidos por outras escritoras de contextos históricos próximos aos de sua atuação, constituindo, assim, um importante *habitus* feminino. Entre essas autoras, destacam-se Armanda Álvaro Alberto, Cecília Meireles e Helena Kolody, as quais são problematizadas por suas respectivas pesquisadoras – Mignot (2002), Lôbo (2010) e Karina Araújo (2018) – como intelectuais que buscaram em diferentes veículos midiáticos, como jornais e periódicos, a divulgação de suas ideias por meio de textos escritos.

Nesse ponto, é importante discutir o conceito de *habitus*, cunhado por Bourdieu (1989a, 2004, 2008), caracterizado

como um conjunto complexo de configurações, disposições, posturas e comportamentos, desenvolvidos em longo prazo:

Sendo produto da incorporação da necessidade objetiva, o *habitus*, necessidade tomada virtude, produz estratégias que, embora não sejam produto de uma aspiração consciente de fins explicitamente colocados a partir de um conhecimento adequado das condições objetivas, nem de uma determinação mecânica de causas, mostram-se objetivamente ajustadas à situação (Bourdieu, 2004, p. 23).

Em relação aos *habitus* femininos, especialmente no que diz respeito ao universo da escrita autoral feminina, Mignot (2002) problematiza as questões que envolvem a mulher pública *versus* a mulher do espaço privado, a partir da trajetória da professora e escritora Armanda Álvaro Alberto, a qual demonstrou um grande cuidado com sua vida pessoal, reservando-se o direito de selecionar tudo o que dissesse respeito ao seu universo privado. Segundo Mignot (2002), em seu baú de memórias, por exemplo, havia muitos documentos, fotos, recortes de jornais e demais fontes sobre sua vida pública; no entanto, sobre sua vida privada, havia poucas coisas. Conjetura-se se que, talvez, ela realmente não quisesse deixar rastros dessa parcela pessoal de sua vida.

Diferentemente da postura de Armanda Álvaro Alberto, Emília Dantas Ribas fez questão de discorrer em suas obras sobre inúmeras questões pessoais, como os locais por onde passou e morou, os sentimentos sobre esses lugares especiais, aspectos das fases de sua vida, entre outras temáticas de cunho particular que estão, por exemplo, registradas em *A primavera voltará* (Ribas, 2022). Sobre isso, é possível dialogar com a obra *É possível dissociar a obra do autor?*, de Sapiro (2022), em que a autora problematiza as questões que envolvem a

produção intelectual e as posturas e os comportamentos adotados pelos autores, refletindo sobre as complexidades que envolvem todo esse processo. Aqui, no caso, Emília Dantas Ribas parece tecer seus escritos de modo a articulá-los com seus pensamentos e ideias, expressando-os, de certo modo, em suas produções.

Essas análises permitem a interlocução com o desenvolvimento de alguns *habitus* caracterizados pelos registros íntimos femininos. Sobre isso, Silvete Araújo (2010) aponta que a professora Julia Wanderley também mantinha o hábito de escrever diários e possuía um acervo com lembranças pessoais. Essa escrita intimista, de acordo com Perrot (1998), geralmente estava associada a um *habitus* personificado por mulheres, vinculada à chamada virtude do recato, da discrição e da não-exposição da figura da mulher, podendo ser compreendida com um dos primeiros ensaios de escrita feminina.

Sobre isso, percebe-se que muito da produção intelectual de Emília Dantas Ribas faz menção a aspectos pessoais de sua vida, extrapolando, portanto, esse *habitus* de escrita privada a partir de temas mais voltados ao universo íntimo, transformando, assim, essas questões mais pessoais em temas da chamada escrita pública. Em muitos de seus escritos, Emília Dantas Ribas faz referência a lembranças da infância, a parentes, à casa, à propriedade da família, entre outras temáticas que se articulam com o campo dos sentimentos e das emoções, configurando, com isso, outro *habitus* comumente associado às mulheres, que corresponde à escrita sobre essas temáticas que são historicamente consideradas adequadas para serem abordadas por mulheres, conforme indicado por Adélia Maria Woellner (2007).

Por exemplo, no romance *A primavera voltará*, publicado originalmente em 1949, Emília Dantas Ribas discorre sobre aspectos íntimos de sua vivência e ao fazer referência a um *habitus* professoral, ela direciona sua obra para o público femini-

no, dedicando-a “[...] a todas as mulheres que esqueceram de si próprias; [e] que, ensinando, gastaram o corpo e o espírito buscando abrir na treva caminhadas de luz”.

Nessa obra, Emília Dantas Ribas aborda a história de vida de diferentes mulheres, tendo a personagem Vanira como protagonista que, a exemplo da própria Emília, também era professora. Em *A primavera voltará*, a autora assume um tom de contemplação sobre a vida, em uma abordagem mais filosófica sobre suas mudanças e permanências, refletindo sobre a efemeridade tanto das pessoas do convívio quanto das circunstâncias do dia a dia. Sua linguagem apresenta um sentido profundo que contempla momentos de reflexão com um tom mais lamentoso, quase como uma tristeza ou uma saudade de um tempo que já passou; no entanto, percebe-se que há também passagens mais otimistas, que revelam uma espécie de esperança e de confiança no futuro que ainda está por vir, conforme pode ser verificado neste excerto:

Naquela hora, quero vestir-me de branco; haverá em meus olhos a chama anunciadora de uma vida diferente; caminharei firme, como uma jovem recém-saída da meninice em procura do Destino. Sim, do Destino. Ele espera por mim em alguma parte. Numa casa pequena onde eu possa, feliz, cantarolar, pelas manhãs ridentes de primavera. Haverá pássaros trinando numa gaiola dourada. Mas parecerá isso tão vulgar... Não importa. Na vulgaridade é que mora a ventura. Nas minúsculas coisas de todas as vidas é que está o sentido magnífico das grandes verdades. [...] (Ribas, 2022, p. 171).

Emília Dantas Ribas publicou diversos artigos em periódicos (“Jornal das Moças”, “Diário dos Campos”). É importante mencionar que o jornal “Diário dos Campos” publicava

transcrição de matérias, notícias e reportagens de outros periódicos. Na edição de 14 de abril de 1938, o “Diário dos Campos” reproduziu o poema intitulado “Saudade”, de autoria de Emília Dantas Ribas, poema em que sugere rememoração de sua terra natal – Ponta Grossa – em um tom saudosista e melancólico.

No jornal “Diário dos Campos”, a professora Emília Dantas Ribas também foi citada por sua atuação como escritora na edição de 10 de abril de 1950, por Serafim França, em um artigo cujo título era “Honrosas referências à escritora ponta-grossense Emília D. Ribas”. A matéria explicava que o senhor em questão havia endereçado uma carta à Emília, elogiando-a por sua obra – *A primavera voltará*, lançada em 1949. Ele agradece o envio da obra por ela e destaca que ela havia elaborado “[...] um excelente livro. Fabricação interessantíssima, jogo de paixões verídico, figuras que se agitam dentro da realidade e estilo claro, corrido, espontâneo, de quem sabe sentir e exprimir” (França, 1950). O senhor Serafim França ainda afirma que conhece “[...] quase toda a literatura brasileira e, assim, a preciosa messe de produção intelectual feminina. O seu livro figura no primado dessa galeria artística” (FRANÇA, 1950). Além desses elogios, ele desenvolve a sua análise comentando sobre as possíveis dificuldades que Emília encontraria para se firmar como autora, fazendo referências ao perfil sentimental e espiritual da obra, compreendendo-a como uma espécie de alienação ou fuga da realidade.

Nesse ponto, é possível constatar outro *habitus* associado à autoria feminina, citado anteriormente e que consiste, de acordo com Woellner (2007), em eleger a temática dos sentimentos e das sensações para desenvolver seus escritos. Segundo a autora, esse terreno romântico, sonhador ou afetivo era considerado adequado para as mulheres e talvez tenha sido utilizado de modo proposital por Emília Dantas Ribas, como

forma de se inserir no universo letrado, o qual, na época, ainda se constituía em um campo eminentemente masculino. De qualquer forma, Serafim França (1950) finaliza seus comentários sobre a obra lançada por Emília, encorajando-a a continuar escrevendo, conforme se pode conferir neste trecho:

Revelação de um tesouro sentimental, espiritual e desse raro dom de exprimir e distribuir a riqueza interior. Vou recomendar a todos que leiam o seu livro. E não cesse de escrever. Faça outros romances. Prossiga nessa nobre faina de espiritualidade, tão necessária nestes tempos maus de materialismo inferior. Quem estiver com o sonho está com o céu, tem asas para a felicidade. Não desanime se a escalada tiver obstáculos. Faça como as orquídeas que, mesmo nos rochedos estéreis, firmam suas raízes e abrem flores gloriosas. Não há vibração que se perca – toda emoção é ritmo no concerto universal. [...]. Seu livro se imporá por si mesmo. O mérito tem radiação. Fique na sua torre de sonho e olhe a vida com a luneta encantadora da ilusão, é o melhor meio de fugir à realidade decepcionante (França, 1950).

Emília Dantas também contribuiu na chamada “Coluna Pedagógica”, que foi publicada no “Diário dos Campos” uma única vez, na edição de 2 de fevereiro de 1946, em uma extensa matéria sob o título “A caligrafia na Escola Primária”. Nesse artigo, a autora reflete sobre como o uso de máquinas de escrever estaria impactando o processo de desenvolvimento da escrita cursiva nos estudantes dos primeiros anos de escolarização. Emília Dantas defende que os alunos deveriam se apropriar de modo significativo da escrita manual e, para isso, a mediação dos professores seria de fundamental importância nesse processo. Essa matéria apresenta um teor analítico

co, pois a autora argumenta em favor das ideias que defende, citando autores renomados da época, fundamentando, assim, seus pontos de vista. Essa postura sugere tanto o domínio de um capital simbólico, oriundo da apropriação dos capitais cultural, econômico e social de que já dispunha, quanto a conquista de um espaço significativo nas páginas do “Diário dos Campos”. Isso pode ser constatado pela extensão do artigo e de seu teor, uma vez que envolve diretamente reflexões sobre questões didático-pedagógicas específicas, desenvolvidas por uma professora. Além disso, é possível perceber menções que remetem à valorização do empenho pessoal nessa empreitada, conforme observado neste excerto:

Realmente a aprendizagem, principalmente inicial, pelo ritmo, que pode obedecer a contagem ou o canto, serve-se no início do desenho e fazendo da escrita uma atividade interessante, coordena e controla os movimentos necessários dos 500 músculos do corpo que exige o complexo ato de escrever. Estou certa de que o professorado, que tão bem procura acompanhar o movimento renovador que se processa nos métodos de ensino, poderá, lembrado agora da questão em evidência, pensar na melhoria do ensino da escrita e obter, com esforço e boa vontade, resultados magníficos que servirão para elevar o bom nome do Paraná escolar (Ribas, 1946).

Ao analisar-se a obra de Emília Dantas Ribas, a partir de sua formação e experiência como docente, é possível promover uma interlocução com o papel das mulheres na qualidade de professoras, especialmente em relação ao período em que Emília viveu e construiu sua trajetória. Nesse sentido, vislumbra-se, na obra *Mulheres Públicas*, a ênfase que Perrot (1998) imprime ao papel que a instrução teve no desenvolvimento da escrita pública feminina e em como elas souberam aproveitar

as oportunidades que tiveram para se firmarem em novos papéis de escritoras, como a exemplo da personagem deste capítulo – Emília Dantas Ribas –, demonstrando a importante função que o capital cultural conferiu a esse processo.

A veiculação no “Diário dos Campos” sobre os feitos de algumas das professoras que atuavam em Ponta Grossa no contexto abordado neste capítulo pode ser compreendida como uma estratégia desenvolvida por elas, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, para promover a circulação de suas atividades e iniciativas. Essa atitude sugere que, possivelmente, havia uma boa relação entre essas professoras e alguns membros que faziam parte da equipe editorial do periódico, conforme discutido em pesquisa pregressa, constituída, nesse período, exclusivamente por homens (Campagnoli, 2020). Além disso, o interesse em manter um relacionamento amigável com a equipe editorial do “Diário dos Campos” pode ser compreendido sob um viés estrategista, uma vez que, possivelmente, essa postura tenha favorecido a socialização das ações que essas mulheres desenvolviam como educadoras, dando visibilidade às suas ações, permitindo, com isso, conjecturar que, nesse período, elas já haviam adquirido um certo acúmulo de capital social e simbólico.

Um desses editores foi José Cadilhe, jornalista, escritor, teatrólogo e poeta, responsável por mediar algumas das participações das professoras de Ponta Grossa no “Diário dos Campos”, dentre as quais se pode destacar a personagem principal que fulgura neste texto – Emília Dantas Ribas –, além das professoras Leontina Bonato e Maria José Faria Branco¹. Para confirmar isso, na sequência, pode ser observado um excerto de autoria da professora Maria José Faria Branco, elogiada pela equipe editorial do “Diário dos Campos”

¹ Para mais informações sobre essas professoras, consultar a obra *Educa-dores ponta-grossenses: 1850-1950*, de Joselfredo Cercal de Oliveira (2002).

como “esforçada professora”, que foi publicado na edição de 20 de novembro de 1923, sob o título “Uma gentileza”, como modo de agradecer o elogio ao se findarem as atividades letivas do Grupo Escolar Senador Correia, instituição em que ela atuava.

Em meu nome, e no de minhas colegas, professoras do Grupo Escolar Senador Correia, venho agradecer a Vossa Excelência as animadoras palavras que nos dirigiu pelas colunas do “Diário dos Campos” por ocasião do encerramento das aulas. Fique certo, Exmo. Sr., que se até aqui, temos nos esforçado para melhor desempenhar a nossa árdua, quão difícil tarefa, esforçar-nos-emos muitíssimo mais, certas de que, há espíritos grandemente alevantados que nos encorajam, para que façamos do ensino verdadeiro sacerdócio, a fim de que os homens e as mães de família de amanhã, a nós confiados, desempenhem galhardamente os seus papéis, no engrandecimento da nossa linda e muito amada Pátria (Branco, 1923).

Importante problematizar a questão presente no excerto anterior que confirma um *habitus* bastante associado à imagem feminina, conforme indicado por Magaldi (2007), que é o de professora abnegada, que compreende a função docente como uma doação, ou nas palavras da docente em questão, como “sacerdócio”.

Além disso, Perrot (1998, p. 105) também indica a relevância de algumas funções que foram confiadas às mulheres como a de “[...] professora primária, bibliotecária e preceptora. [Asseverando que a] instrução abria de fato às moças as portas de muitas profissões”. Ademais, há de destacar-se a relevância das Escolas Normais para o processo formativo dessas novas mulheres, pois essas instituições, segundo Per-

rot (1998, p. 108), “[...] foram as primeiras universidades das mulheres”, em um contexto em que as oportunidades de formação para elas ainda eram escassas. Essa discussão dialoga com o senso de jogo, bastante problematizado por Bourdieu (1989a, 2004), no sentido de que é preciso compreender quais comportamentos e ações devem ser desenvolvidos e quais não são apreciados em determinado campo. Nessa perspectiva, o autor explica que:

A proximidade no espaço social [...] predispõe à aproximação: as pessoas inscritas em um setor restrito do espaço serão ao mesmo tempo mais próximas (por suas propriedades e suas disposições, seus gostos) e mais inclinadas a se aproximar; e também mais fáceis de abordar, de mobilizar (Bourdieu, 2008, p. 25).

Ainda sobre a vinculação das mulheres à imagem de professora primária e sua relevância como propulsora para o desenvolvimento da carreira autoral feminina, a exemplo da trajetória de Emília Dantas Ribas, Lôbo (2010) problematiza o percurso de Cecília Meireles também como educadora. Segundo a pesquisadora, essa personagem sempre esteve associada ao universo da escrita, sendo bastante conhecida como poetisa. No entanto, Cecília Meireles também teve atuação importante como educadora, integrando o corpo docente de escolas do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX e atuando também no Ensino Superior (Lôbo, 2010), corroborando, assim, um *habitus* feminino que associa a profissão de professora com a atividade de escritora.

Nessa mesma óptica, seguiu a escritora e poetisa Helena Kolody, retratada por Karina Valim de Araújo (2018), em sua dissertação. A pesquisadora discorre sobre a construção de Kolody como intelectual, iniciada na docência, enfatizando

o contato com as alunas como forma de promover a divulgação de suas obras, além da prática de enviar seus livros para autores já consagrados, também como forma de potencializar a circulação de seus escritos. Desse modo, tanto Emília Dantas Ribas quanto Armanda Álvaro Alberto, Cecília Meireles e Helena Kolody demonstraram compreensão sobre a relevância dos novos papéis das mulheres nas primeiras décadas do século XX. Além disso, para argumentarem a favor de seus posicionamentos, todas elas enfatizaram os investimentos em educação como forma de desenvolvimento humano (Araújo, 2018; Lôbo, 2010; Mignot, 2002).

Nesse sentido, pode-se afirmar que o *habitus* feminino vinculado à atuação como professora foi bastante marcante no contexto histórico em que viveu Emília Dantas Ribas. Prova disso é uma reportagem publicada no jornal “Diário dos Campos”, periódico do município de Ponta Grossa, na edição de 5 de abril de 1938, intitulada “Significativa homenagem será prestada à educadora Emília Dantas”. Nesse artigo, lia-se que Emília Dantas Ribas seria nomeada pela “[...] Diretoria de Ensino [do Estado do Paraná] para dirigir a Escola de Professores, seção de Ponta Grossa, distinção essa que por si só diz do valor daquela educadora” (Editorial Diário dos Campos, 1938).

A reportagem também explicava que a equipe da escola, em parceria com alunos e funcionários, havia tido a gentileza de organizar um evento de despedida, agradecendo o trabalho prestado e rendendo homenagens à Emília. A partir do texto desse artigo e também pelo fato de a personagem em questão ter sido mencionada pelo periódico, merecendo uma reportagem inteira (algo raro no contexto em questão para uma mulher), é possível constatar que Emília Dantas (na ocasião da publicação, ela ainda não era casada, por isso o sobrenome Ribas não é citado) era detentora de capital social e simbólico de dimensões bastante consideráveis. Um desdo-

bramento dessa análise pode estar vinculado ao fato de que o aporte de capital cultural, acumulado por Emília Dantas, pode ter possibilitado a apropriação das demais modalidades de capital, pois, de acordo com Bourdieu (1989a), uma forma de capital dificilmente pode ser problematizada sem considerar o conjunto de capitais de que um agente dispõe. O sociólogo francês ainda acrescenta que um tipo de capital pode otimizar a conquista dos demais (Bourdieu, 1989a).

Importante mencionar que Emília Dantas Ribas possuía uma conterrânea que também se tornou uma importante representante do universo letrado dos Campos Gerais, região da qual Ponta Grossa faz parte. Trata-se de Anita Philipovsky, escritora e poetisa ponta-grossense que muito colaborou com a conquista do espaço autoral feminino no contexto histórico aqui discutido. No entanto, ao contrário das demais mulheres citadas nos parágrafos antecedentes, Anita não atuou como professora, porém teve uma formação educacional sólida, subsidiada pelo acúmulo de capitais de sua família, especialmente o capital econômico, o qual possibilitou a vinda de professores de diferentes áreas do saber para morar na fazenda da família Philipovsky e ensinar Anita e seus irmãos (Oliveira, 2018; Santos, 2002).

A pesquisadora Luísa Cristina dos Santos, que há muitas décadas se debruça a estudar a obra de Anita Philipovsky, assinala que:

Os textos de Anita Philipovsky merecem a leitura e a reflexão de que ainda não foram alvo. [...]. Escreveu muito, no entanto, seus trabalhos espalhavam-se (ou diluem-se) por livros e periódicos. Entre os seus méritos está o de desventrar da realidade social e cultural brasileira, da primeira metade do século XX, em “memórias” narradas, que também, simultaneamente, aprofundam temas relacionados à intimidade, complexidade de

sentimentos e reflexões sobre a criação artística e o papel da mulher na sociedade. Seus textos caracterizados prioritariamente em formato lírico-filosófico (guardam muita fraternidade, elevação espiritual e civismo) têm a possibilidade de auto-reflexivamente se montarem, muitas vezes confirmando, noutras rechaçando a coerência que os leitores sejam capazes de descobrir-lhes (Santos, 2002, p. 12-13).

Esse excerto permite constatar algumas características sobre o estilo de escrita de Anita Philipovsky, corroborando algumas particularidades do perfil autoral de Emília Dantas Ribas, conforme já apontado, como o gosto por discorrer sobre as memórias pessoais, da família, dos lugares por onde passou e morou, explorando o terreno dos sentimentos e das reflexões profundas, abarcando temas filosóficos que envolvem aspectos que dizem respeito ao que incomoda ou promove bem-estar aos seres humanos. Além disso, a exemplo de Anita Philipovsky, Emília Dantas Ribas também possui uma considerável obra que se encontra distribuída em diferentes periódicos, como o “Jornal das Moças”, mencionado anteriormente.

Assim, tanto na obra de Emília Dantas Ribas quanto na de Anita Philipovsky e também nas demais autoras citadas anteriormente, percebe-se a presença de alguns *habitus* femininos que se perpetuam, como a recorrência a temas românticos e que exaltam o sentimentalismo, como era considerado adequado para as mulheres do contexto histórico em questão. No entanto, também é possível constatar o desabrochar de outros *habitus* relacionados ao estilo de escrita dessas mulheres e, em especial, de Emília Dantas Ribas, como a abordagem da história de diferentes mulheres, desde as trabalhadoras mais humildes até aquelas que detinham um capital social mais proeminente, mostrando suas angústias e seus sonhos,

em um movimento que procurava, pelo menos em parte, romper com o silenciamento histórico a que o gênero feminino esteve subjugado por longo período. Além disso, a obra de Emília também descortina um realismo no que se refere ao tratamento de temas delicados como as injustiças sociais e a dura realidade de alguns grupos humanos, como as mulheres, por exemplo.

Emília Dantas Ribas apresenta um perfil peculiar de escrita, delineando um *habitus* autoral único, conseguindo habilmente articular aspectos que dizem respeito ao singular, como o dia a dia dos indivíduos comuns, com questões universais, que se relacionam com o homem compreendido enquanto gênero humano. Sua escrita atinge um fluxo de consciência que equilibra seus dilemas interiores com os acontecimentos externos referentes ao momento histórico em que vivia, imprimindo significado a episódios aparentemente corriqueiros. Emília Dantas Ribas revisita o passado, articulando-o com seu momento presente, ao mesmo tempo em que vislumbra o futuro, a partir de uma escrita dinâmica, caracterizada pela simultaneidade de imagens mentais repletas de lembranças afetivas, inspiradoras e profundas, construindo e ocupando com maestria seu espaço na qualidade de escritora e intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, refletiu-se sobre a vida e a obra de Emília Dantas Ribas, compreendendo essa personagem como intelectual, a partir da perspectiva de Pierre Bourdieu, especialmente em relação ao próprio conceito de intelectual cunhado

pelo sociólogo francês. Dessa forma, procurou-se compreender as estratégias e ações da referida autora, contextualizando sua formação inicial como professora e, posteriormente, sua atuação como escritora de diferentes gêneros textuais.

Para isso, outros conceitos de Bourdieu foram mobilizados como capital, *habitus* e campo, articulando-os às possibilidades de análise em direção a uma construção intelectual dessa importante representante do gênero feminino de Ponta Grossa, perpassando pelos aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos, enfatizando as questões educacionais.

Constatou-se que as atitudes e os posicionamentos que Emília Dantas Ribas fez uso para alcançar suas intenções foram de diversas ordens, incluindo desde o investimento familiar na formação como docente, indo até seus contatos posteriores em cargos de gestão escolar. Nesse sentido, as ações de Emília são corroboradas por outras professoras normalistas e escritoras, além da poetisa ponta-grossense Anita Philipovsky, que, em contexto histórico similar e contemporâneo ao da personagem aqui contextualizada, traçaram estratégias na tentativa de ocupar e promover a circulação de suas produções intelectuais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Karina Valim de. **Helena Kolody e os caminhos de produção de uma intelectual entre a poesia e a educação (1928-1992)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018.

ARAÚJO, Silvette Aparecida Crippa de. **Professora Julia Wanderley, uma mulher-mito (1874-1918)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Tradução: Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989a.

BOURDIEU, Pierre. **A ontologia política de Martin Heidegger**. Tradução: Lucy Moreira César. Campinas: Papirus, 1989b.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução: Cássia R. da Silveira e Denise Moreno. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia geral: lutas e classificações**. Curso no Collège de France (1981-1982). Tradução: Fábio Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2020. v. 1.

BRANCO, Maria José Faria. Uma gentileza. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 20 nov. 1923.

CAMPAGNOLI, Karina Regalio. **“Da zelosa mãe e esposa à recatada professora, trabalhadora e cidadã de direitos”**: representações das mulheres e da sua educação no Diário dos Campos nas décadas de 1920/1930. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

CAMPOS, Névio de. Pierre Bourdieu e a questão dos intelectuais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, e20234, p. 1-18, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v17.20234.056>

EDITORIAL DIÁRIO DOS CAMPOS. Significativa homenagem será prestada à educadora Emília Dantas. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 5 abr. 1938.

FRANÇA, Serafim. Honrosas referências à escritora ponta-grossense Emília D. Ribas. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 10 abr. 1950.

LÔBO, Yolanda. **Cecília Meireles**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. **Lições de casa**: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007.

MIGNOT, Ana Chrystina. **Baú de memórias, bastidores de histórias**: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

OLIVEIRA, Joselfredo Cercal de. **Educadores ponta-grossenses: 1850-1950**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2002.

OLIVEIRA, Loraine Lopes de. **Entre a crítica de Anita Philipovsky (1886-1967) e as contradições do Estado**: a história da educação das mulheres em Ponta Grossa na Primeira República. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

OLIVEIRA, Silvana. Prefácio. In: RIBAS, Emília Dantas. **A primavera voltará**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2022. p. 9-17.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

PIMENTEL, Judith Dantas. **Numa pequena cidade do grande mundo**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2021.

RIBAS, Emília Dantas. Saudade. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 14 abr. 1938.

RIBAS, Emília Dantas. A caligrafia na escola primária. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 2 fev. 1946.

RIBAS, Emília Dantas. **A primavera voltará**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2022.

SANTOS, Luísa Cristina dos. **Anita Philipovsky: a princesa dos campos**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2002.

SAPIRO, Gisèle. Modelos de intervenção política dos intelectuais: o caso francês. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 9, n. 17, p. 19-50, jan./jun. 2012.

SAPIRO, Gisèle. **É possível dissociar a obra do autor?** Tradução: Juçara Valentino. Belo Horizonte: Moinhos, 2022.

VALLE, Ione Ribeiro. Um conceito reinterpretado ao longo do século: do intelectual individualista de Durkheim ao intelectual coletivo de Bourdieu. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 4 n. 1, p. 95-111, jan./abr. 2018.

WOELLNER, Adélia Maria. A voz da mulher na literatura. **Revista de Literatura, História e Memória**, Cascavel, v. 3, n. 3, p. 9-34, 2007.



CAPÍTULO 4

“Além das fronteiras que o destino traça às criaturas”¹: as ideias de futuro na literatura de Emília Dantas (década de 1930)

Caroline Aparecida Guebert

Ante a fixidez dos meus olhos, vi desenrolar-se
a visão do futuro e tive medo!

Sorri, depois... / A alma é insaciável...

(Emília Dantas)²

E a imaginação de criança destruía todas as fronteiras e eu cavalgava, em arrancadas grandiosas, para mundos desconhecidos, vivendo o passado e o futuro no momento presente [...] [e] viverei novamente [...] dilatando-os nos espaços indefinidos!

(Emília Dantas)³

¹ Emília Dantas (1939, p. 65).

² Emília Dantas (1936a, p. 14).

³ Emília Dantas (1940, p. 6).

INTRODUÇÃO

O romance que coroou a obra literária da escritora e professora paranaense Emília Dantas Ribas (1907-1978)⁴ se chama *A primavera voltará*, cuja primeira edição foi publicada pela Editora Guaíra, de Curitiba, em 1949, e a segunda edição, recentemente, em 2022, pela Editora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), de Ponta Grossa, Paraná. Conforme indica o título do livro, a autora nomeou a narrativa a partir de uma referência ao tempo (e especificamente ao futuro). Essa ficção opera, em várias escalas, uma “marcha” de memórias subjetivas, familiares e históricas ativadas pela personagem narradora, aludindo a um espaço-tempo de escritura no qual, por meio de uma imaginação (ou missão) compromissada, ela busca reaver e conectar passado, presente e futuro da sua escrivantina (Guebert, 2021, p. 408)⁵. Alia-se a isso um retrato social da região dos Campos Gerais do Paraná, a partir da perspectiva de um grupo de personagens mulheres, enriquecida por seus diálogos, ações e, sobremaneira, pelo fluxo de consciência central, na esteira de uma correlação entre fé

⁴ Em 1946, ela se casou com Odilon Lustoza Ribas, tornando-se Emília Dantas Ribas e se mudou de Ponta Grossa para Curitiba, onde lecionou no Instituto de Educação do Paraná (Mainardes, 2022). Neste capítulo, adoto o nome anterior ao casamento, com o qual ela assinava sua obra.

⁵ O referido romance sublima e problematiza episódios da Revolução Federalista (1893-1895), que marcaram a memória da família Dantas e a história da Primeira República no Brasil, ativada pelo impacto da Segunda Guerra Mundial e outros gatilhos que atormentam a personagem narradora. *A primavera voltará* se inspira em aspectos (paisagem, instituições, relações de poder e amizade etc.) da realidade social e cultural da cidade natal da escritora, que fizeram com que fosse recebido como o primeiro romance de pena feminina a retratar, de forma realista, os Campos Gerais do Paraná (Guebert, 2018, 2021). Há semelhanças, nesse aspecto, com o texto “Festa na vila”, publicado por ela uma década antes na imprensa (Dantas, 1938j).

cristã, educação e ação social (Guebert, 2018). Além de criar uma promessa e uma atmosfera de redenção, que somente o futuro – após a escrita – poderia trazer, a obra mobiliza uma representação metafórica do caráter cíclico da natureza, que é usada como mote do que pode ser considerado um romance de formação, em cujo núcleo há questões como: dúvida, crescimento, luto, solidão, perdão e superação, não necessariamente nessa ordem.

Após ter lido tal romance – em trabalhos anteriores – como uma rica fonte histórica, para pensar a conjuntura intelectual e as contribuições de Emília Dantas Ribas à transmissão cultural da memória republicana e ao debate público da época, procurei conhecer mais amplamente a literatura produzida por ela, em outros gêneros textuais. Ao fazer uma incursão pela imprensa, percebi que usos dos tempos verbais futuros também ganham ênfase e recorrência em seus demais textos (tanto na prosa, quanto na poesia). A partir daí, conferir destaque ao futuro imaginado e articulado pela linguagem literária de Emília se tornou um ponto de vista analítico. Como critério, delimitei um *corpus* documental, a princípio, com os escritos publicados por ela em uma revista feminina, na segunda metade dos anos de 1930, considerando a especificidade do suporte.

Assim, neste capítulo, pergunto como certas ideias de futuro, que foram produzidas historicamente, atravessam diversos textos da escritora e possibilitam cotejá-los uns com relação aos outros. A literatura é vista aqui pela sua dimensão de veículo produtor e transmissor de ideias do tempo social. Portanto, para fazer uma história desse futuro, é necessário cruzá-lo com indícios socioculturais mais amplos então basilares de previsões, apostas e prognósticos (Koselleck, 2006).

Inspirando-se na problemática apontada por Zorek (2019) sobre o futuro da cidade de São Paulo nos debates in-

telectuais de meados do século XX, podemos considerar que, ao longo de um período, diferentes representações sociais de futuro coexistem entre si, algumas delas se retroalimentando e se transformando, por vezes, de um ponto de vista otimista para um pessimista ou vice-versa⁶. As ideias de futuro empregadas estão ligadas, fundamentalmente, às experiências egressas e atuais de quem as produziu ou veiculou (de um lugar social, relativamente datado), ainda que revestidos de licença poética e integrados a um lastro de convenções propriamente literárias e retóricas com relação ao tempo (Murari, 2017)⁷. Partindo do pressuposto de que, no romance *A primavera voltará*, a autora amadureceu e consolidou recursos de linguagem, com uma perspectiva de tempo que a escritora começou a esboçar e a testar em textos anteriores⁸, compreendo que as ideias de futuro que atravessam essa literatura integram o que

⁶ Se, em alguma medida, todo ser humano lida com o passado e com o futuro, tais dimensões do tempo são construídas em situações históricas que geram diferentes manifestações. Interessa, neste texto, mais observar as particularidades de construção de um horizonte de futuro específico bem como aos seus efeitos sociais, do que focar no caráter geral das categorias estruturantes da relação das sociedades com o tempo. “No caso do futuro, não há um original ao qual se referir – existem somente as representações. Portanto, elas assumem com especial eficácia o lugar daquilo que representam. Consequentemente, se há um futuro definido [...], a partir dele as pessoas podem e efetivamente organizam o sentido de sua existência social” (Zorek, 2019, p. 25).

⁷ Na literatura brasileira dos séculos XIX e XX, por exemplo, o humor foi usado como mecanismo para escrever sobre o espaço público, que, em tudo, parecia estranho a uma sociedade de relações altamente pessoalizadas e patriarcais. Metáforas da vida privada são recorrentemente evocadas para representar instituições e o futuro da nação (Saliba, 1998).

⁸ É o caso do texto “Tardes de Setembro” (Dantas, 1938h, p. 11), que representa ritos de passagem da vida humana aludindo ao tempo da natureza: “A primavera gritou e ao brado da Deusa abriram-se as fontes imperecíveis da vida. Do amontoado de galhos ressequidos nasceu uma flor, esplendida de graça e beleza”.

hoje chamaríamos de um “futuro-passado” ou um futuro que existiu no passado (Koselleck, 2006)⁹.

Este capítulo se encontra organizado da seguinte forma: em primeiro lugar, descrevo, brevemente, os textos publicados por Emília Dantas no “Jornal das Moças”, imprensa feminina do Rio de Janeiro, entre 1935 e 1943. Em seguida, proponho uma correlação histórica entre literatura, imaginação e futuro, em busca de situar a produção de Emília Dantas em um espectro social mais amplo (e mediante um “futurismo” em voga). Por fim, apresento uma análise sobre as ideias de futuro na literatura de Emília Dantas, delineando o tema do “tornar-se adulta” como um eixo que balizou boa parte da sua obra, a fim de destacar os usos de repertórios escolanovistas e católicos, duplamente mobilizados pela autora para costurar passado e futuro naquele presente.

AS PUBLICAÇÕES DE EMÍLIA DANTAS NO “JORNAL DAS MOÇAS” (1935-1940)

O “Jornal das Moças”, segundo Almeida (2008), foi uma revista ilustrada semanal, produzida no Rio de Janeiro,

⁹ O “ainda não” remete ao que somente pode ser previsto, que não foi experimentado e enfrenta o limite absoluto de poder não o ser. Segundo Koselleck (2006), na modernidade, à medida que o tempo passa a ser experimentado como inédito, o futuro parece mais desafiador, deixando de ser razoável para muitas sociedades contar com a “futuridade do passado” (a expectativa que o futuro se assemelharia ao passado). Com a experiência do imprevisto, surge uma pluralidade de futuros imagináveis, que são indícios da conjuntura na qual foram produzidos (Zorek, 2019).

entre 1914 e 1965, com distribuição nas capitais e principais cidades do país, incluindo Curitiba e Ponta Grossa, no Paraná. Dirigida por Álvaro e Agostinho Menezes, com editoria própria, seu conteúdo era de entretenimento, com linha mestra na moda, e que abarcava variedades, desde economia doméstica, receitas culinárias, notícias do mundo da rádio e do cinema e conselhos médicos, até literatura ficcional. Veículo especializado no público feminino, tal revista se baseava em fortes marcadores de gênero e ajudou a propagar e a consolidar um discurso de civilidade, em torno dos papéis sociais de mãe, dona de casa, esposa e educadora, diferenciando as leituras direcionadas para senhoritas (solteiras) e para senhoras (casadas), com discurso direcionado às classes média e alta¹⁰.

O editorial do “Jornal das Moças” fazia apelos ao seu próprio público de leitoras, situadas em todo o Brasil, para contribuírem com textos autorais: “A redacção do ‘Jornal das Moças’ publicará gratuitamente, depois de [...] julgados todos os trabalhos em prosa ou verso que lhe forem remetidos por qualquer leitor, assignante ou não. Os originaes enviados [...]

¹⁰ Almeida (2008) analisa o “Jornal das Moças” pelo prisma da história da leitura, enquanto um suporte textual, que age na propagação de normas sociais e de condutas. A transmissão da civilidade pela leitura encontra-se na iconografia e nos vários gêneros textuais, como: conto, anúncio publicitário, conselho e artigo de opinião, cujos *ethos* de beleza, recato, abnegação, dedicação, submissão, saúde e sapiência evocam as imagens da mulher decente: a boa mãe, a eficiente dona de casa, a conivente esposa e a vigilante educadora. No circuito de publicação de impressos, mesmo que vistas como consumidoras importantes, às mulheres eram destinados textos que passavam pelo crivo da reafirmação da sociedade. “Esse arranjo da Revista reafirma concepções referentes às desigualdades de gênero (masculino e feminino), que são produtos de interação social e [...] também constroem o tecido dessa mesma interação” (Almeida, 2008, p. 144).

não serão restituídos, ainda mesmo que não sejam publicados” (Jornal das Moças, 1934, p. 1).

Estava implícito que a avaliação filtrava moralmente, pela linguagem, os textos considerados apropriados para mulheres e que não resvassem na censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Na seção denominada “Cai-xa”, os enunciadores comunicavam o êxito ou o fracasso dos envios de leitoras para compor as próximas edições.

Emília Dantas, então com cerca de 30 anos de idade, respondeu aos anúncios e passou a enviar seus textos por correspondência, assinando com o próprio nome e identificando sua cidade (Ponta Grossa). Os envios surtiram efeito: em dezembro de 1935, foi publicado o texto “Para quando você voltar...”, de sua autoria, antes mesmo do “[...] GRANDE NÚMERO ESPECIAL [...] em comemoração ao Natal [...] EM QUE SE DESTACAM CONTOS BELÍSSIMOS ALLUSIVOS AO DIA” (Jornal das Moças, 1935, p. 1).

Entre 1935 e 1936, a tiragem da revista foi de cerca de 100 a 120 mil exemplares, ou seja, de ampla distribuição geográfica pelas bancas (Almeida, 2008)¹¹. Inicialmente, a opor-

¹¹ Uma pesquisa de opinião pública, de 1945, encomendada pelos Diários Associados, no Rio de Janeiro, com mil informantes (500 mulheres), apontou o “Jornal das Moças” em 8º lugar (de 76) entre as revistas mais lidas (e como segunda revista feminina mais lida), depois de “O Cruzeiro”; “Revista da Semana”; “A Cigarra”; “Carioca”; “Seleções”; “Careta” e “Fon-Fon”. Sobre a diagramação, “[...] sua extensão ficava entre 60 e 70 páginas, excetuando-se os números especiais que podiam conter mais de cem páginas. Sua capa trazia invariavelmente o desenho colorido de uma ou algumas mulheres cujos modelos de roupa poderiam ser copiados pelas leitoras. [...] a partir de 1940 [...] foram substituídos por fotografias” (Almeida, 2008, p. 131). Para a autora, “[...] não há sistematização para segmentação de assuntos. Em uma mesma página, portanto, figuravam temas/gêneros textuais que não faziam parte de um mesmo paradigma”

tunidade de escrever no periódico esteve ligada a determinadas datas comemorativas ou a ritos de passagem (literatura de circunstância), e essa prática se repetiu nos anos seguintes, em ocasiões como: Natal, Primavera, Carnaval e Páscoa, entre outras, sobre as quais Emília escreveu.

Somados, ao menos 21 textos dela foram publicados na revista até o ano de 1943, sem pseudônimo, tornando-a uma das colaboradoras assíduas¹². Seus textos atenderam ao *ethos* do veículo enunciator, pela adesão às ideias e pelas representações sociais que “[...] poderiam sugerir várias nuances da ‘mulher moderna’ (ou da ‘mulher do futuro’), com que a revista procurava se identificar” (Almeida, 2008, p. 136). No Quadro 1, encontra-se um levantamento de tais textos de Emília Dantas na revista, por forma e por data.

(Almeida, 2008, p. 137). Segundo Almeida (2008, p. 138): “Um dos prejuízos advindos supõe-se – seria a exigência de uma leitura [...] em que a leitora ou o leitor se ater a pequenas porções do texto, justamente, porque precisaria descobrir por onde ele se descortinaria, após interrupções [...]”.

¹² Colaboradores desconhecidos tinham espaço, uma vez que atendessem as exigências dos editores. A censura do Regime Vargas pode ser vista nas restrições: “Consoante o recente decreto do governo regulamentando a profissão jornalística no país, todas as colaborações enviadas à nossa redação devem vir acompanhadas do nome e residência dos respectivos autores independentemente do pseudônimo porventura adotado. Prevalerá para o efeito da publicação o respectivo pseudônimo, se isso aprouver ao colaborador; mas, entretanto, a prova de sua identidade é condição indispensável” (Jornal das Moças, 1940, *apud* Almeida, 2008, p. 140-141). “A partir de 1940, [...] o número de textos literários foi diminuindo e os espaços foram sendo preenchidos com mais fotografias, bem como com as novas seções, que mostravam nitidamente a influência da cultura norte-americana no país” (Almeida, 2008, p. 149).

Quadro 1 – Demonstrativo das publicações de Emília Dantas

Título	Forma	Data	Fonte
Para quando você voltar...	Prosa	12-12-1935	(Dantas, 1935)
Ponto final	Prosa	01-10-1936	(Dantas, 1936a)
Viver	Prosa	26-11-1936	(Dantas, 1936b)
Na Assembleia dos Deuses	Prosa	29-04-1937	(Dantas, 1937a)
Amor e ciúme	Prosa	04-11-1937	(Dantas, 1937b)
O meu poema	Poesia	16-12-1937	(Dantas, 1937c)
O meu Natal	Prosa	30-12-1937	(Dantas, 1937d)
Divagações (I)	Poesia	27-01-1938	(Dantas, 1938a)
Velhice	Prosa	03-02-1938	(Dantas, 1938b)
Carnaval	Prosa	24-02-1938	(Dantas, 1938c)
De volta	Prosa	24-02-1938	(Dantas, 1938d)
Desejo de Jeovah	Prosa	24-03-1938	(Dantas, 1938e)
Saudade	Poesia	07-04-1938	(Dantas, 1938f)
Divagações (II)	Poesia	02-06-1938	(Dantas, 1938g)
Tardes de setembro	Prosa	22-09-1938	(Dantas, 1938h)
Histórias de fadas	Prosa	27-10-1938	(Dantas, 1938i)
Festa na vila	Prosa	08-12-1938	(Dantas, 1938j)
Divino consolo da fé	Prosa	26-01-1939	(Dantas, 1939)
Dezembro	Prosa	11-01-1940	(Dantas, 1940a)
Tarde triste	Prosa	08-02-1940	(Dantas, 1940b)
Se me amas	Poesia	02-09-1943	(Dantas, 1943)

Fonte: Quadro elaborado pela autora deste capítulo.

Nota: Elaborado com base no “Jornal das Moças” (Rio de Janeiro, 1935-1943).
Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.

Edições disponíveis em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>. Acesso em: 4 jul. 2023.

Como se pode visualizar, predominou, na forma, a prosa e, em termos de datação, o ano de 1938 foi particularmente o mais ativo de publicações. Suas narrativas se aproximam bastante das características do romance e ocorrem em primeira ou terceira pessoa. O futuro ganha encarnações tanto em previsões certeiras – “Mas esse dia devia fatalmente chegar, meu sentimental patricio. Na vida tudo é assim! [...]. E paramos na encruzilhada, para não nos encontrarmos mais nunca. Eu fiquei a margem da estrada e partiste” (Dantas, 1936a, p. 14) –, quanto em dúvidas que tomam conta das personagens. Já na poesia, ela também costumava empregar a demarcação do tempo. O gênero predominante é a epopeia (poema narrativo), que enfoca fatos e reflexões de um/a protagonista. A musa é, não raras vezes, o próprio tempo (tempo que ensina, seja na qualidade de esperado, seja na de transcorrido). No poema “Se me amas” (Dantas, 1943), por exemplo, o pronome “se” demarca efeito de causalidade e auxilia o eu-poético a imaginar ações de amor (incluindo aí a despedida, pautada na resignação como valor):

Se me amas, o meu céu se ampliará através dos horizontes / [...] Mas terás de andar, um dia. / E irei, ciosa e intranquila, catar pelas estradas os grãozinhos minúsculos que te possam ferir / [...] E benzerei as águas, em nome do nosso amor: - Águas felizes, levais meu amado. Águas felizes, trouxe-o de volta (Dantas, 1943, p. 51).

Nas histórias de Emília Dantas, existe “o tempo dos homens e o tempo de Deus”, assim como na literatura católica de lastro mais amplo: como um princípio norteador, passado e futuro se entrecruzam em uma relação simultânea, marcada pela eternidade da figura de um Deus soberano e presente. Segundo Rosa (2007, p. 2), desde Santo Agostinho, que, no Capítulo 11 de suas “Confissões”, discute a questão do tempo, existe uma complexa perspectiva católica da existência do

tempo apenas para as criaturas e não para o criador (“Vós, pelo contrário, permaneceis sempre o mesmo, e os vossos anos não morrem”)¹³. Mediante tal divisão entre mundano e sagrado, a compreensão filosófica do “por vir” e do “devir”, na pena de Emília, é mediada por esse repertório com o qual ela dialoga, fazendo uma série de usos atualizados, por exemplo, na qualidade de integrante de um grupo de defensoras do movimento de renovação de ensino, que constituiu “uma versão católica da Escola Nova”¹⁴.

LITERATURA E FUTURO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

Por um lado, a ideia católica de tempo, que se baseia na perspectiva criacionista do mundo e na história da humanidade como sendo a da peregrinação para a punição/salvação,

¹³ O pensamento do “por vir”, para Santo Agostinho, “[...] aparece como futuro não existente, como ‘longa expectação’, traduzida em uma vida de espera por algo que não existe no presente vivido. [...] [no] espaço da literatura religiosa oficial, a definição de tempo chega às raias do mistério, compreendido como elemento de sustentação da crença e, portanto, impossível de ser desvendado, pois as coisas de Deus não carecem de explicação e sim de fé. Nessa perspectiva, o tempo histórico é representado como período de expiação, de sofrimento e de espera pela salvação que, com o juízo final, fixaria o tempo, dando espaço para a eternidade, onde ‘nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é [...] e todo o passado e futuro são criados e emanam d’Aquele que sempre é presente” (Rosa, 2007, p. 2-3).

¹⁴ As querelas entre educadores católicos e laicos começaram a se acirrar nos anos de 1930, sobretudo após a IV Conferência Nacional de Educação, organizada pela Associação Brasileira de Educação (ABE). Entretanto, desde os anos de 1920, a ABE reunia ambos, defensores e contrários aos valores católicos na educação. Não significa que dentre os católicos não houvesse defensores do movimento de renovação de ensino e vice-versa (Costa, 2011).

relaciona-se à privação da eternidade aos humanos. O paraíso, antes da queda de Adão e Eva, segundo essa visão, seria constituído pela inexistência do tempo, de modo que o “pecado original” marca, para a doutrina, o início do “tempo [e do destino] dos homens”¹⁵. Por outro lado, diversos/as escritores/as católicos/as que marcaram a história intelectual do Brasil nos anos de 1930, como Júlia Lopes de Almeida, Lúcia Miguel Pereira e Georges Bernanos, parecem encarar – assim como Emília Dantas – a literatura como uma das formas de chegar perto do sublime ou da sensação de abolir as fronteiras do tempo humano, ainda que por alguns instantes, por meio da escrita. A expressão “brincar de Deus” pode ser empregada para o tipo de exercício simbólico que faziam, qual seja: o de criar personagens e destinos, observando-as de cima (com a distância de um/a criador/a de histórias).

Ao fazer isso, tais autores e autoras também transformam sua literatura em um veículo para expressar questionamentos temporais, que eles/as supõem como universais das condutas humanas em diversas situações. Emília Dantas, no texto “Para quando você voltar...” (Dantas, 1935), por exemplo, exprime a dor de uma separação entre dois jovens amantes, a partir das digressões românticas de uma mulher, que se vê entre a dúvida se o reencontro acontecerá no futuro e o medo de que quando aconteça já o seja em vão. Entre sacrifício e desilusão, a personagem sofre com o medo de envelhe-

¹⁵ “Essa ideia propõe um avanço contínuo da humanidade para o fim dos tempos (ou para o fim da história) que, sem saber quando ocorrerá, alimenta a expectativa e a esperança constante da possibilidade de salvação” (ROSA, 2007, p. 3). Ela pode ser percebida desde alguns Evangelhos do Novo Testamento, mas se consolida no medievo ocidental com a obra de Santo Agostinho, influenciado pela filosofia platônica. Por exemplo, ele escreve: “Concedei-lhes, Senhor, a graça de pensarem bem no que dizem e de saberem que não se emprega o advérbio ‘nunca’ onde não existe tempo [...]. Que estendam também o pensamento por aquelas coisas que estão antes, e entendam que Vós sois, antes de todos os tempos, o eterno Criador de todos os tempos” (Agostinho, 2004, p. 339, *apud* Rosa, 2007, p. 3).

cer e, assim, perder a beleza e deixar de ser amada (uma presença social incorporada por muitas mulheres da sua geração):

E esperarei por você... Esperarei hoje, amanhã, no outro ano, sempre, [...] inquieta, antevendo na caravana luminosa da esperança o seu vulto, agitando o lenço, lá, ao longe, e anunciando o sol para quem já se acostumou as trevas. [...]. E, olhando para as minhas faces descoloridas, para os meus cabelos castanhos, onde a corrida dos anos deixou vestígios indeléveis, dirá: – Como você mudou! E eu sentirei, então, ruir a epopeia gigantesca do meu sacrifício incompreendido, vendo na agonia de seus olhos surpresos o meu sonho mutilado, a minha esperança destruída... [...]. E, por tudo isso, eu quero continuar a esperar por você, sempre, sempre, para que os anos corram, um após o outro, sem que nunca chegue esse dia horrível que virá destruir o sonho alcançado da minha vida, a primavera grandiosa do meu amor... (Dantas, 1935, p. 35).

A figuração do amor platônico ganhou muitas páginas em revistas como o “Jornal das Moças”, nas quais quanto mais distante da realidade social, mais idealizada e segura se encontra a história de amor. Uma vez confrontado com as questões mundanas, o amor pode ruir pelo simples fato de uma mulher envelhecer e se modificar por fora e por dentro. A autora, nesse ponto, faz um trocadilho com a projeção do desejo: “que nunca chegue esse dia horrível” que a faz tanto sonhar e esperar. Além de uma previsão negativa e de um papel passivo em torno do homem que parte e da mulher que espera o seu retorno, mobilizados para construir a dramaticidade da narrativa, nota-se que futuro, esperança e primavera formam um grupo de termos com significados interligados entre si.

O tom de revelação, que muitas vezes se empregou na literatura católica, e que se traduz, em certo sentido, na literatura laica como momentos de alta inspiração do eu poético ou dos fluxos de consciência, tornou-se, ao longo do tempo e do espaço, não apenas uma prática de escrita, como também um *topos* literário. A revelação sobre o tempo que passa (rapidamente no corpo, longamente na mente) e as feridas que a estrada da vida causa, tornam-se mais relevantes do que a própria trama do casal ou do herói. No fim das contas, Emília Dantas toca no vazio existencial, causado pela condição humana de buscar (sem sucesso) um paraíso terrestre, o qual, à medida que as personagens se distanciam da juventude, se revela cada vez mais distante, porque elas se formam mais conscientes do seu lugar no mundo e essa é geralmente a moral das suas histórias.

As “revelações literárias” para alguns/mas escritores/as têm uma dimensão de saber incorporado – portanto, passível de ser ensinado e aprendido (na escola, pela leitura etc.) –, para outros, elas soam envoltas de mistério, justamente porque seriam guiadas por um criador (que as transmite, de vez em quando, usando as mãos das criaturas que escrevem). Neste último caso, o futuro imaginado teria uma função – seja de punição, seja de transmitir esperança – no curso da vida humana. Outro ponto relevante é que o sagrado e o profano, atribuídos a diversas dimensões da sociedade, também atravessam os textos, no sentido de distinguir as ações, as personagens, os cenários e os desfechos. Para Emília, a natureza representa o que há de mais sagrado no mundo e o tempo da natureza estaria mais próximo, aos olhos dos mortais, de relembrar que existe um guarda-chuva divino sobre o tempo social.

A produção literária de Emília Dantas, contudo, também integra um paradigma futurista (orientado para o futuro, quando escreve ou não diretamente dele), cuja densidade está atrelada não somente às ideias escatológicas católicas de tempo, como também, especificamente (e por vezes contradi-

toriamente), ao processo de ampliação do espaço público no Brasil republicano, quando a literatura passou a ser convocada como uma ferramenta para o progresso. A literatura era vista como uma atividade que não prescindia de participar dos processos de modernização da nação que estavam em curso. A “renovação católica” e o golpe de 1930 interligam-se nas ideias costuradas por diversos/as intelectuais, nos “tempos de Capanema” (Schwartzman; Bomeny; Costa, 2000).

As representações de futuro produzidas na literatura ficcional e ensaística brasileira do período foram profundamente impactadas pelo movimento de “olhar para dentro da nação”, alimentado por uma retórica de “missão civilizadora” compartilhada pelas elites. O regime instaurado em 1930 por Getúlio Vargas foi investido, inicialmente, de um horizonte de expectativas cruzadas e operou estratégias de sincronização dessas expectativas de diversos grupos (tenentistas, mulheres, modernistas, trabalhadores etc.), apresentando-se publicamente como uma alternativa ao suposto fracasso das repúblicas liberais, que teriam levado o país e o mundo à crise financeira, bem como à temida ideologia comunista. Como novo regime centralizado e autoritário, esperava-se que fosse capaz de promover uma modernização “total” (política, econômica, social e cultural) da nação brasileira, justamente quando ela era representada como uma grande promessa, visão que, em 1941, o escritor Stefan Zweig imortalizaria por meio da expressão “Brasil, país do futuro” (Murari, 2017; Schwartzman; Bomeny; Costa, 2000).

No Paraná, a conjuntura é marcada politicamente pela interventoria de Manoel Ribas (1932-1945)¹⁶ e, nos domínios intelectual e artístico, por rearranjos nos repertórios identitários até então predominantes. Os anos de 1930 implicaram uma pressão de integração das agendas regionalistas à nacionalista, havendo o *paranismo* (produção literária de valorização

¹⁶ A família do interventor era da cidade de Ponta Grossa.

da riqueza material, étnica, estética e paisagística próprias do Paraná), dos anos de 1920, forjado, sobremaneira, em uma literatura firmada nas imagens de um estado branco, fruto da colonização europeia. Segundo Oliveira e Szwako (2009), ao mesmo tempo em que se ampliou um esforço consciente, por parte das elites paranaenses, para consolidar a identidade regional, essas imagens da diferença perderam um pouco de força, durante a centralização varguista. Em contrapartida, saíram fortalecidos e renovados os signos que corporificavam, desde fins do século XIX, o Paraná como “Terra do Futuro”. Exaltava-se, assim, as virtudes progressistas e expansionistas em representações que manifestavam um tipo de certeza em um futuro brilhante. Considera-se que, no âmbito estadual, a obra de Emília Dantas foi especialmente sensível a tais elaborações sobre o futuro da sua cidade, estado e país.

O espaço de experiência católico não dava conta sozinho de prever o futuro e de lidar com as questões identitárias candentes, que se proliferaram de uma forma mais pluralizada, quer dizer, articuladas a outras maneiras de pensar, oriundas das transformações sociais que engendraram expectativas. Entre agendas de ideias questionadoras que alimentavam suas próprias e novas utopias, fossem elas universalistas ou nacionalistas (o feminismo, o anarco-sindicalismo, o comunismo, o integralismo, entre outros movimentos que servem de termômetro), o fato é que tanto o passado quanto o futuro estavam em disputa. Dentre uma série de futuros-passados, ou melhor, de maneiras como o futuro foi pensado, representado e transmitido na época, é preciso considerar, ainda, que apenas algumas ideias de futuro vieram a público e se tornaram predominantes (vitoriosas). Como parte importante da produção cultural, um futuro imaginado poderia intervir no mundo social, a depender do poder simbólico e dos capitais atrelados aos seus porta-vozes (Zorek, 2019). Emília Dantas se inseriu, como autora, nessas disputas, pois compreendeu, em alguma medida, que o presente dependia delas.

O futuro imaginado por Emília Dantas, em alguns textos, choca-se com a percepção hegemônica paranista. Isso se dá, sobretudo, quando ela enfoca o processo do “tornar-se mulher” como uma fricção às promessas de futuro, que se limitavam em vários sentidos às mulheres e que era fruto de decepções. A reflexividade permitida pelo ato de escrever ficção permitiu certa autopercepção da sua posição social (Guebert, 2021). Vale lembrar que ela iniciou a carreira como professora primária em 1924 e, após a morte do pai (em 1926), aos poucos, sua mãe vendeu partes da chácara da família. No final dos anos 1920 ou início de 1930, Emília, sua mãe e irmãos se mudaram para uma casa mais modesta (Rua Padre Lux, 260). Não seria exagero dizer que, ao menos em parte, o saudosismo da infância representado por ambas na casa de pedras da chácara Dantas¹⁷ (espaço que se torna quase um personagem no romance *A primavera voltará*), atrela-se às dificuldades financeiras, afetivas, entre outras enfrentadas nesse período. Emília começou a escrever e foi recebida pelos pares conforme as mulheres eram em geral lidas na crítica da época, ou seja, como um outro (como mulheres que escrevem)¹⁸, ao contrário dos homens, sobre os quais residia uma suposta neutralidade de gênero na escrita, como se a literatura fosse naturalmente masculina, quando, em verdade, se situa no seio de constructos históricos, sociais e culturais (Beauvoir, 2016; Bourdieu, 2022).

Não raro, Emília Dantas, assim como muitas autoras, utilizou-se de ironia e críticas mais ou menos abertas para se referir ao que hoje chamaríamos de patriarcado, ain-

¹⁷ “Casa de pedras”, conforme narrado por Judith Dantas Pimentel (2021).

¹⁸ Emília publicou seus primeiros poemas na década de 1930, no “Jornal das Moças” (Rio de Janeiro) e também na “Página feminina”, do jornal “Diário dos Campos” (Ponta Grossa), que era dirigida pela escritora Helena Kolody. Publicou também artigos no jornal “O Dia” (Curitiba) e, posteriormente, na “Revista do Centro Paranaense Feminino de Cultura” e na “Revista da Academia Feminina de Letras do Paraná” (Mainardes, 2022; Oliveira, 2002).

da que sua literatura lance mão de evocativos às autoridades como Deus e família, celebrando-as muitas vezes. Uma das questões que ela mais demarcou, sem dúvida, foi a da transformação em curso das formas de imaginar e lidar com o futuro. E foi, particularmente, por meio da temática da passagem entre infância e vida adulta, em outras palavras, do “tornar-se mulher”, que as questões explícitas até aqui se traduzem nos seus textos.

TORNAR-SE ADULTA: IMAGINAÇÃO E FUTURO NA LITERATURA DE EMÍLIA DANTAS

Mas é que agora eu já não quero brinquedos...

E para que haveria de querê-los?

E concretizam a vida em tão pouco

Mas eu não quero viver assim!

E acho que a felicidade [...] deve ser tão diferente daquilo que imaginam os outros!

[...] A felicidade está em nós mesmos, sei que ele vai repetir.

Isso está tão explorado!

E se eu dissesse a você, Papai Noel, que sou capaz de desmentir essa velha desculpa dos indiferentes e dos resignados, que são as piores criaturas que existem?

Para eles, a felicidade é o acaso da sorte [...]

[...] Temo que o Papai Noel não encontre a felicidade que desejo e que me venha dizer: - Procurei-a em vão.

Não a trouxe, porque ela não existe, não existiu nunca!” (Dantas, 1937d, p. 70).

Esse trecho reproduzido faz parte do texto “O meu Natal”, de 1937, que é sintomático do modo como a literatura de Emília evoca as dores do processo de se tornar uma mulher adulta. As responsabilidades e as dificuldades de uma profissão (professora) ou ocupação (intelectual), os limites socialmente impostos por situações de pobreza, doença ou sofrimento emocional (em função de um luto, de um casamento arruinado, de uma perda de identidade etc.). Desse modo, o passado ganha densidade memorialística e é acionado em diferentes níveis que se sobrepõem: biográfico, familiar (infância), histórico, desde a infância enquanto menina do interior do Sul do Brasil, passando pela quebra e a transformação de um mundo de imaginação e criatividade, de romantismo e brincadeira, para um mundo cruel, que se impõe a duras penas, como uma realidade esmagadora.

É por meio do tema do “tornar-se mulher” que o futuro também é evocado, assim como o passado, como um mundo possivelmente melhor. A ideia de progresso, em uma chave futurista de historicidade, revela o presente, momento gerador da escrita, como um limiar entre dois tempos que, no imaginário, evocam espelhos de uma vida melhor, mais grandiosa. No texto “Dezembro”, de 1940, usando figuras de linguagem como a apóstrofe – a narradora se dirige a Papai Noel – por exemplo, ela faz a clássica comparação entre o Natal e a renovação:

E rezava, no silêncio do meu quarto, rezava baixinho pedindo que me fizesse crescer depressa, que me fizesse moça para que eu tivesse um sapato de salto alto, um vestido longo e rodado como aqueles que vestiam as artistas, cujos retratos arrancava das revistas e escondia avaramente na gaveta da velha cômoda. Mas um dia, pela primeira vez, na manhã gloriosa de Natal, decepcionei-me! Você esquecera de mim! Mal-

dosamente passara pela minha porta e nada me deixara! Eu já era grande então. E, egoísta e má, esqueci todo o passado, esqueci a grandiosidade concreta dos sonhos já vividos pela insignificância da hora presente, que continuava sendo a única em minha vida! Depois muitos natais se sucederam. Dezembro trouxe, ainda, algumas vezes, para a emotiva sensibilidade de meus olhos tristes, panoramas claros e festivos. E dezembro chega, outra vez! Vem, de mansinho, e com ele voltará Papai Noel, mais velho e mais cansado, sempre bom e generoso, distribuindo às mãos cheias tudo aquilo que me faz recordar a infância distante (Dantas, 1940a, p. 6).

Atente-se para a alusão à quebra do mito glorioso do Papai Noel, na passagem entre infância e juventude, que é evocada como metáfora do fim de um ciclo. Ela também exprime uma quebra de expectativa, que precisa ser recriada, e que retorna somente anos depois, mas já sob outro lugar subjetivo: na forma de lembrança, capaz de fazer ressurgir, somente em parte, as referidas sensações festivas: “Esperarei novamente como na meninice feliz [...] a esmola infinita, de uma felicidade pequenina pela qual tanto anseio. E esquecerei toda a amarga decepção de um ano longo e mau!” (Dantas, 1940a, p. 6). O tempo duplamente linear e cíclico domina (“e com ele voltará Papai Noel, mais velho e mais cansado”), de modo que a figura mitológica se transforma em uma parte do eu poético, absorvido pela cultura e inculcado na memória, mas também desgastado pelo tempo subjetivo, que precisa agora de um esforço no sentido de não esquecer “a grandiosidade concreta dos sonhos já vividos”. Isso porque, sem eles, predominaria uma insignificância que, segundo a autora, marca a hora presente (de “olhos tristes” e “coração reprimido”) por si só. A relação com passado e futuro, portanto, é construída para recriar uma visão esperançosa do tempo como

abertura de possibilidades, justamente quando é o mesmo tempo como processo que fecha a porta da imaginação.

Esse paradoxo se conecta com a maneira como a autora faz uma crítica às “Histórias de Fadas”, de 1938, em texto de nome homônimo, exemplificando os mesmos contos transmitidos às crianças por muitas gerações – “A Bela Adormecida”, “João e Maria” etc. –, mas que, em outros momentos, resvala para um passadismo ou futurismo bucólicos, como janelas de escape de um presente difícil¹⁹. Para a autora, acessar tanto o passado quanto o futuro dependia da capacidade da imaginação.

Emília Dantas, educadora formada pela Escola Normal Primária de Ponta Grossa, em 1929, após lecionar na primeira metade da década, ocupou o cargo de Diretora do Grupo Escolar Professor Julio Theodorico, entre 1935 e 1938. Por certo, ela estava inserida nos debates acerca da educação nova (inclusive da educação literária), das respectivas agendas da Associação Brasileira de Educação (ABE), criada em 1924, e da Comissão Nacional da Literatura Infantil (instituída em 1936), com as quais compartilhava da preocupação em pensar o que era, para que servia e como melhor utilizar da literatura infantil, enquanto diversos especialistas discutiam a construção do pensamento e da linguagem infantis, tomando a literatura como objeto socializador, que deveria estar de acordo com as “fases de desenvolvimento” e com o gosto das crianças (Costa, 2011)²⁰. Nos textos de Emília, as “Histórias de

¹⁹ “É que é tão bom recordar! E, vidas vazias, enchê-las da felicidade que, na infância, ampliou o mundo aos nossos olhos, fazendo dela o reino das maravilhas em que desejaríamos viver” (Dantas, 1938i, p. 11).

²⁰ Segundo Costa (2011), a infância estava em processo de escolarização (iniciado a partir da segunda metade do século XIX, que se intensificou nos anos 1920 e 1930). Professores/as e intelectuais, com o Estado, tornaram-se os principais responsáveis por mediar a relação entre criança e livro. A recepção de teóricos como Jean Piaget, Edouard Claparède e John Dewey no Brasil, que classificam o desenvolvimento cognitivo conforme a idade, pode ser pontuada nas apropriações de educadores/as laicos/

fadas” deixam uma herança na personagem adulta, capaz de ser acessada nos momentos em que esta precisa enfrentar “as decepções do amanhã”.

Encarnando virtudes e defeitos, no mundo das maravilhas em que vivemos então, movem-se os personagens irreais dos contos, todos eles aceitos pela nenhuma capacidade crítica da infância. E como são lindas as histórias que sempre terminam bem. [...]. Olhinhos muito abertos, o mundo se povoa, então, de mil seres imaginários, vultos míticos que na imaginação se confundem em torpelas estranhas. E depois, depois? [...]. Passam-se os anos. As leis naturais não toleram pantominas de sonhos. Que importa à vida que a percepção ilusória dos homens tente traçar rumo diverso aos destinos humanos? E o homem sonha sempre, sonha na alegria, sonha na dor. [...]. Esperanças de hoje, decepções de amanhã. E, cansados, febricitantes, no amargo da alma encontrarão sempre a saudade que ficou, a saudade das histórias lindas que uma voz querida nos contou outrora [...] (Dantas, 1938i, p. 11).

A ideia de futuro que reside nesses textos exprime, portanto, a relação com os debates que estavam em pauta entre educadores/as e literatos/as nesse período, sobre a fusão do maravilhoso com o real, sobre os elementos estéticos e peda-

as e católicos/as, identificados/as com a modernização do ensino e das escolas. A Comissão Nacional de Literatura Infantil, instituída pelo Ministério Capanema, valeu-se das novas teorias da psicologia educacional, para melhor entender (e formar) o público de pequenos/as leitores/as: foram definidos critérios para os livros considerados bons e apropriados à cada faixa etária, concursos de literatura infantojuvenil e centros de cultura e lazer. A criança deixava de ser vista como um papel em branco.

gógicos e os aspectos sociais e nacionalistas da literatura²¹. A autora não chega a defender unicamente uma estética realista para as histórias infantis, mas alude ao perigo da falta de capacidade crítica infantil mediante à falta de realismo. Por outro lado, não condena apenas como prejudiciais os elementos fantásticos, mostrando-se interessada mais em criar uma espécie de testemunho, por meio da sua literatura: testemunho de uma personagem narradora em mutação, que confronta os efeitos do imaginário fantástico em si própria, instaurando uma reflexão sobre o processo de inserção no mundo, ora apontando a fantasia como estimuladora da formação cognitiva e afetiva, ora aos limites ilusórios que, inevitavelmente, acabam quebrados pelas dores da vida real.

No poema “Saudade”, há figurações que se sobrepõem à emoção intimamente ligada ao tempo: “Saudade esperança”, “Saudade obsessão”, “Saudade tortura”, “Saudade agonia” e “Saudade aniquilamento”. A poeta emprega um “misto de fé e inquietude”, de “temor do amanhã” e “embriaguez dos sentidos despertados pela voz mentirosa de uma nova esperança” (Dantas, 1938f, p. 74), recorrendo a pares de opostos que, somados, resumem a dualidade entre “sonhos pisados” e “per-

²¹ “O debate sobre a fantasia mobilizou tanto educadores quanto literatos. Na CNLI [Comissão Nacional de Literatura Infantil], houve forte defesa desse elemento no livro infanto-juvenil, o que pode ser explicado tanto pelas concepções estéticas de seus componentes (filiação ao movimento modernista, que apresentou outras possibilidades estéticas, além do mimetismo) quanto pelas concepções psicopedagógicas [construtivistas] em relação à criança, uma vez que essas novas abordagens salientavam a importância da fantasia e do desenvolvimento da imaginação no processo de aprendizagem infantil” (Costa, 2011, p. 4). Segundo a autora, “[...] para interagir com o mundo e de, aos poucos, adquirir conhecimentos sobre ele, a Comissão passou a defender uma literatura que partisse do imaginário e, paulatinamente, desse à criança a dimensão da vida real [...]” (Costa, 2011, p. 23). De acordo com Costa (2011, p. 23): “Além disso, [a CNLI] apresentou uma outra proposta de literatura infantil a ser valorizada, que era diferente daquela escrita por autores [como Rui Barbosa] da virada do século XIX para o XX” (Costa, 2011, p. 23).

manência da crença”. Em vários textos, essa questão é expressa por meio do contraste entre “Inverno e primavera! Transição da morte para a vida!” (Dantas, 1938h, p. 11), fazendo da primavera um sinônimo da esperança (trazida pela renovação).

Seus textos levam a leitora a acompanhar até o limite o processo de instauração da dúvida sobre o futuro (e da existência da fé em um futuro melhor que a própria literatura propaga), como um mecanismo e, a um só tempo, uma virtude para preencher o vazio da condição humana. Esses autoquestionamentos geralmente ganham alguma resolução moralista e de resignação, mediadas pela revelação de um ser diante de outro mais poderoso (“fantoques guiados por uma mão invisível” (Dantas, 1936a, p. 14))²². Esse é o caso do texto “Divino consolo da fé”:

[...] canções enternecidas de ternura para esse ‘amanhã’ incerto que a fé aproxima sempre, dilatando os olhos para o futuro distante, infinito e grandioso [...]. Bendita é ela. Porque, através de mentira enganosa da esperança, preenche de sonhos lindos o vazio da existência. [...]. Essa fé que transporta [...] esperança para além das fronteiras que o destino traça às criaturas. Bendita é ela, imagem obstinada da crença, síntese de todas as virtudes humanas (Dantas, 1939, p. 65).

A literatura é novamente representada por ela como atividade para acalentar os olhos preocupados com o futuro

²² O tom moralista e pedagógico aparece nos textos “Carnaval” (Dantas, 1938c), “Amor e Ciúme” (Dantas, 1937b), “Viver” (Dantas, 1936b) e “Na Assembleia dos Deuses” (Dantas, 1937a), cujo formato se assemelha ao dos sermões cristãos e/ou das mitologias greco-romanas, como neste trecho: “A princípio, quando o mundo era ainda confusão, encontraram-se o amor e o ciúme. O amor vestia-se de branco e caminhava a passo, muito lentamente, cantarolando uma canção. O ciúme trajava de vermelho e de seus olhos, que faiscavam fugiam reflexos de ódio e de tortura [...]. E ainda hoje, de mãos dadas, caminham a espreita dos descuidados [...]” (Dantas, 1937a, p. 11).

incerto e diretamente associada à fé, capaz de costurar o polo da “mentira” (nesse caso, da ficcionalidade) com o polo da virtude. No texto “Viver”, por sua vez, a autora problematiza a diferença entre os olhos da juventude e os da velhice, também polarizando um futuro de magia, repleto de sonhos, e um futuro real, “dos cabelos brancos e mãos vazias”, no qual, a visão amargurada, a um só tempo, encontra paz:

E o homem subiu, acompanhando a caravana da esperança que se distanciava na longa estrada da vida. Levava nos olhos, o cenário mutável de realizações grandiosas, mas tinha as mãos vazias. E caminhou. Lá, no alto, a glória, a fortuna, o amor! E faltava tão pouco! E ele subia, buscando na vida a concretização do sonho bonito que [illegível] na adolescência. E porque não, se tinha o futuro diante da magia de seus olhos moços? [...] e sentia-se capaz de afrontar o mundo, transpondo muralhas agigantadas para atingir a meta [...]. Mas, a caravana bonita que conduzia a felicidade acelerava o passo ao sentir que ele ia alcançá-la. E, louco, redobrou de energia. Correu, desvairado. Em seus olhos doloridos refervia o anseio de uma estranha emoção [...]. Um dia, porém, cansou. E, viu, amargurado, que tinha os cabelos brancos e as mãos ainda vazias. Os olhos, ennevoados, voltaram-se para o poente [...]. (Dantas, 1936b, p. 9).

A “estrada da vida” é representada de forma dúbia: longa (porque penosa, repleta de desafios, muralhas e metas) e curta (porque acelerado, na modernidade, o homem corre para produzir e vive cansado). No entanto, alguma compensação surge, no final do texto, para justificar a “afronta do mundo”. Se “A primavera, braços ciclópicos, imensos, estende sobre o mundo a vara mágica do encantamento” (Dantas, 1938h, p. 11), a autora faz emergir “pontes de setembro” entre um estado da alma

– ou um tempo – e o outro (levando ao reencantamento) dos personagens ou da narradora, retratando-os como estados inevitavelmente cíclicos. O tema do desencantamento, portanto, é reafirmado como um fenômeno do “tornar-se adulta”.

Ao analisar os textos uns com relação aos outros, é como se a capacidade de acessar o passado e o futuro, via pensamento e escrita, fosse o que concretizasse, para a autora, o presente como tempo próprio (e dignificante). Como se ela própria evocasse, nos textos, a contribuição social da literatura em geral e da sua literatura em particular: a de tornar o presente mais suportável, a de ser útil na construção do futuro e na transmissão do passado, que andam sempre articuladas. O tempo também depende e se articula, fundamentalmente com o espaço.

Na conjuntura histórica de produção no qual se situou Emília Dantas, uma contradição inerente se fez sentir: se toda expectativa, inevitavelmente cairia em um terreno movediço, mas governado pela máxima “o futuro a Deus pertence”, isso não significou o fim dos questionamentos e sentimentos despertados pela falta (e pela busca) de alguma espécie de controle humano do passado e do futuro. Essa literatura, assim, exprime o rompimento do controle da Igreja sobre o tempo e a ampliação em curso da imaginação em torno de um “tempo das mulheres” e de um “tempo das escolas e livrarias” que suas páginas trouxeram à luz. A rigor, o que a autora espera do futuro é que não seja de todo igual ao passado. E a relação com o tempo é mediada, ora pela paisagem, ora por uma amiga ou estranho, ora por uma recordação ou lição, que desaguam em diversas personificações da infância, da juventude e da velhice, sobretudo, dos momentos de passagem entre cada uma dessas fases.

Escrever, afinal, afirma-se como um ato para enfrentar e organizar o tempo, ou, usando as próprias palavras de Emília Dantas, para aliviar “[...] o grito trepidante de frases, angústias correndo nos espaços vazios e indefinidos” (Dantas,

1940b, p. 9), de um tempo demasiadamente humano, social e histórico, como não poderia deixar de ser.

FONTES

DANTAS, Emília. Para quando você voltar... **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1069, 12 dez. 1935, p. 35. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&hf=memoria.bn.br&pagfis=12990. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Ponto final. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1111, 1 out. 1936a, p. 14. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&hf=memoria.bn.br&pagfis=14901. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Viver. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1119, 26 nov. 1936b, p. 9. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&hf=memoria.bn.br&pagfis=15247. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Na Assembleia dos Deuses. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1141, 29 abr. 1937a, p. 11. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&hf=memoria.bn.br&pagfis=16301. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Amor e ciúme. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1168, 4 nov. 1937b, p. 11. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&hf=memoria.bn.br&pagfis=17502. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. O meu poema. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1174, 16 dez. 1937c, p. 78. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&hf=memoria.bn.br&pagfis=17841. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. O meu Natal. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1176, 30 dez. 1937d, p. 70. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&Pesq=%22Emilia%20DANTAS%22&pagfis=17937. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Divagações (I). **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1180, 27 jan. 1938a, p. 70. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&Pesq=%22Emilia%20DANTAS%22&pagfis=18117. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Velhice. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1181, 3 fev. 1938b, p. 11. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&Pesq=%22Emilia%20DANTAS%22&pagfis=18136. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Carnaval. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1184, 24 fev. 1938c, p. 73. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&Pesq=%22Emilia%20DANTAS%22&pagfis=18299. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. De volta. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1184, 24 fev. 1938d, p. 67. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&Pesq=%22Emilia%20DANTAS%22&pagfis=18293. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Desejo de Jeovah. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1188, 24 mar. 1938e, p. 17. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&Pesq=%22Emilia%20DANTAS%22&pagfis=18468. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Saudade. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1190, 7 abr. 1938f, p. 73. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&Pesq=%22Emilia%20DANTAS%22&pagfis=18578. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Divagações (II). **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1198, 2 jun. 1938g, p. 73. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&Pesq=%22Emilia%20DANTAS%22&pagfis=18931. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Tardes de Setembro. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1214, 22 set. 1938h, p. 11. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&Pesq=%22Emília%20DANTAS%22&pagfis=19649. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Histórias de fadas. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1219, 27 out. 1938i, p. 11. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&Pesq=%22Emília%20DANTAS%22&pagfis=19898. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Festa na vila. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1225, 8 dez. 1938j, p. 18. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&Pesq=%22Emília%20DANTAS%22&pagfis=20207. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Divino consolo da fé. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1232, 26 jan. 1939, p. 65. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&Pesq=%22Emília%20DANTAS%22&pagfis=20583. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Dezembro. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1282, 11 jan. 1940a, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=111031_04&pesq=emília+dantas&hf=bn&pagfis=46. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Tarde triste. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1286, 8 fev. 1940b, p. 9. Disponível em: https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=111031_04&pesq=emília+dantas&hf=bn&pagfis=209. Acesso em: 4 jul. 2023.

DANTAS, Emília. Si me amas. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1472, 2 set. 1943, p. 51. Disponível em: https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=111031_04&pesq=emília+dantas&hf=bn&pagfis=7523. Acesso em: 4 jul. 2023.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de. **Jornal das Moças**: leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945). 2008. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução: Maria Helena Kuhner. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.

COSTA, Aline Santos. **A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a formação do público leitor infanto-juvenil no Governo Vargas (1936 – 1938)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

GUEBERT, Caroline Aparecida. Duas guerras em narrativa e a memória como transmissão cultural: uma leitura histórica do romance *A primavera voltará* (Brasil, 1949). **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 17, n. 1, p. 403-429, jan./jun. 2021.

GUEBERT, Caroline Aparecida. Pensar pela pena que desliza, falar pela boca que se fecha?: Emília Dantas Ribas como a primeira romancista dos campos gerais (Paraná, 1949). **Espacialidades**, Natal, v. 13, n. 1, p. 1-33, 2018.

JORNAL DAS MOÇAS. Empresa Jornal das Moças: Semanário Ilustrado e Literário. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 985, 3 maio 1934, p. 1. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&Pesq=%22Emilia%20DANTAS%22&pagfis=8901. Acesso em: 4 jul. 2023.

JORNAL DAS MOÇAS. E o grande número especial de “Jornal das Moças”. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 01066, 21 nov. 1935, p. 1. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_03&hf=memoria.bn.br&pagfis=12837. Acesso em: 4 jul. 2023.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora da PUC-Rio, 2006.

MAINARDES, Jefferson. Notas biográficas sobre Emília Dantas Ribas. In: RIBAS, Emília Dantas. **A primavera voltará**. 2. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2022. p. 175-177.

MURARI, Luciana. “O Velho e o diabo”, ou: do que falamos quando falamos de “história e literatura”? **História em Revista**, Pelotas, n. 23, p. 7-19, dez. 2017.

OLIVEIRA, Josefreldo Cercal de. **Educadores Ponta-Grossenses (1850-1950)**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2002.

OLIVEIRA, Márcio de; SZWAKO, José. **Ensaios de sociologia e história intelectual do Paraná**. Curitiba: Editora da UFPR, 2009.

PIMENTEL, Judith Dantas. **Numa pequena cidade do grande mundo**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2021.

ROSA, Lílian Rodrigues de Oliveira. Entre o tempo dos homens e o tempo de Deus: o espaço de experiência católico e a ameaça de um horizonte de expectativa comunista. **Dialogus**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 293-310, 2007.

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República brasileira. In: NOVAES, Fernando; SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. Volume 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 289-365.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena; COSTA, Vanda Maria Ribeiro (org.). **Tempos de Capanema**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ZOREK, Bruno de Macedo. **O futuro de São Paulo na década de 1950**. 2019. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Campinas, Campinas, 2019.



CAPÍTULO 5

As irmãs Dantas

Renato van Wilpe Bach

A primavera voltará, único romance de Emília Dantas Ribas (1907-1978), de 1949, é também o primeiro de uma mulher ponta-grossense. Não que não houvesse mulheres escritoras antes dela. Anita Philipovsky (1886-1967), por exemplo, a partir dos anos de 1910, publicou em jornais e revistas, em vários estilos, da crônica à poesia, passando pelo conto e a novela. Sua obra, esparsa, foi coletada, e sua trajetória revista recentemente, recolocando Anita no marcante papel de pioneira das letras femininas na região (Santos, 2002).

Anita, porém, retirou-se do ambiente cultural muito precocemente, isolando-se até a velhice solitária e caseira. No final da vida, relatos dão conta de que Anita queimou muitos originais em seu próprio quintal. Emília, pelo contrário, foi figura atuante nos círculos cívicos e intelectuais da região de Ponta Grossa e do estado do Paraná, falando no rádio, dando palestras, incentivando a arte e a cultura, promovendo a autonomia e a plena cidadania da mulher, participando da Academia Feminina de Letras do Paraná, ao lado de Helena Kolody (1912-2004).

Era uma amizade antiga. Helena, nossa maior poeta, também andou por aqui, lecionando, escrevendo para os jornais, falando nas rádios, e costumava abrir espaço para a produção literária de Emília (Fontes, 2018). Emília fez uma carreira impecável no magistério e na gestão da educação, demonstrando ao longo da vida suas múltiplas capacidades. Era uma mulher culta, letrada, que, não à toa, seria nossa primeira romancista.

Emília teve carreira de imediato destaque, como professora do Grupo Escolar Senador Correia e da Escola de Aplicação, o que a levou a ser convidada para ser a primeira diretora do Grupo Escolar Julio Theodorico, criado pelo governo em 1935 como uma escola-modelo em nível estadual. Em 1938, tornou-se professora da Escola Normal e, entre 1941 e 1946, sua diretora.

Além das atividades como educadora, ela publicou muitos artigos, contos e poesias em revistas e jornais da época, até mesmo na capital federal. A parceria com a professora e poetisa Helena Kolody, que comandava a coluna literária do “Diário dos Campos”, deu espaço a várias publicações de Emília.

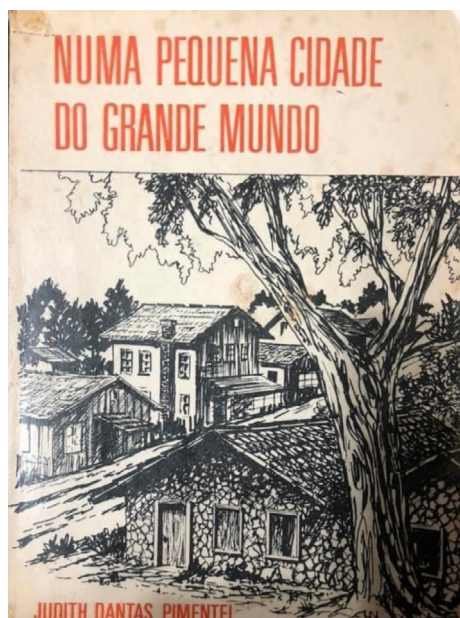
A escritora participou de diversas entidades culturais e literárias e, ao lado de Helena e outras escritoras contemporâneas, participou, nos anos de 1970, da criação e da instalação da Academia Feminina de Letras do Paraná (Mainardes *et al.*, 2023).

A primavera voltará, seu único romance, obteve resenhas em sua maioria favoráveis na imprensa local e mereceu matéria na revista “Ilustração Brasileira”, em 1953, quatro anos depois do lançamento, o que demonstra que a obra não passou despercebida a seus coevos (Neves, 1953).

O romance de Emília, protagonizado por uma professora como ela, não se detém na observação e no registro minucioso do cotidiano da regência de classe, ou na crônica dos corredores da escola. Seu olhar vai além do trivial, e além da própria profissão. Abrange, de modo atento e compassivo, a doméstica, a médica, a esposa, a “do lar” e as “que ficaram para titia”; lapida seus personagens com o talhe da verossimilhança, fazendo que ocupem mais que o pano de fundo, talvez até o protagonismo da história.

Emília foi, para mim, descoberta recente. No entanto, o livro de sua irmã Judith parece que conheço desde sempre. Judith Dantas Pimentel (1913-1989) era a nona filha do casal

José Joaquim e Marcelina; Emília era a sexta, cinco anos mais velha. Cresceram juntas na chácara Dantas, cuja história seria contada por Judith no livro que encantou (e assombrou) minha infância: *Numa pequena cidade do grande mundo*, de 1970.



Capa do livro *Numa pequena cidade do grande mundo*, edição de 1970 de meu avô Oscar Arthur Bach (“Kiko”).

A epopeia do casal de imigrantes é narrada por Judith em um romance bem estruturado, que conta a história da família, tendo como pano de fundo a pequena cidade interiorana que era Ponta Grossa no início do século XX, recém-conectada ao mundo pela estrada de ferro. Alternando entre o campo e a cidade, onde seu pai tentou o comércio, a narrativa de Judith vai além do apenas pitoresco e do familiar, transfor-

mando seus retratos dos excluídos e miseráveis em “[...] uma das páginas mais belas e comoventes da literatura de testemunho no Brasil”, segundo Sanches Neto (2020).

Filho e neto de leitores vorazes, o volume passou de meu avô, Oscar, para meu pai, Ariel, e acabou em minhas mãos quando eu ainda era criança — um menino de 11 ou 12 anos que lia os clássicos. *Numa pequena cidade...* permaneceria comigo ao longo dos anos e das mudanças, um preferido muitas vezes relido, nunca esquecido, com o qual desenvolvi relação pessoal e apaixonada.

Era o único livro (que eu conhecia) que fazia de Ponta Grossa o cenário. É uma história de imigrantes que se tornam fazendeiros e depois comerciantes, praticamente a mesma trajetória cumprida por meus bisavós holandeses. Meus avós paternos conheciam a autora, tanto que tinham o livro, publicado em tiragem limitadíssima, quase artesanal.

Quando, mais tarde, li os *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez (1927-2014), encontrei similaridades entre as obras: um misto de realidade e sonho que alguns chamariam de realismo fantástico. Talvez fosse só a poesia, comum aos textos, ou o “cheiro” de América que ambos recendem.

A história de como o *Numa pequena cidade...* chegaria ao amigo e escritor, reitor da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Miguel Sanches Neto, muitos anos depois, foi contada por ele em uma edição da revista “Rascunho” (Sanches Neto, 2020), na qual sobressai a paixão imediata que a obra lhe suscitou, ao ser lida numa pegada só. Na manhã seguinte, ele me ligou dizendo “vamos publicar!”, e me pediu um artigo sobre o livro para o site da UEPG.

Este artigo, publicado *online* em 14 de setembro de 2020 (Bach, 2020a), foi sucedido, no dia seguinte, aniversário da cidade, por um excerto da obra, um capítulo em que Dona Judith faz a elegia de Ponta Grossa com delicadeza e detalhe

(Pimentel, 2020). Nele, entre outras riquezas locais, Judith cita o Grupo Escolar Senador Correia, a única escola pública da cidade à época.

Ponta Grossa é uma cidade de nome feio. Isso carece explicar. O povo da cidade fez uma história para justificá-lo, muita gente não acreditava nela, mas a história é bonita, dá até gosto de ouvi-la.

É a história de uma pombinha que uns homens levaram bem longe, mandaram que ela escolhesse um lugar para eles fazerem uma cidade, daí soltaram-na, ela saiu voando e, depois, parou na ponta grossa de um morro.

Então os homens fizeram uma porção de casa no lugar onde a pombinha parou, trouxeram as mulheres, foi nascendo gente, o lugar ficou cidade. Ponta Grossa. Muita gente caçoa do nome de minha cidade, mas isso não tem importância, é porque eles não sabem a história.

Quem a sabe, acha o nome bonito, até fica vendo a pombinha bem branca, procurando um lugar para os homens morarem. E fica sabendo que a pombinha era inteligente porque escolheu um lugar lindo como o quê. Fica vendo a pombinha voando, parando no monte, o povo gritando, a cidade surgindo (Pimentel, 1970, p. 167).

Durante as pesquisas sobre Dona Judith Dantas Pimentel, deparei-me com um único artigo que a citava, mas no contexto de outra obra, de autoria de sua irmã Emília. O próprio título é um poema: “Pensar pela pena que desliza, falar pela boca que se fecha: Emília Dantas Ribas como a primeira romancista dos Campos Gerais (Paraná, 1949)” (Guebert, 2018).

Primeira romancista? Irmã de Dona Judith? Como eu não sabia disso? Cadê este livro? – foram as perguntas que me ocorreram. Em um golpe de sorte, achei um exemplar via Estante Virtual (um coletivo de sebos da internet), e imediatamente o comprei.

Como Miguel com o *Numa pequena cidade do grande mundo*, li *A primavera voltará* em poucas horas, quase em um fôlego só, malgrado a complexidade do romance. Nele, em uma escrita enxuta, de influência realista, usando técnicas modernistas como o fluxo de consciência, Emília aborda uma temática feminina (proto-feminista?) incomum na literatura brasileira do período.

Apenas alguns dias depois do texto de Emília, tracei uma resenha emocionada sobre o livro em meu blogue:

Emília e Judith, as irmãs Dantas, são vozes plurais, difíceis de resumir, aliás. De trajetórias similares, exerceram a literatura com graus variados de profissionalização. Cometeram, ambas, apenas um romance, cada – tão distintos em proposta quanto em conteúdo, mas capazes de ressuscitar vozes de um passado de outra forma imemorial (Bach, 2020b).

E a finalizei em tom profético: “Mas a primavera voltará, e talvez, em um dia ensolarado, nessa pequena cidade, depois do ‘footing’ na XV, a gente possa ir ao Sebo (ou ao Museu) e comprá-los em bloco [...], em edição novíssima [...]” (Bach, 2020b).

Judith e Emília Dantas, embora apresentem linguagens muito distintas, aproximam-se ao retratar personagens do povo – os excluídos e sofredores, no caso de Judith, os dramas femininos, na ótica de Emília. A partir de meu lugar

de fala – o de apaixonado por História e Literatura –, ambas mereciam ser redescobertas, lidas e reverenciadas.

A repercussão da redescoberta dos romances “perdidos” de Judith e Emília foi grande, especialmente no meio literário e acadêmico, e rendeu-me o contato (e a amizade) das pessoas que efetivamente empreenderiam as pesquisas necessárias para o resgate (das agora duas) obras com a marca Dantas. O livro de Judith foi publicado em 2021 e o de Emília, em 2022, ambos pela Editora UEPG, nas comemorações dos 200 anos de cidade de Ponta Grossa (Pimentel, 2021; Ribas, 2022).

O enredo de *A primavera voltará*, de 1949, e de *Numa pequena cidade do grande mundo*, de 1970, dialogam e se comple(men)tam em inúmeros níveis. Se buscarmos uma sequência cronológica, o segundo, ambientado no início do século XX, antecede o primeiro, retrato que vai, principalmente, dos anos 1930-1950.

A herança ibérica, repleta de religiosidade e misticismo, as lembranças de infância na Chácara Dantas e do “Pingo De Ouro” (comércio aberto por José Joaquim Dantas na cidade), o perfil de personagens populares da cidade, a escola e a rua como janelas para a comunidade e o mundo são temas comuns entre as duas obras. Para Judith, trata-se de uma memória de família, então nomes e locais são os verdadeiros. Já Emília esconde o nome da cidade, em um apodo que não resiste às descrições de sua localização no planalto paranaense e seu papel na história do Estado: Monte Belo é Ponta Grossa, e o belo capítulo, baseado em fatos, ocorridos com seus pais, durante o Cerco da Lapa, não deixa dúvidas. É um dos pontos altos do livro, inclusive já objeto de estudo crítico (Guebert, 2021).

Emília começa de onde Judith parou, não mais a menina pouco delineada em *Numa pequena cidade do grande mundo*, mas a mulher madura e solitária escondida sob o alter-ego de

Vanira. Se, para Judith, a infância é o presente; para Emília, as memórias pertencem ao passado.

Judith é música, poesia, coreto na praça, desfile na rua, uso de alegorias para apontar as feridas sociais. Emília, ou melhor, Vanira, é mais dura, realista, embora se deixe levar por devaneios, muitas vezes sombrios.

Nada descreve melhor minha visão de *A primavera volta-rá* do que a primeira impressão, registrada logo após a primeira leitura, no texto que ela gerou:

Na linha do romance psicológico, utilizando técnicas de fluxo de consciência e uma temporalidade não-linear, “Primavera...” não é um livro fácil, embora muito bem estruturado. Apesar do uso da primeira pessoa, suas personagens revelam, aos poucos, profundidades insuspeitas nas idas e vindas de uma trama simples, onde o maior mistério se encontra no que (ainda) não foi contado. É na contraposição das vivências dessas várias mulheres à trajetória de Vanira que está o cerne do romance, um amargo painel dos papéis de gênero na sociedade de então.

Para uma “senhora cristã bem-comportada” que exerceu o magistério com disposição sacrificial, Emília chegou longe. Não notei, em sua escrita [...], sinais inequívocos de conservadorismo católico como vemos se afirmar. (a seu respeito). À parte repetidas menções de caráter religioso, o romance se detém em personagens relativamente transgressoras, que refletem sobre a vida e os acontecimentos, ocupam o centro da ação e não se encaixam nos modelos predefinidos. Pais, namorados e maridos são pintados em tintas fortes; na raiz da história está um triângulo amoroso; *Freud* e *Schopenhauer* (bem como *Jesus* e *Paulo*) ilustram observações

pontuais, inseridas no fluxo de consciência ou dispersas nos diálogos. Escolhas no mínimo ousadas para uma professora interiorana dos anos 40 (coisa que, em absoluto, sua trajetória não se resume) (Bach, 2020b).

É notável, no livro, o esmero na construção das frases, sempre em busca da palavra exata, sem firulas; a prosa coloquial e elegante a um só tempo, a consciência social, a cultura invejável, e a coragem da autora em emitir opiniões fortes e incomuns – em tempos difíceis para as mulheres.

Os ambientes escolar e familiar, que incluem a vizinhança, traduzem, certamente, a vivência das irmãs. Elvira e Marcelina, as outras irmãs Dantas, também normalistas. Elas lecionaram por pouco tempo, mas Emília e Judith foram professoras por décadas, além de envolvidas na gestão pública. Judith lecionou em várias cidades do interior paranaense, implantando novas escolas e métodos, e a trajetória de Emília, brilhante, já foi aqui brevemente exposta.

As vozes de Judith e Emília não são suaves, embora embaladas com o uso criterioso da linguagem e aspectos gentis inerentes à feminilidade. Judith sonha, enquanto Emília pisa firme no chão. Judith é pura melancolia, sensível ao sofrimento humano que descreve tão bem; Emília é verve, postura política e erudição, em um mesmo caldeirão. Ambas falam da mesma cidade de forma complementar. Judith narra a saga dos Dantas, no início do século XX, tendo como pano de fundo os personagens pitorescos de uma cidade em construção; Emília escreve um *roman à clef* que retoma elementos da narrativa familiar comum e os leva adiante, descrevendo o cotidiano das mulheres princesinas nos anos de 1940, cidadãs de uma época de constantes mudanças nos costumes e nos comportamentos.

A primavera demora a chegar para as personagens do romance de Emília. Vanira, a protagonista, ainda que meio

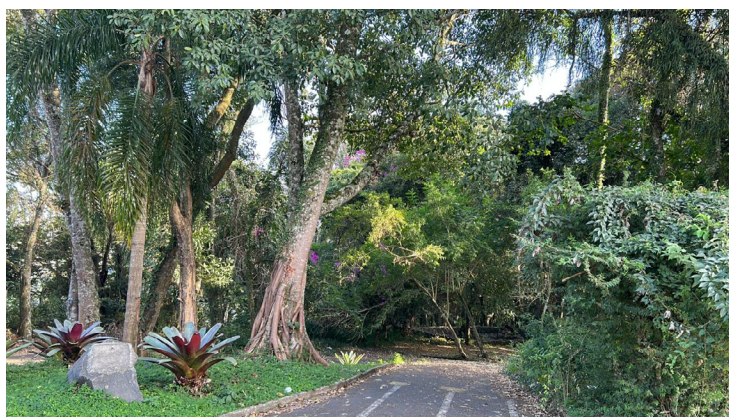
desencantada da vida, acaba apostando em um relacionamento tardio, reflexo talvez de sua própria experiência, visto que Emília casou-se apenas aos 39 anos.

Guebert (2018) aponta a decisão final da protagonista, de se casar com o homem que admirava, mas não amava, como um desenlace conformista para a trajetória desafiante de Vanira. A história de vida das irmãs Dantas desafia essa leitura. Ambas, Emília e Judith, por exemplo, trabalharam até a aposentadoria, e Emília casou-se tarde para os padrões da época. Publicaram seus livros já longe da juventude, e pela qualidade das obras, pode-se supor que o processo de sua urdidura tenha sido longo e meticuloso. Judith formou-se em Direito aos 50 anos e, além de lecionar, advogou na maioria das cidades onde trabalhou. Eram mulheres fora de série para a época em que viveram.

O talento de Emília foi imortalizado na Academia Paranaense Feminina de Letras, onde assumiu a cadeira de sua mestra Judith Macedo Silveira. O texto de seu discurso de posse retrata a antiga mestra com exatidão e está reproduzido, em parte, no livro do professor Joselfredo Oliveira, obra essencial para quem quer entender a importância da implantação da Escola Normal em Ponta Grossa e o progresso da educação infantil na região durante os anos de 1850-1950 (Oliveira, 2002).

A Editora UEPG fez um belíssimo trabalho na reedição dos livros. O entusiasmo de pessoas como Miguel Sanches Neto, Luísa Cristina dos Santos Fontes, Jefferson Mainardes e Beatriz Gomes Nadal foram essenciais na compreensão do que havíamos “descoberto”, na análise crítica avalizada das obras, na busca de dados históricos, cotejando registros e documentos, inserindo a produção das irmãs em seu contexto histórico e social. A família Dantas, na pessoa dos seus herdeiros, foi sempre solidária ao projeto, compartilhando fotos, textos e lembranças com a equipe. A todos, meu respeito e gratidão.

Como funcionário do antigo Hospital da Criança João Vargas de Oliveira, hoje Hospital Universitário Materno-Infantil da UEPG, há mais de uma década, estaciono meu carro em frente ao Parque Margherita Sannini Masini. Há dias que me parecem tão belos por ali, que eventualmente tiro fotos da entrada do parque, curioso com algo, buscando um ângulo novo, ou por motivo algum. Só recentemente soube que toda aquela área, indo até a atual UPA Sant’Ana, fez parte da Chácara Dantas. Já no hospital, observo pelas janelas o Instituto de Educação Professor Cesar Prieto Martinez, atual denominação da antiga Escola Normal, e penso no belo legado, duplo, de professora e romancista, das duas irmãs que um dia viveram ali pertinho.



Parque Margherita Sannini Masini (Ponta Grossa – PR). Fotografado pelo autor em 2023.

Mergulhar no passado de uma cidade por intermédio dos textos de quem a viveu, precedendo-nos no tempo, é, também, um processo de autoconhecimento. Sou profundamente devedor de toda a bibliografia consultada, por meio da qual me tornei ainda mais ponta-grossense.

REFERÊNCIAS

BACH, Renato van Wilpe. Numa Pequena Cidade do Grande Mundo, Judith Dantas Pimentel, edição do autor, 1971. **Notícias UEPG**, Ponta Grossa, 14 set. 2020a. Disponível em: <https://www.uepg.br/livrojudithdantas/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

BACH, Renato van Wilpe. **A primavera voltará, Emília Dantas Ribas, 1949**. 2020b. Disponível em: <https://medium.com/@renatovanwilpebach/a-primavera-voltar%C3%A1-em%C3%ADlia-dantas-ribas-1949-7f8641fd1e4c>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FONTES, Luísa Cristina dos Santos. **Roteiro Literário Helena Kolody**. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 2018.

GUEBERT, Caroline Aparecida. Pensar pela pena que desliza, falar pela boca que se fecha?: Emília Dantas Ribas como a primeira romancista dos Campos Gerais (Paraná, 1949). **Espacialidades**, Natal, v. 13, n. 1, p. 1-33, 2018.

GUEBERT, Caroline Aparecida. Duas guerras em narrativa e a memória como transmissão cultural: uma leitura histórica do romance *A primavera voltará* (Brasil, 1949). **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 17, n. 1, p. 403-429, jan./jun. 2021.

MAINARDES, Jefferson. “A vida acaba, mas as cores ficam”: traços biográficos de Emília Dantas Ribas (1907-1978). In: MAINARDES, Jefferson; FONTES, Luísa Cristina dos Santos; CAMPAGNOLI, Karina Regalio (org.). “**Vozes de Emília**”: a trajetória da escritora Emília Dantas Ribas”. Ponta Grossa: Texto e Contexto Editora, 2023.

NEVES, Berilo. Uma romancista paranaense. **Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, ano XLIV, v. 224, p. 150, dez. 1953. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/107468/per107468_1953_00224.pdf. Acesso: 13 jul. 2023.

OLIVEIRA, Joselfredo Cercal de. **Educadores ponta-grossenses: 1850-1950**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2002.

PIMENTEL, Judith Dantas. **Numa pequena cidade do grande mundo**. Ponta Grossa: Edição do Autor, 1970.

PIMENTEL, Judith Dantas. **Numa pequena cidade do grande mundo**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2021.

PIMENTEL, Judith Dantas. Ponta Grossa, minha cidade. **Notícias UEPG**, Ponta Grossa, 15 set. 2020. Disponível em: <https://www.uepg.br/pg-197anos/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

RIBAS, Emília Dantas. **A primavera voltará**. Curitiba: Guaíra, 1949.

RIBAS, Emília Dantas. **A primavera voltará**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2022.

SANCHES NETO, Miguel. O livro que ninguém leu. **Rascunho**, Curitiba, 1 dez. 2020. Disponível em: <https://rascunho.com.br/colunistas/perto-dos-livros/um-livro-que-ninguem-leu>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SANTOS, Luísa Cristina dos. **Anita Philipovsky**: a princesa dos campos. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2002.



CAPÍTULO 6

O que foi dito de Emília Dantas Ribas – à guisa de uma fortuna crítica

Luísa Cristina dos Santos Fontes

“Fortuna crítica” é o termo consagrado em estudos literários para designar todo o conjunto de crítica acadêmica, de natureza reflexiva, já feita/escrita/publicada sobre a obra de um determinado autor. Na visão de Afrânio Coutinho (1979)¹, trata-se de um instrumento valioso para a organização bibliográfica na área dos estudos literários. O conjunto constitui variável importante para o processo de consagração de um escritor, pois representa o seu capital literário. Assim, posto que pesquisamos vida-obra-legado de Emília Dantas Ribas, pensamos que está na hora de organizar a fortuna crítica da escritora com o intuito de agilizar, para pesquisadores e interessados, o acesso a informações confiáveis sobre a escritora. Convém relevar que este levantamento é inicial e certamente será revisto e ampliado à medida que pesquisadores passem a dedicar a sua atenção à notável escritora.

¹ COUTINHO, Afrânio. **Fortuna crítica de Cruz e Souza**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1979.

ACADEMIA Feminina de Letras do Paraná faz a primeira recepção. **Diário da Tarde**, Curitiba, 15 de março de 1971, p. 5. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

AS COMEMORAÇÕES do 11º aniversário de fundação da Academia de Letras José de Alencar. **O Dia**, Curitiba, 20 de outubro de 1950, p. 3. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

AS PRIMEIRAS euclidianas. **Tapejara**, Ponta Grossa, n. 19, 1957, p. 20.

ASSIM escritoras do Paraná conseguirão “imortalidade”. **Diário do Paraná**, Curitiba, 27 de maio de 1971, p. 5. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

ASSOCIAÇÃO de Damas de Caridade. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 11 de junho de 1932.

AUGUSTO, José. Crônicas esparsas. **O Dia**, Curitiba, 23 de maio de 1950, p. 5. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

BACH, Renato van Wilpe. Numa pequena cidade do grande mundo, Judith Dantas Pimentel. Edição do autor, 1971. *In*: Professor da UEPG apresenta a obra Numa pequena cidade do grande mundo. Publicado em 14 de setembro de 2020. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Disponível em: <https://www.uepg.br/livrojudithdantas/>

BACH, Renato van Wilpe. Ponta Grossa, minha cidade – por Judith Dantas Pimentel. Publicado em 15 de setembro de 2020. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Disponível em: <https://www.uepg.br/pg-197anos/>

BACH, Renato van Wilpe. A primavera voltará, Emília Dantas Ribas, 1949. Publicado em 19 de setembro de 2020. Disponível em: <https://medium.com/@renatovanwilpebach/a-primavera-voltar%C3%A1-em%C3%ADlia-dantas-ribas-1949-7f8641fd1e4c>. Acesso: 28 jul. 2023.

BATALHA de Tuiuti. **O Dia**, Curitiba, 27 de maio de 1941, p. 9. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

BATISTA, Maristela Iurk. **Colégio Júlio Teodorico**: 65 anos fazendo história. Ponta Grossa: UEPG – Imprensa Universitária, 2000.

BATISTA, Maristela Iurk. Colégio Estadual Prof. Júlio Teodorico: 70 anos educando gerações. **Anais...VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”**, Campinas: Unicamp, 2006.

BOTELHO, Jordana Stella. **Prescrições para os Jardins de Infância paranaenses**: do Programa de Experiências de 1950 ao Regimento e Planejamento de Atividades de 1963. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

CASAMENTO – Enlace Dantas-Ribas. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 8 de março de 1946.

CENTRO de Letras do Paraná. **O Dia**, Curitiba, 16 de dezembro de 1950, p. 5. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

CENTRO de Letras do Paraná. **O Dia**, Curitiba, 17 de dezembro de 1950, p. 11. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

CENTRO de Letras do Paraná. **A Tarde**, Curitiba, 18 de dezembro de 1950, p. 3. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

CENTRO de Letras do Paraná. **O Dia**, Curitiba, 26 de janeiro de 1951, p. 5. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

CENTRO de Letras do Paraná. **O Dia**, Curitiba, 7 de abril de 1951, p. 4. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

COLABORADORES. **Vamos ler!**, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1944, p. 30.

DAS ASSESSORIAS. Editora UEPG anuncia reedição de livros das irmãs Judith e Emília Dantas. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 22 de outubro de 2020, p. 5.

DE 13 A 8: Primeira Semana Educacional Preprimária. **Diário do Paraná**, Curitiba, 3 de abril de 1959. Edição 01214. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

EDITORIAL. Significativa homenagem será prestada à educadora Emília Dantas. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 5 de abril de 1938.

ELEVAÇÃO de classe. **O Estado**, Curitiba, 16 de janeiro de 1934, p. 4. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

EQUIPE DP. A imortalidade não mais preocupa estas mulheres. **Diário do Paraná**, Curitiba, 18 de maio de 1971, p. 3. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

FALECIMENTOS. **Diário do Paraná**, Curitiba, 1960. Edição 01567. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

FERNANDES, Josué Corrêa. A pequena cidade do grande mundo. **Diário da Manhã**, 29 de novembro de 2002. [Retalhos da História].

FONTES, Luísa Cristina dos Santos. **Helena Kolody, carbono & diamante, uma biografia ilustrada**. 2012. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

FONTES, Luísa Cristina dos Santos. **Roteiro literário Helena Kolody**. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 2018. p. 48.

FONTES, Luísa Cristina dos Santos. A primavera de Emília Dantas Ribas. Escavando e recordando. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 27 de novembro de 2020. [Coluna Sherlock Holmes Cultura].

FONTES, Luísa Cristina dos Santos. Dedicatórias 2 – a pedidos. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 12 de fevereiro de 2021. [Coluna Sherlock Holmes Cultura].

FONTES, Luísa Cristina dos Santos. A primavera voltará. *In*: Livro de crônicas do Pegaí Leitura Grátis, 2023 (no prelo).

FRANÇA, Serafim. Honrosas referências à escritora pontagrossense Emília D. Ribas. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 10 de abril de 1950, p. 1.

FRANCIOSI, Eddy Antonio. Na seara delas. **Diário do Paraná**, Curitiba, 6 de abril de 1974, p. 3. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

FRANCIOSI, Eddy Antonio. Encontros. **Diário do Paraná**, Curitiba, 25 de abril de 1974, p. 3. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

GUEBERT, Caroline Aparecida. Pensar pela pena que desliza, falar pela boca que se fecha?: Emília Dantas Ribas como a primeira romancista dos campos gerais (Paraná, 1949). **Espacialidades**, Natal, v. 13, n. 1, p. 1-33, 2018.

GUEBERT, Caroline Aparecida. Duas guerras em narrativa e a memória como transmissão cultural: uma leitura histórica do romance *A primavera voltará* (Brasil, 1949). **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 17, n. 1, p. 403-429, jan./jun. 2021.

GUEBERT, Caroline Aparecida. **Da intelectualidade princesina, o coração do Brasil**: trajetória, sociabilidades cívico-letradas e a plasticidade do sertão imaginado no círculo euclidiano (Paraná, meados do século XX). 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

KNECHTEL, Maria do Rosário. Discurso de posse da acadêmica Maria do Rosário Knechtel. Discursos: posse das escritoras Liamir dos Santos Hauer, cadeira nº 16, Maria do Rosário Knechtel, cadeira nº 30. Curitiba: Academia Feminina de Letras do Paraná, 2006. p. 34-35.

KOLODY, Helena. Admiração, saudade e carinho. **Revista da Academia Feminina de Letras do Paraná**, Curitiba, ano V, v. V, p. 20-21, 1978.

LITERÁRIAS. **Diário do Paraná**, Curitiba, 1967. Edição 03568. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

MAINARDES, Jefferson. “Partida e recomeço”. **Jornal da Manhã**, Ponta Grossa, 7 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://arede.info/jornaldamanha/mix/449280/cronica-dos-campos-gerais-partida-e-recomeco?d=1>. Acesso em: 22 fev. 2023.

MAINARDES, Jefferson. Emília Dantas Ribas (1907-1978), notas biográficas. In: RIBAS, Emília Dantas. **A primavera voltará**. 2. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2022. p. 175-176.

MONTALVÃO, Eloy de. “A primavera voltará”. **O Dia**, Curitiba, 20 de abril de 1951, p. 5. [Gravetos e Fagulhas]. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

NEVES, Berilo. Uma romancista paranaense. **Ilustração Brasileira**, dezembro de 1953, ano XLIV, n. 224, p. 150.

NOTÍCIAS da imprensa sobre “A primavera voltará”. **O Dia**, Curitiba, 20 de janeiro de 1950, p. 4. [Notícias dos Campos Gerais]. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

NOVA “IMORTAL”. **Diário do Paraná**, Curitiba, 16 de abril de 1974, p. 6. [Coluna Enfoque]. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

NOVOS PROFESSORES. **O Dia**, Curitiba, 23 de novembro de 1940, p. 8. [Pelos municípios]. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

OLIVEIRA, Josefreldo Cercal. Emília Dantas. **Educadores pontagrossenses (1850-1950)**. Ponta Grossa: UEPG, 2002. p. 172-173.

OLIVEIRA, Silvana de. A primavera voltará, de Emília Dantas Ribas. *In*: RIBAS, Emília Dantas. **A primavera voltará**. 2. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2022. p. 9-17.

ORAÇÃO de final de Curso pronunciada pela graciosa Srta. Cecy Cabral. **Diário da Tarde**, Curitiba, n. 17.208, 23 dez. 1950, p. 5.

PIMENTEL, Judith Dantas. **Numa pequena cidade do grande mundo**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2021.

PONTA GROSSA. **Lei nº 4636/1991**. Institui o mérito educacional Emília Dantas Ribas. Ponta Grossa: Câmara Municipal, [1991]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/p/ponta-grossa/lei-ordinaria/1991/464/4636/lei-ordinaria-n-4636-1991-institui-o-merito-educacional-emilia-dantas-ribas>. Acesso em: 9 jul. 2023.

POSSE da Professora Emília Dantas Ribas na cadeira nº 30 da Academia Feminina de Letras do Paraná, tendo como patrona a Professora Judith Silveira. Texto sem indicação de autoria, s.d.

PEDROSO, Maria Lourdes O. Educação & medo. **De como aconteceu**. Ponta Grossa: Planeta, 2000. p. 88-90.

PROFESSORANDAS pontagrossenses. **O Dia**, Curitiba, 1 de novembro de 1944, p. 5. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

PROFESSORAS de 1950 do Instituto de Educação – Cerimônias de colação de grau. **Diário da Tarde**, Curitiba, 15 de dezembro de 1950, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

PROFESSORES do Paraná. **Correio do Povo**, Jaraguá do Sul (SC), 20 de maio de 1944, p. 1. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

REVESTIU-SE de extraordinária imponência a recepção ao Prof. Erasmo Pilotto. **O Dia**, Curitiba, 29 de julho de 1932, p. 7. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

ROBASSA, Emanuel. Parente de Emília Dantas Ribas fala sobre a escritora. **Nova Pauta** – UniSecal Jornalismo, Ponta Grossa, 1 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://jornalismosecal.com>. Acesso em: 31 mar. 2023.

SEMANA da criança. **O Dia**, Curitiba, 19 de março de 1942, p. 8. [Pelos municípios]. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

SIGNIFICATIVA homenagem será prestada à educadora Emília Dantas. **Diário dos Campos**, 5 de abril de 1938, p. 6.

SOUSA, Reginaldo Cerqueira. **República das mulheres de virtude**: um estudo sobre as bases sociais de apoio ao governo dos militares (1964-1985). 2016. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

TAVARESIO, Carlos. Panorama literário de Ponta Grossa. **A Tarde**, Curitiba, 22 de setembro de 1951, p. 5. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

VENCEDORA a chapa “Leôncio Correia”. **Diário da Tarde**, Curitiba, 21 de setembro de 1950, p. 2.



CAPÍTULO 7

O outro livro que Emília escreveu

Luísa Cristina dos Santos Fontes

O outro livro, que ora conformamos por Emília Dantas Ribas, reúne dezenas de textos localizados em diversos jornais e revistas, elencados cronologicamente. Destacamos as publicações no “Diário dos Campos” (Ponta Grossa), “Jornal das Moças” (Rio de Janeiro) e “Revista da Academia Feminina de Letras do Paraná”. É possível vislumbrarmos que a fase mais produtiva da escritora, em termos de publicações, foram os anos das décadas de 1930 e 1940, que acabaram convergindo para a publicação do romance *A primavera voltará*, em 1949. Posto que nossa preocupação é com a memória e também com pesquisas futuras, na edição dos textos, preservamos inteiramente a obra da escritora; no entanto, atualizamos de acordo com as atuais normas de língua vigentes. Os textos foram elencados cronologicamente.

TEXTOS DE EMÍLIA DANTAS (RIBAS)

Para quando você voltar. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1935. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

A minha felicidade. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 10 de maio de 1936. p. 1. [Página Feminina, dirigida pelo Gremio da Primavera].

Ponto final. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 1 de outubro de 1936. p. 14. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Viver. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 8 de outubro de 1936. p. 5. [Página Feminina, dirigida pelo Centro de Cultura Feminina].

Divagações. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 29 de outubro de 1936. p. 1. [Página Feminina, dirigida pelo Centro de Cultura Feminina].

Você. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 5 de novembro de 1936. p. 1. [Página Feminina, dirigida pelo Centro de Cultura Feminina].

O analfabetismo. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 19 de novembro de 1936. p. 1. [Página Feminina, dirigida pelo Centro de Cultura Feminina].

Viver. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1936. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Na Assembleia dos Deuses. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 29 de abril de 1937. p. 11. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Amor e ciúme. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1937. p. 11. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

O meu poema. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1937. p. 73. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

O vento (poema). Recorte de jornal. Acervo de Carmen Peixoto e Josélia Peixoto Alves.

O meu Natal. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1937. p. 70. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Divagações. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1938. p. 70. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Velhice. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1938. p. 11. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Carnaval. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1938. p. 73. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

De volta. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1938. p. 67. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Desejo de Jehovah. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 24 de março de 1938. p. 17. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Saudade. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 7 de abril de 1938. p. 74. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Educação rural. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 27 de abril de 1938. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Divagações. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 2 de junho de 1938. p. 73. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Mulheres atuais. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1938. p. 1. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Tardes de setembro. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1938. p. 11. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

História de fadas. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1938. p. 11. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Festa na vila. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1938. p. 18. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Divino consolo da fé. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1939. p. 65. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Dezembro. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1940. p. 6. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Tarde triste. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1940. p. 70. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Si me amas... **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1943. p. 51. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

A mulher e o alistamento. **O Dia**, Curitiba, setembro de 1945. p. 3. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Já é tarde (poesia). Recorte de jornal. Acervo de Carmen Santos Peixoto e Josélia Peixoto Alves.

Curitiba. Texto datilografado. Acervo de Maria da Penha Dantas Roeder.

A primavera voltará. Curitiba: Guaíra, 1949.

A caligrafia na escola primária. **Diário dos Campos**. Ponta Grossa, 8 de março de 1946. [Coluna pedagógica]

Uma excursão à Europa. **O Dia**, Curitiba, 19 de julho de 1952. p. 16. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional.

Prefácio de **Vidas na minha vida**, de Zilah de Grácia. Curitiba: Fonte, 1966.

Saudando a mestra anônima. **Revista do Centro Paranaense Feminino de Cultura**. Curitiba, ano 2, n. 2, v. XVII, 1968.

A primavera voltará (romance) - Último capítulo. **Revista da Academia Feminina de Letras do Paraná**, Curitiba, ano I, v. I, p. 37-38, 1973.

Vento da infância. **Revista da Academia Feminina de Letras do Paraná**, Curitiba, ano II, v. II, p. 25, 1976.

A psicose do desespero. **Revista da Academia Feminina de Letras do Paraná**, Curitiba, ano V, v. V, p. 8-9, 1978-9.

Um só. **Revista da Academia Feminina de Letras do Paraná**, Curitiba, ano IV, v. IV, p. 36, 1978.

A primavera voltará. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2022.

O espelho. Texto datilografado. Acervo da biblioteca da Academia de Letras Feminina do Paraná.



CAPÍTULO 8

Para sempre, Emília: textos de/sobre Emília Dantas Ribas

Jefferson Mainardes

Luísa Cristina dos Santos Fontes

Karina Regalio Campagnoli

ARTIGOS

A CALIGRAFIA NA ESCOLA PRIMÁRIA

Tratemos hoje de um problema pedagógico de importância capital.

É fato fácil de observar, em nossas escolas primárias, que a escrita dos alunos se está tornando cada vez pior. Há, em parte, grande descuido pelas aulas dessa matéria e os professores estão influenciados por certo na impressão de que a máquina resolveu esse problema e que já não há necessidade de que a letra seja boa; entretanto, servimo-nos de caracteres manuscritos com frequência demasiada para que descuremos essa disciplina. Além de tudo, e fato grave esse, a caligrafia em nossas escolas, embora o Regulamento de Ensino nada diga a respeito, obedece ainda, quase como padrão, ao tipo vertical.

Vejamos, de início, os resultados dessa medida.

É muito fácil observar que o uso frequente de escrever leva naturalmente à inclinação da letra.

E por que será isso, perguntamos? E teríamos de responder que é a consequência natural da mais acertada tendência humana, a de simplificar a vida.

Atualmente, requer-se do homem o menor dispêndio de energia dentro do maior aproveitamento, e está mais do que suficientemente provado que a letra de inclinação média ou natural (15% a 20%) é muito mais rápida. Além disso, nada perde em legibilidade e é bastante higiênica, pois a vertical, mais que a inclinada, favorece a tendência a inclinar a cabeça e o corpo para a esquerda.

A caligrafia vertical, que a escritora George Sand pôs em voga no século passado, é desde antes de 1914 combatidíssima em vários países e entre eles os Estados Unidos, e sabemos perfeitamente que a instrução americana ocupa um dos primeiros lugares no mundo.

O que observamos, principalmente nos meninos que deixam a escola primária e ingressam em atividades diferentes ou mesmo naqueles que prosseguem os estudos, é que, após os 15 anos, a letra passa a inclinar-se, embora já então defeituosa pelo aprendizado da caligrafia inicial.

E qual a razão disso? É que os meninos, depois dos 15 anos, continuam aumentando a velocidade na escrita, ao contrário das meninas que chegaram ao máximo dessa rapidez aos 13 anos e que, por esse motivo, conservam na maioria das vezes a letra vertical.

Como a escrita nasceu do desenho e se representa este em posição vertical, os alfabetos que dele se originaram apareceram nessa posição, assim como a escrita chinesa, a dos babilônios, a grega, etc. Note-se, porém, que o material de que se serviam favorecia esse tipo de letra; passaram-se os séculos

e as invenções humanas foram surgindo e transformou-se o material da escrita; já não se escreve em tijolos de barro, já não nos servimos de buril ou pincéis; usamos pedra metálica e a inclinação da letra teria de se processar como consequência do uso frequente de escrever.

A letra inclinada, preferida hoje pela maioria dos pedagogistas, sendo mais natural permitir ainda que cada indivíduo chegue a um tipo pessoal de escrita, o que não se dá com a vertical.

Já é tempo de acabarmos com a rotina e irmos procurando melhorar a aprendizagem e, para isso, o esforço dos professores é indispensável.

Dirão talvez os mestres que a criança não aprecia a escrita, pois que é uma atividade que não está ligada a qualquer interesse infantil. Realmente é essa a verdade, mas nota-se que o meio ambiente atua sem cessar na criança, estimulando-a a formar o hábito da escrita.

Aproveitemos, pois, esse estímulo natural e espontâneo para, com técnicas acertadas, conduzir nossos alunos ao hábito de escrever bem e com a maior velocidade possível.

A caligrafia muscular, em grande uso nas escolas americanas, tem trazido resultados magníficos e a prova aí está, patente, quando verificamos exercícios escritos dos nossos alunos com os daqueles. E por que não experimentarmos então o método do professor Freeman, autoridade no assunto?

Realmente a aprendizagem, principalmente inicial, pelo ritmo, que pode obedecer à contagem ou ao canto, serve-se no início do desenho e fazendo da escrita uma atividade interessante, coordena e controla os movimentos necessários dos 500 músculos do corpo que exige o complexo ato de escrever.

Estou certa de que o professorado, que tão bem procura acompanhar o movimento renovador que se processa nos métodos de ensino, poderá, lembrando agora da questão em

evidência, pensar na melhoria do ensino da escrita e obter, com esforço e boa vontade, resultados magníficos que servirão para elevar o bom nome do Paraná escolar.

Fonte: DANTAS, Emília. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 2 fev. 1946. (Coluna Pedagógica).

A MULHER E O ALISTAMENTO

A campanha patriótica que hoje iniciamos, diga-se de começo, não tem cor política, pois é uma campanha de civismo cujo fim é aumentar o coeficiente eleitoral de nossa cidade. É lamentável que se verifique que, quase às vésperas de encerrar-se o alistamento, poucas são as mulheres de Ponta Grossa que se capacitaram para comparecer às urnas e ali cumprir o dever de brasileiras.

Mulher de minha terra, que constitui uma parcela da célula viva e palpitante de entusiasmo que é o Brasil – venho hoje falar-te. Só são fortes e dignos os povos que se caracterizam e distinguem pela luta constante por altos ideais humanos – Só merecem progredir os países que sabem viver dentro da atuação harmônica de todas as forças intelectuais, morais e sociais.

A pátria não é somente o pedaço de chão em que nascemos, e bem Rui Barbosa definiu-a, dentro de magistras palavras: “A pátria é o céu, o solo, a tradição, a consciência, o lar, o barco dos filhos e o túmulo dos antepassados: a comunhão da lei, da língua e da liberdade”.

E é a pátria que conclama, neste momento. Todos os cidadãos dignos de servi-la, e a mulher não lhe pode faltar.

Não há governo popular que possa subsistir onde os cidadãos, em quem de fato reside a plenitude da cidadania, desconheçam os seus deveres cívicos ou sejam incapazes de cumpri-los – e o civismo não só diz direito ao homem, mas também à mulher. Cabe a ela o dever de comparecer às urnas e ali mostrar que o Brasil não está em fase de decadência ou desintegração. Que aqui a mulher ocupa o verdadeiro lugar que merece dentro do desenvolvimento harmônico de uma pátria nova e produtiva, que anseia por mais altos destinos.

Ingenieros já dissera: “Povos sem idealismos constituem rebanhos animais, cujo fim da existência são as necessidades fisiológicas – Um povo sem ideal é um corpo sem alma”.

E tu, mulher de Ponta Grossa, não irás dar a triste impressão de que estás desligada dos problemas nacionais e de que te não importas com os destinos da nação.

Tens direitos, mas tens também deveres – e o de votar é um deles –. Aliste-te, defende, com teu voto, o patrimônio da liberdade que herdaste dos nossos antepassados.

Acostuma-te a cultivar o interesse pelos assuntos públicos. A retidão dos motivos com que deve agir o cidadão, o espírito de cooperação para o bem comum. O juízo certo no estudo das situações da vida pública e a iniciativa em aplicar a tais situações os meios adequados de sua solução.

Sê uma brasileira digna, sendo uma cidadã consciente.

É preciso que aumente o índice eleitoral do nosso estado, para que tome ele parte mais ativa na vida política nacional. E, para isso, a contribuição da mulher é indispensável.

Vê, pois, mulher de minha terra, que o apelo é da pátria que te chama para o cumprimento do dever. Não tens o direito de fugir, depois que viste olhos incendiados de patriotismo, os nossos bravos voltarem da Europa ensanguentada e sofredora; depois que viste mutilados e exânimes, nossos irmãos retornarem, saudosos, à pátria que defenderam. E depois que

sentiste na agonia de outras mães e na dor e na renúncia de outros olhos, mergulhados na escuridão e nas lágrimas, a saudade daqueles que ficaram dormindo o sono glorioso de que não despertarão mais nunca. Ah deles, a quem não foi dado ver, na aurora da alvorada, a orla do Atlântico imenso e que não puderam, ajoelhados, beijar de regresso a terra morna de Santa Cruz!

Morreram pelo Brasil e só a gratidão dos vivos contará aos vindouros a glória dos que se sacrificaram por um ideal.

E, tu, mulher, que sofreste a tortura da espera e a ânsia da saudade, ou tu que viste, agoniada, o sacrifício de nossos bravos, lembra-te que chegou a tua vez de cumprir o dever de brasileira e, sem hesitar. ALISTA-TE e, na hora em que debes dar à Pátria, e assumir a responsabilidade dos seus destinos, comparece às urnas e ufana e orgulhosa, exclama: “AQUI ESTOU, BRASIL!!!”

Fonte: DANTAS, Emília. **O Dia**, Curitiba, 8 set. 1945.

MULHERES ATUAIS

Num gesto justificado de rebeldia, as minhas amáveis patricias resolveram libertar-se do mandonismo dos homens. E o grito de alarme, que encontrou eco nos grandes centros urbanos, deixou apenas esquecidas as pobres mulheres do interior, que as contingências da vida continuam prendendo junto ao fogão ou à tina em que botam as roupas sovadas do marido e dos filhos. A mulher da cidade, porém, revoltada com os adversários do feminismo que lhe impunham a pecha da inferioridade biológica, essa mulher bradou aos quatro ventos a necessidade de não ser o “peso morto” da família. E por que não, se, na fragilidade com que o homem a brindara se sentia a mulher capaz de grandes realizações? Endeusando

Verney, a mulher lançou-se à luta. Ainda cedo, em igualdade de condições, ela sai com o marido, pai ou irmão, para o trabalho. Mal teve tempo de alisar os cabelos, porque o relógio deu horas e o lugar no ônibus ou no bonde é disputado. Nos escritórios, nas fábricas, nas oficinas, em toda a parte, a mulher penetrou. O sexo fraco se faz forte. Os longos anos de vida submissa fizeram da mulher um aleijão. Vai ela agora evoluir física e intelectualmente. E tem necessidade disso. Acentuaram-se as dificuldades da vida e, diante do “perecer ou lutar”, ela preferiu lutar. Trabalhando e precavendo-se contra as anomalias sociais, procurando nivelar-se ao homem, será a mulher menos digna? Mas o homem que era o “senhor”, não vendo nela a dama medieval ou antiga que cantava romanzas e alegrava os serões familiares tecendo maravilhas no pano, esqueceu a sublimidade do gesto feminino e entrou a ver na mulher apenas a “concorrente”. Preferindo o trabalho e adquirindo independência, a mulher se fez forte e mediu o homem. Sem medo, apontou-lhe os defeitos. E, então, a “rebelada” entrou a sofrer guerra surda do outro sexo. Guerra sem tréguas. Esqueceram os homens toda a abnegação heroica e mães, de noivas, de esposas. E, contudo, a mulher é e continuará sendo escrava pelo coração.

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 1938, ed. 1212, p. 11.

EDUCAÇÃO RURAL

Problema de grande e real importância e que, na época atual, deve preocupar extraordinariamente todos os povos, é o êxodo do homem do campo para os centros urbanos.

Braços úteis e laboriosos atraídos para as cidades, que lhes proporcionam trabalhos menos duros e mais remunerados, vão abandonando a lavoura, deixando de lado o arado e a enxada produtiva, para se imiscuírem na massa anônima das cidades-monstros, onde ilusoriamente pensam viver com mais conforto e menos trabalho.

E o grande mal consuma-se, então.

As cidades congestionam-se e vivem em todas elas grande número de desempregados, enquanto o campo precisa de braços, enquanto a terra produtiva reclama mãos amigas que queiram tratá-la, prometendo-lhes riqueza e fartura em troca de um pouco de amor.

O êxodo dos campos foi, em todas as épocas, um dos grandes responsáveis pela decadência dos povos.

À primeira vista, parece-nos que o Brasil não se deve preocupar com esse problema. Se temos aproximadamente 80% de população rural, porque pensarmos nessa questão, encarada como de somenos importância por grande número de brasileiros!. Entretanto, é esse um problema de real importância e que, abandonado, trará ao nosso país funestas consequências.

A população rural, em nossa terra, tende a diminuir assustadoramente.

Dia por dia, hora por hora, atraído pela expansão das indústrias, que se opera preferencialmente nos grandes centros urbanos, grande número de homens abandonam os trabalhos agrários e, com as famílias, vêm para o aglomerado dos cortiços imundos, certos de que a cidade lhes vai proporcionar meios mais suaves para enfrentar a vida.

Mas por que fogem do campo esses humildes construtores da nacionalidade? Radicados à terra, por que a abandonam? Por que deixam, no interior, a casinha hospitaleira

e bonita, a horta, o pomar, os animais amigos e a roça que lhe garantirão sustento e prosperidade, para vir aos grandes centros?

O que procurarão, deslocados para a vida nova e desconhecida, arrastando para o incerto famílias até então felizes? Por que fazem isso os nossos patrícios? É porque, se vivem na abundância, falta-lhes ali muita coisa ou quase tudo.

Os governos, preocupados com as cidades, abandonam a roça, sem a qual aquelas não podem viver. Ali não há escolas, não há estradas transitáveis, não há nada. Afeitos aos mais rudes trabalhos, moralmente nada encontram que lhes dá satisfação. Fogem, então, para as cidades, como se num país de mais de oito milhões e meio de quilômetros quadrados, lhes fosse impossível viver senão no aglomerado humano onde campeia a concorrência e a deslealdade.

Hoje um, amanhã outro, mais tarde milhares de braços aproveitáveis deixarão os trabalhos agrários, despovoando os campos e anemizando a nação. Urge, pois, que solucionemos esse problema. Mas, como?

Pela perfeita educação rural. Disseminando escolas, não apenas escolas alfabetizantes, mas aquelas que incutam nas gerações de amanhã o apego à gleba, o amor pelos trabalhos agrários, a estima pela natureza extraordinária do Brasil.

Abrindo estradas, saneando zonas pestilentas, cercando, enfim, o trabalhador rural do conforto de que necessita para que, satisfeito e feliz, possa, amanhando a terra, contribuir para a grandeza da nacionalidade.

Fonte: DANTAS, Emília. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 27 abr. 1938.

O ANALFABETISMO

É a Europa que domina o mundo e impõe suas leis de conquista. E por quê, perguntaremos? Porque a Ásia, a África e a Oceania, que representam 85.000.000 de km², estão quase que inteiramente dominadas pela Europa, que representa menos de 10.000.000 km²?

É porque a civilização, tanto a de hoje como a de outros tempos, presenciou sempre o formidável avanço dos povos cultos e, naturalmente, a derrota inevitável dos povos atrasados. Entretanto, o primeiro povo cuja história conhecemos é o africano.

O povo egípcio, 5 mil anos antes de Cristo dispunha de uma civilização extraordinária, cujo grau de adiantamento as investigações de Mariete, Champolion, Lepcio e outros nos tornaram possível conhecer.

A decadência da civilização africana veio tornar essa grande parte do mundo como a presa da Europa, e ainda agora, em pleno século XX, ficou patente o poder da opressão europeia sobre a África indefesa. Pensemos na Ásia, e nela a China, esse colosso com 11.000.000 de km² e uma população de 450.000.000. Mas, o que é a China na civilização atual? Mas lembremos que, desses 450.000.000, 360.000.000 são analfabetos. Na Ásia, realiza o Japão uma obra extraordinária – em 50 anos fez trabalho digno de um século.

Não nos admiremos, pois, que esse povo extraordinariamente civilizado imite amanhã a Europa, tornando-se imperialista e dominador. Mas, o japonês resolveu de maneira formidável o problema da educação popular.

E aqui, nesta América privilegiada, neste continente promissor em que a democracia representa o anseio de um povo livre, o problema gravíssimo, mais que todos, afeta o brasileiro, é o analfabetismo.

E ele grassa assustadoramente ante à indiferença dos latinos, latinos, sim, porque nos Estados Unidos e Canadá a porcentagem de analfabetos é pequeníssima, menos de 5%.

É preciso que se conte, porém, que o Brasil, que figura na publicação americana *The Modern Encyclopedia* com 75% de analfabetos tirasse o coeficiente pela população total, sem excluir nem mesmo os recém-nascidos, o que é um absurdo, pois os Estados Unidos e Canadá excluem os menores de 10 anos.

É preciso que pensemos, porém, que do subsolo desse país extraordinário que se chama Estados Unidos da América as fortunas rebentavam aos borbotões e que, no próprio solo, o ouro aparecia milagrosamente ante os olhos deslumbrados dos colonizadores. E, com o dinheiro, esse povo, que nasceu rico, fez o milagre.

Desejou mais terras e foi buscá-las do México pelo tratado de Guadalupe Hidalgo, assinado em julho de 1848. O povo mexicano, cuja cultura deixava a desejar, perdia para a civilização americana o Texas e colocava sob a jurisdição dos Estados Unidos o Novo México e a Califórnia.

E, agora, o problema está aos olhos de todos os brasileiros que pensam no amanhã tão incerto das nacionalidades. No Brasil, o acúmulo de cidades costeiras impediu que a civilização penetrasse no interior. Mas, nas próprias cidades, inúmeras crianças em idade escolar não frequentam as escolas, por descaso de pais ignorantes, que não compreendem o valor da instrução. E assim se vai formando essa nova leva de analfabetos, que irá aumentar amanhã ou fazer estacionar essa porcentagem vergonhosa de 75%.

No Brasil, temos aproximadamente 1.500 municípios, e deviam eles, na medida do possível, cooperar para extinguir o analfabetismo dentro de seus territórios. E ademais, não seria para aquele que conseguisse essa vitória de tão grande alcance,

extraordinariamente honroso haver cooperado para o bem do Brasil?

E depois, por que não criarem os municípios bibliotecas públicas, onde os menos favorecidos da fortuna pudessem buscar o levantamento intelectual que desejam? No Brasil, a educação deve e tem que ser problema de todos os lares em todos os municípios, de todos os Estados, para um bem único e futuro do Brasil.

Por que não procuramos imitar países como a Suíça e Inglaterra, a Noruega, a Alemanha e a Dinamarca, que figuram nas estatísticas com menos de 1% de analfabetos? Que ao menos o desejo nos impulsione, o desejo grandioso de fazer pela pátria alguma coisa que seja digna dela.

E pensemos nas palavras proféticas do grande Aristóteles, que dizia: “Ninguém contestará que a educação deve ser um dos principais objetos de estudo dos governos, porque todos os povos que a desprezaram caíram em ruínas”.

Fonte: DANTAS, Emília. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 19 nov. 1936. (Página Feminina).

CRÔNICAS

CURITIBA

Curitiba desperta. A rotina da vida se iniciou.

A cidade de outrora, pequenina e singela, se foi transformando em metrópole trepidante de vida e calor.

Abro a janela e pela Barão do Cerro Azul começa o desfile da mocidade, eis que esta é a terra da juventude. En-

vergando uniformes, passam os jovens do Ginásio Tiradentes (que pena que te vão levar para tão longe), do Colégio Estadual, do Grupo Escolar, todos sobraçando livros, rindo e brincando, pois que a mocidade é festa perene de alegria e de amor.

Contemplo embevecida nos rostos juvenis o esplendor do teu futuro, sociedade de minha terra que enche as ruas, que enfeita o panorama dos dias ensolarados da semana dos teus festejos, ó Curitiba!

Cabeludos uns, envergando vestes estranhas outros, discretos a maioria, estão os moços em toda parte. Enchem as ruas, as praças, as filas dos cinemas, os ônibus, nesta Curitiba que cresce sem cessar, que, envelhecendo, se vai tornando cada vez mais moça, mais enfeitada mais cheia de requintes de grandiosidade e sedução.

Nas ruas, correm os veículos vencendo distâncias, correm os pedestres para trabalho que dignifica, e a vida, tumultuante, como que sofre um colapso ao entardecer.

Nas igrejas próximas, ouço o sino chamando os fiéis e as torres enfeitam na beleza da simplicidade, a magnificência da tarde que vai morrendo.

Cessou o bulício atordoante e o homem busca o descanso. Passam agora alguns velhos, aqueles que temem o burburinho da vida, como que sumiram do panorama florido da cidade.

Lembram com saudade a Curitiba de antigamente, de janelas baixas onde namoravam as moças, dos bondes barulhentos que faziam a viagem para os bairros tranquilos, da estação ferroviária tão triste agora, de tantos aspectos humanos que a cidade grande engoliu.

Como eles, com que saudade te contemplo agora, mas com que tristeza te ressuscito aos meus olhos!

E que as cidades são como as velhas casas onde, em cada canto, revive um sonho.

Ali, naquela esquina, ou lá, no banco daquela praça, ou adiante na encruzilhada ou em qualquer lugar, a vida fluiu; o sonho brotou.

Mas onde está o cinema antigo com os camarotes bonitos, onde está a leiteria asseadinha e branquinha, onde está o casario velho que foi cedendo lugar ao arranha-céu? Que fizeram de ti, Curitiba de outrora?

Iluminaram as tuas ruas, e a luz, que é uniforme, foi fechando ao redor de ti um círculo brilhante de fantasia e de sonho. Asfaltaram as tuas ruas e os carros correm como loucos, espantando os pedestres descuidados.

Que aí, aqui a vida mudou!

Ver, na ânsia incontida de usar os sentidos, os músculos, o cérebro, e enquanto restar no olhar fatigado um brilho de esperança, uma réstea de luz, toca a correr, que a vida é breve, que o sonho é fugaz, e chegará logo o tempo de nada mais querer, de nada mais sonhar.

E como que o curitibano foi desconhecendo um ao outro! A cidade cresceu. Os rostos amigos perderam-se na confusão da vida ou da morte.

Uma das características da perda do impulso do *élan* vital é o tempo que se dedica a pensar no passado em vez de encarar o futuro.

Mas uma cidade é como uma vida. O panorama é maior, apenas. Mas os fatos se sucedem e a cidade que cresce, chora os seus mortos. A cidade que cresce, não deixa de pensar nos que a ergueram, nos que labutaram com a pena e com a enxada, nos que derramaram o suor copioso e calejaram suas mãos honradas, no trabalho que dignifica.

E Curitiba aí está, vestida de luz, para a festa de seu aniversário. Os seus prefeitos esclarecidos dela têm feito uma

cidade de beleza. Mas que dela não deserte o amor. Que os homens se entendam.

Que haja harmonia e paz. Que nas avenidas largas onde trepida a vida tumultuante, que nos templos onde Deus ouve a prece dos angustiados, que nas praças tranquilas onde o homem descansa a criança possa viver o presente, o adulto possa encarar o futuro e o velho refugiar-se no passado, nesses planos cronológicos da existência, que são apenas um sopro diante da eternidade.

Numa dessas noites quentes e enlustradas, chegava eu de Porto Alegre. Enquanto o táxi corria, olhava as nossas praças desertas. De longe em longe, um banco, e neles, apenas casais enamorados, sussurrando em segredo as eternas palavras de amor e de ternura.

Havia felicidade, eu sei.

Mas vinha com os olhos cheios de beleza, de inveja talvez. No fim da Rua da Praia, na bela cidade gaúcha, parara extasiada. Na longa ensombrada Praça da Alfândega, filas de bancos confortáveis abrigavam centenas de pessoas. E todos conversavam, e todos riam, crianças e adultos, velhos e moços, nessa fraterna comunhão humana que iguala as criaturas de Deus. Sentara ali, enlevada. E não faltou logo a conversa agradável e tranquila. Era no entardecer, a nossa hora crepuscular, os sinos tocavam na igreja próxima. Vi senhoras fazerem o sinal da cruz. Senti que outras rezavam baixinho. Mas o sentido da beleza desses gestos de amor como que me extasiou. E tive, confesso, inveja, vendo a deserção das nossas lindas praças, dos logradouros floridos e abandonados da nossa Curitiba linda.

Ouvi dizer, alhures, no comentar o fato, que as fileiras unidas dos bancos serviriam durante o dia, apenas para os velhos e para os malandros.

E que importa, se os malandros também são criaturas de Deus? Que importa que o Senhor respeitável conheça a dor e a incompreensão ou apenas espia o que é preciso ver?

Que importa que a dama importante que parou um minuto para descansar esteja ao lado da mulher debilitada de fome e de dor, que não encontra abrigo no hospital ou na casa de caridade? Não se aceitam as mazelas, mas se as expusermos ao sol, raios de calor talvez as purifiquem?

É preciso que haja amor!

E Curitiba, tão florida na primavera, tão estuante de beleza contemplada de seus arredores tranquilos, progride. Mas é preciso que não se pare nunca. Ficar onde se está é retrocesso. Estamos fazendo para o futuro. Nossos prefeitos trabalharam e o atual, eficiente e silencioso, luta, prosseguindo na faina incessante de embelezar e humorizar a cidade.

E ainda espero ver um dia, nas alamedas floridas das praças públicas, na discutida Travessa Oliveira Belo, tão acolhedora, as longas fileiras de bancos unidos e neles, homens, mulheres, crianças, fazendo todos os dias novos amigos, conhecendo novas pessoas e enriquecendo a vida de duráveis e humanas impressões.

Curitibano! Trabalha por tua terra! Enriquece-a da tradição e do amor! Teus filhos viverão aqui e glorificarão a tua memória.

E não esquece o verso singelo de Bastos Tigre:

“Do que tiveres no pomar plantado,
Apanha os frutos e recolhe as flores,
Mas lavra ainda e planta o teu eirado”

Emília Dantas Ribas

Texto datilografado preservado pela sobrinha

Maria da Penha Dantas Roeder

DEZEMBRO

Lentamente, dezembro veio chegando. Dezembro e Papai Noel, que se confundem num mesmo anseio de paz e felicidade. Ecoará pelos ares o concerto humano e sentimental da vida e, no lar do rico e na casa do pobre os sapatinhos minúsculos se encherão de dádivas generosas e a árvore de Natal, ataviada e bonita, estará cheia de velinhas coloridas, iluminando a festa de Deus Criança!

Quando eu era pequenina, quando os meus olhos claros criavam, num mundo todo meu, cenários deslumbrantes e festivos, dezembro sempre me encontrou aberta porque Papai Noel não me faltava nunca!

E a imaginação de criança destruía todas as fronteiras e eu cavalgava, em arrancadas grandiosas, para mundos desconhecidos, vivendo o passado e o futuro no momento presente, que concretizava para mim o único digno de ser vivido.

E, Papai Noel, os sapatos pequeninos que eu deixava junto ao fogão amanheciam no Natal radioso, cheios de ofertas com que você premiava o sacrifício de todo um ano, a inibição angustiante a que eu submetia à minha vontade de criança rebelada e altiva!

Cresciam os meus sapatos e, à proporção que sucedia isso, aumentava a prodigalidade de sua ternura para comigo.

Como eu o queria então, meu Papai Noel! E rezava, no silêncio do meu quarto, rezava baixinho pedindo que me fizesse crescer depressa, que me fizesse moça para que eu tivesse um sapato alto, um vestido longo e rodado como aqueles que vestiam as artistas, cujos retratos arrancava das revistas e escondia avaramente na gaveta da velha cômoda.

Mas um dia, pela primeira vez, na manhã gloriosa de Natal, decepcionei-me! Você esquecerá de mim! Maldosa-

mente passara pela minha porta e nada me deixara! Eu já era grande, então.

E, egoísta e má, esqueci todo o passado, esqueci a grandiosidade concreta dos sonhos já vividos pela insignificância da hora presente, que continuava sendo a única em minha vida!

Depois muitos Natais se sucederam.

Dezembro trouxe, ainda, algumas vezes, para a emotiva sensibilidade de meus olhos tristes, panoramas claros e festivos.

E dezembro chega, outra vez!

Vem, de mansinho, e com ele voltará Papai Noel, mais velho e mais cansado, sempre bom e generoso, distribuindo às mãos cheias tudo aquilo que me faz recordar a infância distante. E, coração oprimido, esperarei novamente como na meninice feliz, que as suas mãos encarquilhadas e frias, meu Papai Noel, me deixem neste dezembro esperançoso, a esmola infinita, de uma felicidade pequenina pela qual tanto anseio.

E esquecerei toda a amarga decepção de um ano longo e mau! Esquecerei tudo, tudo e, no presente, viverei novamente o passado e o futuro, inconsequente dilatando-os nos espaços indefinidos!

E talvez porque espero tanto é que dezembro vem lento, muito lento, dezembro e Papai Noel, que se confundem num mesmo anseio de paz e felicidade!

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Ponta Grossa, 11 jan. 1940, p. 6.

DIVAGAÇÕES

[...] ¹ indefinível que retorce meus nervos angustiados e me obriga a chorar baixinho...

E a procissão fantasmagórica do passado vem viver o presente, desfilando ante meus olhos atônitos silhuetas bonitas, visões esmaecidas que o tempo maldosamente tentou consumir.

Mas, vem comigo!

Pousa nos meus os teus olhos cansados e deixa-me sentir a frialdade esquisita de tuas mãos morenas.

E diz-me, agora: – Não é horivelmente triste a gente ser grande?

Não se crê em mais nada, porque crepita em nossa alma uma fogueira que aniquila tudo.

Nada mais se quer, porque se deseja o impossível.

E tudo nos enerva, porque queremos colmar o vácuo de nossas vidas enchendo-o de luz, e o mundo avaramente, paradoxalmente, liga-nos qual Prometeu ao rochedo atroz de uma esperança vã.

E choramos, porque a felicidade tarda e cansamos de esperar...

E choramos sorrindo, tentando cobrir a cratera que se avoluma em nossa alma, ameaçando tudo destruir.

E vê, agora.

É tão bom ser criança, não é mesmo?

A gente quer tanta coisa e o Papai Noel é tão bom...

E é por isso que, nestas noites barulhentas em que a mataria luxuriante assobia lá fora, eu sinto uma vontade muito

¹ O texto original se encontra ilegível neste ponto.

grande de ser pequenina ainda, para novamente receber da vida o presente bonito que se chama esperança!...

Fonte: DANTAS, Emília. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 29 out. 1936. (Primeira página).

HISTÓRIAS DE FADAS

No passado que fica longe, há sempre, em todos nós, uma voz amiga avivada pela saudade, uma voz doce que nos contou mil coisas, histórias de príncipes e de gigantes, de feitiçeiros, de anões e de princesas lindas.

Encarnando virtudes e defeitos, no mundo de maravilhas em que vivemos então, ouvem-se as personagens irreais dos contos, todas elas aceitas pela nenhuma capacidade crítica da infância.

E como são lindas as histórias que sempre terminam bem.

– Era uma vez uma princesa muito linda...

– Era uma vez um rei...

Olhinhos muito abertos, o mundo se povoa, então, de mil seres imaginários, vultos míticos que na imaginação se confundem em tropelias estranhas.

E depois, depois?

E as histórias se sucedem, sempre as mesmas, embalando gerações e gerações de pequeninos sentimentais, crianças curiosas, ávidas de emoções, esperando, ansiosas, que o príncipe enamorado desencante a princesa que dormiu cem anos, ou que o Joãozinho empurre no forno quente a bruxa velha e má.

Passam-se os anos.

As leis naturais não toleram pantomimas de sonhos.

Que importa à vida que a percepção ilusória dos homens tente traçar rumo diverso aos destinos humanos?

E o homem sonha sempre, sonha na alegria, sonha na dor.

Eterna criança grande, levanta castelos, torres suntuosas, labirintos floridos, para a glória de um dia, às vezes.

Esperanças de hoje, decepções de amanhã.

E, cansados, febricitantes, no âmago da alma encontram sempre a saudade que ficou, a saudade das histórias de duendes, de fadas, de reis e de príncipes, fictícias lendas de aventuras e amor.

É que é tão bom recordar!

E, vidas vazias, enchê-las da felicidade que, na infância, ampliou o mundo aos nossos olhos, fazendo dela o reino das maravilhas em que desejaríamos viver.

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 27 out. 1938, p. 11.

NA ASSEMBLEIA DOS DEUSES

Reunidos no Olimpo, os deuses entraram a discutir acaloradamente. As divindades de primeira ordem, que tinham assento na assembleia, iam resolver uma questão de importância capital.

E os deuses, seguros de seu poder, confiantes em sua sabedoria, obstinados, cada qual procurava a solução do problema intrincado que os absorvia. E que problema era esse?

Saber a razão por que, no planeta térreo, já ninguém se entendia; por que se engendravam revoluções, e o ódio, o despeito e a ambição campeavam livremente. E os homens destruíam os homens. E o sangue corria por toda parte.

E os deuses, cansados, não se satisfaziam a si próprios, procurando, com suas razões, convencer os demais.

Foi quando das divindades de segunda ordem, que não tinham assento no conselho, pequenino e humilde, surgiu o Amor. E pediu para falar.

E ele, que fora alimentado pelas feras, na floresta, tímido e bom, dirigiu-se a Júpiter. E, olhando-o, sua voz cresceu.

– Que queres tu, filho de Saturno, que desterraste o teu próprio pai? Reformar o mundo pelo ódio, pela vingança, ordenando novo dilúvio para destruir a Terra? Enganas-te. Os homens não são maus.

E voltou-se para Apolo: – E tu, que tens o império do sol, o prêmio da força e da agilidade, que és o Deus da música e da poesia, por que com os filtros mágicos do teu poder não abrandas o coração humano? – E Apolo, sorriu, apenas.

E a Marte: – E tu, que há séculos cavalgas pela terra, implacável, semeando carnificinas, que conseguiste com as guerras desencadeadas?

E a Netuno falou: – Tens o império dos mares e das águas, és o senhor do mundo, e que fizeste do teu poder? Nada! Nada!

E o deus do Amor olhou ao seu redor. Todos calados, pensativos. Levantou-se então Mercúrio e dirigiu-se ao deus do Amor, a quem combatera sempre. E interpelou-o: – O que propões tu, então, que te julgas superior a todos nós? Que supões capaz de regenerar o coração humano, empedernido, mau, egoísta? E o deus pequenino murmurou, apenas: – Façamos um contrato. Deixai-me só, e transformarei o mundo. Farei da Terra o segundo paraíso. Nela não habitará o ódio,

a inveja, a ambição. E os homens viverão unidos, irmanados pelos mesmos anseios, transfigurados pelas mesmas emoções.

Direi – amai – e a vida se transformará, e os homens serão bons, e descerão sobre eles a concórdia e a paz.

Que achais da minha proposta?

Os deuses entreolharam-se e, mudamente, o conclave se dissolveu.

E cada qual, incrédulo, seguiu o seu caminho em busca de novas aventuras, deixando o pequenino deus clamando em vão, sempre em vão...

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 29 abr. 1937, p. 11.

O MEU NATAL

Para o Natal deste ano, eu já começo a imaginar castelos.

E que castelos, os meus...

Mas ainda não consultei Papai Noel sobre a possibilidade de ver realizados os meus anseios nesse dia luminoso em que nasceu o suave evangelizador da Palestina.

Mas eu sempre tive uma simpatia muito grande por esse bondoso velhinho de barbas brancas, e estou certa de que ele vai abrir a sacola bonita para despejar no meu regaço todos os brinquedos coloridos que desejei na vida.

Mas é que agora eu já não quero brinquedos...

E para que havia de querê-los?

Como seria desajeitada, eu, vestindo uma boneca, dando corda a um trenzinho para vê-lo correr nos trilhos!

Ririam todos de mim!
E sou tão orgulhosa, tanto!
Mas Papai Noel deve trazer outras coisas também bonitas!
A felicidade, por exemplo!
Basta-me isso!
Mas quanta gente vai pedi-la, não é mesmo?
Todos anseiam por ela e ninguém a obtém nunca!
É quase certo que Papai Noel me vai dizer que é porque ninguém está contente com a sua sorte.
A felicidade está em nós mesmos, sei que ele vai repetir.
Isso está tão explorado!
E se eu dissesse a você, Papai Noel, que sou capaz de desmentir essa velha desculpa dos indiferentes e dos resignados, que são as piores criaturas que existem?
Para eles, a felicidade é o acaso, em vez da sorte representam um mundo de aventuras!
Para eles, para os que nos enfloram tudo de ilusão.
Por que será?
Para eles, para os que enjaulam nos lábios o sorriso mentiroso e hipócrita, a felicidade não passa de um sorriso indeciso, de uma lágrima furtiva, de uma interjeição de prazer!
E concretizavam a vida em tão pouco.
Mas eu não quero viver assim!
E, acho que a felicidade, meu Papai Noel, deve ser tão diferente daquilo que imaginam os outros!
É por isso que estou a pedi-la para você.
Para você, que conhece a perfeição da vida e a imperfeição do coração humano.

Para você, que visita todas as almas e derrama o bálsamo da fé pelo mundo todo!

Para você, que dourou os meus sonhos de meninice e que, ainda hoje, vestido de esperança, embala os meus anseios da mocidade.

E me acostumei a esperar todos os anos pelo presente bonito que a vida me oferece sempre... sempre...

Mas, desta vez, tenho receio de não ser ouvida.

Tenho medo de escutar dos lábios doces do velhinho amável a frase cruel que virá destruir toda a minha ilusão.

Temo que o Papai Noel não encontre a felicidade que desejo e que me venha dizer: – Procurei-a em vão.

Não a trouxe, porque ela não existe, não existiu nunca!

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 30 dez. 1937, p. 70.

PARA QUANDO VOCÊ VOLTAR

E tudo isso, toda a tortura imensa dessa grande separação, toda a grandiosidade do meu sonho, eu quero esquecer nesse dia...

E esperarei por você... Esperarei hoje, amanhã, no outro ano, sempre, sempre, mudamente inquieta, antevendo na caravana luminosa da esperança o seu vulto, agitando o lenço, lá, ao longe, e anunciando o sol para quem já se acostumou as trevas.

E você chegará, de leve, muito de leve...

E, tomando nas suas as minhas mãos trementes, dirá:

– Como você sofreu! E, olhando para minhas faces descoloridas, para os meus cabelos castanhos, em que a corrida dos anos deixou vestígios indeléveis, dirá: – Como você mudou! E eu sentirei, então, ruir a epopeia gigantesca do meu sacrifício incompreendido, vendo na agonia de seus olhos surpresos o meu sonho mutilado, a minha esperança destruída...

E então, depois da prova horrível a que submeterei seus olhos, eu direi: – Pode ir! Já nada quero de você! Não quero aliar à fantasia do seu sonho o fracasso da minha vida.

Você é, agora, depois, depois desses anos de ausência, mais forte, mais homem. Eu sou menos mulher. Quis iludir seus olhos, mas na fixidez dos meus concentrei o fel de muitos anos e perdi a cartada decisiva. Liberto-o, pois...

E você irá, de mansinho, surpreso da renúncia amarga do meu sonho e rindo da minha destruição.

Você irá, bem sei...

E, por tudo isso, eu quero continuar a esperar por você, sempre, sempre, para que os anos corram, um após outro, sem que nunca chegue esse dia horrível que virá destruir o sonho alcandorado da minha vida, a primavera grandiosa do meu amor...

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 12 dez. 1935.

PONTO FINAL

Saudade... melancolia, miragem desfeita. Que mais que-
res? Choras? Mas por quê? Não quiseste assim? Não acompa-
nhaste, passo a passo, a prolongada agonia do nosso sonho?

Só agora vejo como foi bom tudo aquilo, não é mesmo? O ritmo festivo da vida, a festa das cores, a alegria estonteante dos sons, tudo nos sorriu!

Mas esse dia devia fatalmente chegar, meu sentimental patricio. Na vida tudo é assim! É o tédio, é o fastio, é o cansaço de aspirar sempre o mesmo perfume, que sei eu? E havia tanto sol! E tanta luz, naquela tarde! Naquele momento, lancei os olhos para a vastidão infinita dos céus. Comoveu-me a beleza estonteante da concavidade azulada que fechava o mundo aos contemporâneos de Moisés. E tive inveja da doutrina humanamente suave dos hebreus, felizes, abrigados pelo dossel cintilante que lhes ofertara Jeová! A filosofia de outrora! E nós, com a alma envenenada! A grandiosidade divina cobria a miséria de nossas vidas, os farrapos de nossos ideais. Em teus olhos, doloridos, fervia o anseio de uma grande dor, e senti, trementes, tuas mãos morenas. Éramos covardes e quisemos lutar. Ai de nós! Choramos, então, desvairados, nessa sensação deliciosa de soterrar a alma nos escombros de nossa mágoa. A vulgaridade da vida tornara desabitados nossos corações. Invejamos a glória dos que riam, o ouro dos potentados, a humildade dos vencidos... E paramos na encruzilhada, para não nos encontrarmos mais nunca. Eu fiquei à margem da estrada e partiste. Ante a fixidez dos meus olhos, vi desenrolar-se a visão do futuro e tive medo! Sorri, depois...

A alma é insaciável...

Quem és, agora? Não sei! Não importa! Deixa viver, somente, a doce ilusão da felicidade corporizada na retina de nossa alma, no lampejo de um sorriso, de um adeus... de nada mais...

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 1º out. 1936, p. 14.

SAUDANDO A MESTRA ANÔNIMA

Curitiba, no esplendor de um princípio de outono, está aniversariando. Vibrante, eclodindo harmonia e beleza na multiplicidade exuberante de seus contrastes e de seus encantos. Curitiba vive na simplicidade de uma mãe que amorosamente viu crescer a prole numerosa, aconchegando ao seio os rebentos inumeráveis do seu amor.

Curitiba, esplêndida, vive o futuro, mas deitou no passado as raízes profundas da metrópole que haverá de ser. E a quem deve tudo isso? Aos seus homens ignorados de outrora. Aos que semearam, com o suor do seu rosto, os campos vastos e infinitos do planalto, enchendo-os de abundância, enchendo-os de luz.

Aos seus mestres, acima de tudo.

Aos que hoje homenageamos; aos que mourejaram, na seara inculta, desbravando, na mais difícil das tarefas humanas o cerrado matagal da ignorância, estendendo luminárias nas maiores escuridões.

Curitiba agradece ao mestre anônimo. Agradece o afã de amor com que encheu de beleza a primeira sala de aula do planalto a primeira professora modesta que balbuciou o ABC.

Já havia, outrora, nesta Curitiba saudosa, a modesta escola que foi a etapa primeira da grande escalada do desenvolvimento futuro; e nela a primeira mestra, denodada artífice, assistindo, empolgada, o florescer de inteligências, o desenvolvimento integral de qualidades que fazem o verdadeiro cidadão.

E Curitiba cresceu. O quadrilátero estreito alargou-se, e novas chaminés foram lançando o fumo para o alto. E novas escolas surgiram.

Nelas, o menino de outrora buscou compreensão, tolerância, amor.

Não esqueçamos que quando Roma, cansada de licenciosidade, submergiu na invasão dos bárbaros, Carlos Magno sonhou reconstruir o novo mundo ocidental; então, apelou para os mestres, pois sabia o Grande Imperador que, embora lhe coubesse a glória de haver subjugado tantos povos com a espada, não poderia realizar a unidade do império sem o concurso do professor.

O professor apenas semeia; se semeia mal, cardos e espinhos florescerão nas almas, matando ideias, aniquilando crenças, destruindo ilusões. Se semeia bem, searas imensas se estenderão aos jovens.

Não esquecei, mestres de Curitiba, que a vossa escola seja, acima de tudo, uma escola de cidadania.

Que crie ação o homem responsável, aquele que compreenda que os direitos equivalem aos deveres e que estes é que mais pesam na manutenção do equilíbrio da massa humana.

Lembrarei que onde não há disciplina não pode haver constituição social.

Nunca esqueçais que os líderes são os cabeças pensantes das multidões.

E esse é o vosso dever: liderar.

Lembraí que aprender lições de cor, repetir, é uma curiosa educação com a qual só se consegue criar desajustados homens incapazes para as lutas da vida, aptos apenas para funções em que o êxito não seja nenhum vislumbre de iniciativa.

É preciso que o ensino não provenha de livro, mas do próprio ensino. Que se busquem os erros que conduzem aos desajustes, aos desregramentos, à incapacidade mental, acentuando a crise que mergulha a mocidade em inquietude e exaltação.

Não esqueçais que educação, instrução e cultura são os 3 momentos cronológicos da formação pedagógica integral.

Criai em vossos alunos, mestres de Curitiba, o sentido do dever. Ensinai-lhes o caminho do trabalho. É preciso que nunca pereça, pois continuar na marcha é um imperativo da própria vida. Viver é agir, lutar, progredir. É preciso que nunca se fique onde se esteve. Quando a marcha estiver diminuindo, nós estaremos morrendo.

Lembraí que a escola é o órgão de reforçamento de toda a ação educativa da comunidade.

Fazei, mestres e amigos, da paciência a vossa maior virtude.

E a vós, das quais tantas foram minhas alunas, repito: que sede verazes, pois a mentira é a maior das corrupções morais. E se sabeis ser mulheres e mestras, não vos deixeis prender nas marras do feminismo estéril que tantas devastações produz.

Mulheres são as que enchem o lar, o templo, a escola, as que enxugam as lágrimas, as que enfrentam todas as tempestades e que, com um gesto de mansidão, destroem todas as tiranias.

E a vós, mestras de Curitiba, está confiada a tarefa de preparar a seara de cuidar dos frutos imaturos que pendem da árvore da vida.

Lembraí sempre que não há vento favorável para quem desconhece o seu rumo.

De vós, professoras, depende o futuro.

E Curitiba nos seus mestres, estrutura os fundamentos da metrópole que está fadada a ser. Cidade universitária, é comovente ver nela o romper do dia.

Em bandos, crianças e jovens passam apressados no afã de buscar a escola, essa escola da saudade que se aprofunda nos anos, onde em cada canto de corredor estão as mudas testemunhas de sonhos de confidências, de alvoroços da mocidade.

Em cada sala de aula, quantos de vós pensastes na família ausente, que aqui Curitiba vos recebe com carinho, estudantes de todo o Brasil!

Eis porque, homenageando o teu mestre anônimo, estamos pensando em teu destino glorioso, Curitiba dos dias escuros, Curitiba progressista e linda, mas envolta ainda no passadismo das conversas de esquina, tão acolhedora cidade de amor e de ternura!

Curitiba que aniversaria, que envelhece, ficando cada vez mais moça na volúpia da mágica transformação. Curitiba que palpita nas avenidas largas, nas fábricas, nas oficinas, nas ruas movimentadas, nos bairros lindos e tranquilos. Curitiba pode dizer aos seus mestres, repetindo Koschiuko Leão:

Curitiba – Minha terra –
Teu máximo operário
É esse remador.
Um proletário –
O Professor!
28/03/1967

Fonte: RIBAS, Emília Dantas. **Revista do Centro Paranaense Feminino de Cultura**, Curitiba, ano 2, n. 2 (XVII volume editado), 1968.

SE ME AMAS

O caderno velho e amarelento repousava na cômoda antiga e triste.

A página estava aberta e cresciam nas linhas semiapagadas traços escuros de uma letra miudinha, desafiando os grafólogos.

Nenhum nome, nenhuma data, nenhuma indicação.

Apenas isto:

“Se me amas, sou feliz.

Se me amas, o meu céu se ampliará através dos horizontes.

Quero viver, pois que me deste o teu amor!

Os meus braços coleantes buscarão nas palmeiras mais altas a tâmara deliciosa para embriagar de doçura teus lábios sequiosos.

E para os teus pés?

Tecerei de arminho de aves brancas e lindas uma alfombra macia onde possas descansar, sonhando o nosso sonho.

Mas terás de andar, um dia.

E irei, ciosa e intranquila, catar pelas estradas os grãozinhos minúsculos que te possam ferir. Da mafumeira tenra farei construir a piroga bonita que deslizará contigo, quando fores descer o grande rio.

E benzerei as águas, em nome do nosso amor: – Águas felizes, levais meu amado. Águas felizes, trazei-o de volta.

E irei para a floresta que margeia o rio, correndo como louca.

E espantarei o caboré agoureiro que grita no cimo da montanha.

Ouvirás então a magia de um canto doce, doce,
acompanhando as remadas de teu barco lindo.
Cantarei gemendo, quando os remos chorarem
cortando as águas brancas.
Cantarei sorrindo, quando teu barco caminhar
tranquilo para o grande mar.
Depois, enfeitarei a floresta.
Esmeraldas rutilantes vestirão de folhas verdes
as árvores cinzentas. Rubis vermelhos como
sangue aflorarão nas hastes ressequidas e tristes.
E o sol virá, pujante de calor, esperar por ti.
Eu e ele, aliados.
Mas não descansará a minha ternura.
Minh'alma dispersa andará sondando o céu, a
terra, o mar.
E quando chegares de volta para o meu amor,
dirás baixinho: – tudo tão lindo!
E eu sorrirei feliz!”

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro,
2 set. 1943, p. 51.

TARDE TRISTE

A brisa vem, mansinha...

Sacode de leve a folhagem úmida e tranquila. Sacode
lentamente o arvoredó robusto. E geme no capinzal, asso-
viando murmúrios indecisos e repetidos.

O vento vem, depois...

E a folhagem verde grita, o arvoredó se arca, o capinzal
revoluteia em arrancos, cantando na imensidade do nada a
sensibilidade muda do vegetal.

No pântano escuro, a rã coaxa. E as águas, mesquinhas e imundas, vibram, abrindo no lodo, concêntricas e divergentes, ondas que se perdem, morrendo no barraco baixo e fendido...

Na tarde triste, há o tom violáceo de flor pisada e emurchedida. E mora no ar, como um lamento, a atonia de minha voz, chorando baixinho na imensidade, minha voz cantante que modula acordes, que ensaia canções lentas e ternas, emotivos lamentos de amor e tristeza...

Novamente, erra no ar a brisa e a folhagem arrepiada treme e oscila mansamente nos caules verdes.

Na semiobscuridade da tarde fria, há o grito trepidante de frases, angústias correndo nos espaços vazios e indefinidos.

E cessa tudo depois.

Morre o eco dos ruídos imensos e, só, a brisa continua gemendo lamentos nas ervas tranquilas e úmidas.

E no ar, tudo se perderá! Minha voz, o grito doloroso da minha renúncia, a imperecível angústia da minha saudade.

No silêncio das noites macias, só o capinzal assoviará, de leve, balbuciando mudamente orações indefinidas e tristonhas!

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 8 fev. 1940.

TARDES DE SETEMBRO

Tardes de setembro! Há, na tonalidade morna de teus poentes, na agonia festiva do teu sol, todo um deslumbramento para os olhos cansados da estação que passou.

Inverno e primavera! Transição da morte para a vida!

Nos galhos secos, mirrados, galhos que o inverno despiu, abotoam agora florinhas claras, primeiros rebentos de vida numa policromia bizarra, vestindo a paisagem de encantamento.

A primavera gritou e ao brado da deusa abriram-se as fontes imperecíveis da vida.

Do amontoado de galhos ressequidos nasceu uma flor, esplendente de graça e beleza.

No cimo do monte, a palmeira espalmou os braços, al-tiva.

O sol, em revérberos de sangue, lançou a última chispa no alto da grande colina, projetando uma sombra imensa na terra morna e feliz.

Ao longe, no planalto, se perde de vista o campo imenso, onde restos de fogueiras lançam ainda para o alto labaredas repentinas, que se transformam, depois, numa fumaça enegrecida e esquisita. É a queima, devastando, matando, destruindo o principal fator de fertilidade da terra moça.

Do outro lado, os grandes aceiros abrem clareiras na mata e o fogo, crepitante, destrói em momentos o amontoado de vegetais abatidos no inverno. Em bailados nervosos, as labaredas, batidas pelo vento, serpenteiam, lambendo os arbustos esguios que se contorcem num gemido de angústia.

Em rodopios esquisitos, agitando as asas em ziguezagues, assanhados, recolhem-se aos ninhos os pássaros tardios.

Há o silêncio, agora.

O grande silêncio. Incompreensível como a vida. Indefinível como a morte.

Ave, Maria!

Na voz do sino, que o vento agita, moram promessas de amor!

Contrito, o operário do solo ajoelha na terra dura que as mãos calejadas revolvem, terra que lhe dá, em troca do suor honesto, o pão de cada dia.

A grande porteira aberta escancara a vista para a imensidão do verde amarelado do campo imenso, deserto.

A fumaça estende um cenário plúmbeo sobre a natureza.

Poentes de setembro!

Magnificência de sóis em agonia!

A primavera, braços ciclóticos, imensos, estende sobre o mundo a vara mágica do encantamento.

Tocada, tremeu a flor, na haste.

Tremeram, no matagal, as árvores antigas. Tremeram os animais, os vermes, beijados de leve pelo raio bom que os veio despertar! A primavera chegou!

Setembro! Trazes, na poesia do entardecer, nas odes divinas de revivescência e fartura, todo um poema de sensibilidade e de amor!

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 22 set. 1938, p. 11.

VELHICE

Você é egoísta, meu amigo. – Você sorri, quando lhe digo que a vida custa tanto a passar... Você sorri, incrédulo, quando lhe digo que não temo a velhice, a velhice que é saudade, apenas... E, junto ao espelho, você procura, vaidoso, arrancar o seu primeiro cabelo branco, sempre o primeiro porque os arranca todos, e murmura, baixinho: – Ah! Se eu

tivesse menos dez anos de vida!... Eu rio de você, rio da vaidade tola que você tem, receando a opinião do mundo e procurando fantasiar a natureza – sábia, como que tentando iludi-la. Mas, se você soubesse como hei de achar linda a neve que virá pratear o castanho de meus cabelos... A neve destrói tudo, meu amigo. E quando ela vier, fugirão em bando as emoções que me torturaram... A velhice não sonha. Recorda, apenas... E o que mais quer você da vida? Já teve mocidade, e, nela, amanheceu salmodiando o canto entusiástico da esperança para que todos o ouvissem. E gritou, a plenos pulmões, toda a alegria de seu sangue moço! E construiu, nas alturas, invejando a suntuosidade do palácio de Xerxes, um castelo bonito e suntuoso. E viveu, engalanando os seus sonhos, descuidado da vida que o espreitava, rindo, quando o primeiro cabelo branco o surpreendeu. Você, naquele dia, não sorriu. Cismava. Os seus olhos vestiram-se de luto. É porque, meu amigo, você não se conformou com a vida, que riu às escâncaras de sua vaidade tola. Você queria o filtro da mocidade eterna. Mas se o bebesse? E sentisse que não envelheceria nunca? Que os seus cabelos seriam sempre negros, luzidios? Que o seu coração não teria de entardecer, porque a aurora alimenta sonhos e esperanças... E os outros, ao seu redor, aqueles que viveram a sua vida, que comungaram de seus sonhos, os outros viveriam de epopeias mortas, de crenças destruídas, de saudades, de recordações... Seriam velhos, todos. E você, apenas, com a sua mocidade egoísta, novo Fausto contrastando com a decadência dos outros... Você, deslocada sua alma para a geração nova que o seu egoísmo quisera acompanhar, você choraria, meu amigo. E diria: – Quero o descanso, a tranquilidade, a paz. Mas os seus cabelos continuariam negros, luzidios, e o seu coração, mais cansado do que nunca, falaria: – Basta! Quero repousar! E quando a morte viesse, haveria de encontrá-lo mais fatigado do que os velhos, mais inútil do que aqueles que tiveram, antes da última jornada, o descanso no caminho. E,

só então, meu amigo, você invejaria os cabelos prateados da velhice, porque neles reside a sabedoria de Deus!

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 3 fev. 1938, p. 11.

VOCÊ

Eu sintetizei para você, incompreendido.

Você passou ao meu lado, quando a vida ensaiava a festa deslumbrante da mocidade. E espoucavam foguetes, e engalanara-se a vida para auxiliar o delírio grandioso das emoções. E você queria que a ternura de seus olhos e que a maciez de veludo de sua voz comovesse meu coração.

Mas eu tinha, em mim, a mania grandiosa de desafiar o mundo e passei ao pé de você, sem ouvir a carícia de suas frases estudadas, sem conhecer o divino amavio de seus olhos doces pousados à incandescência dos meus.

Eu queria, louca, transmitir a você toda a grandiosidade dos meus voos alçados para o alto, para a infinita grandeza de um ideal incompreendido, de um sonho de aventura que me asfixiava, dilacerando-me as carnes.

E quando eu disse tudo aquilo, você fugiu horrorizado. Fugiu, porque era covarde! Fugiu porque, qual Baudelaire, você queria vestir de cor de rosa a fantasia do seu sonho e eu sombreava de negro o perfil indeciso de sua esperança.

E depois, quando eu me fui, você implorou que eu voltasse para a glória de seu amor, para sufocar a rebeldia de seus versos amargurados, para aquecer a frialdade do reduto em que você fortificará as suas ilusões, temendo que a vida as destruísse.

Mas, então, eu tive a coragem de gargalhar na frente de você, de rir da miséria de seus anseios, de zombar da oferenda de seu amor.

E, por isso, você começou a odiar-me.

Odiou, em mim, a audácia de meus gestos, a arrogância de minhas atitudes.

E odiando, você realizou o milagre.

Transfigurou-se.

E seus gestos entraram a exprimir a convicção de uma independência despreocupada.

E você se fez outro!

E, só agora, no êxtase de minha devoção, eu compreendo que morava em você a visão idealizada de meu sonho, desse sonho bonito que, sem piedade, aniquilei aos meus pés.

Fonte: DANTAS, Emília. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 5 nov. 1936. (Página Feminina).

A PSICOSE DO DESESPERO

O mundo atual caracteriza-se pela educação do momento; cada dia que passa traz-nos maior certeza de que a humanidade, em desabalada corrida, marcha para a sua própria destruição. A psicose do desespero avulta e as anomalias sociais que se chamam guerra, pauperismo, degenerescência, crime e tantas outras, aí estão, flagrantes, como que fornecendo atestado ao homem que realiza a sua autorruína.

Os sentimentos morais que se desenvolveram em estágios múltiplos da vida em comum e que se fixaram como

patrimônio da espécie por leis de hereditariedade psicológica sofreram, neste século, a dura prova do choque que os tenta aniquilar.

Desapareceram os homens que acreditam no bem; em consequência disso, desapareceu a tranquilidade, a alegria, a mútua confiança entre os seres humanos.

Os homens temem-se, odeiam-se, não se compreendem.

A natureza e a lei reuniram os indivíduos num meio físico determinado e alicerçaram os sentimentos de solidariedade pelos laços de família, de raças, de religiões. O âmbito enorme de influência cristã estendeu esses laços através de continentes e tentou estreitar todos os povos pelas necessidades da vida, dando amplitude e força aos sentimentos de cooperação.

Mas, neste século, duas guerras mundiais fizeram tremer os alicerces da civilização.

Ainda é de ontem o espetáculo macabro da tragédia que tudo destruiu.

Os buracos abertos pela metralha o tempo fechará; mas os vivos e mortos ficaram e ficarão sempre, almas paradas de horror diante dos estilhaços fumegantes do mundo em incêndio.

Hitler apenas foi um condutor. Mas onde bebera a treva? Artur Gobineau devia responder isso do outro lado do Reno. O *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* foi como que o rastilho da fogueira que preparava a grande tragédia. Com uma ênfase dogmática, Gobineau envenenou um povo.

Embalde Franz Boas, o grande antropólogo, pregava a ideia científica da unidade humana: “Não há permanência de tipos raciais. A linha de demarcação não existe. A mobilidade é a lei. As raças entremisturam-se em formidáveis proporções e as mais velhas terão que ser absorvidas, no complexo mais amplo que anda em formação”.

Mas o gobinismo florescia e Wagner, Nietzsche, Chamberlain, gritavam a superioridade dos arianos, procurando em

dados escusos provar que os alemães eram os germanos de outrora e que a raça não se abastardara pela cruz. Até Cristo, o humilde Rabi, Pedro e Paulo, os santos apóstolos, Dante e Lutero foram nessa teoria nefanda classificados como arianos puros porque haviam revelado a força anímica dos teutônicos.

E que se viu depois? A teoria racial incendiou o mundo, tentando tudo destruir. Mais uma vez, os condutores de povos haviam sido os responsáveis pela grande tragédia.

Realmente, os líderes são os cabeças pensantes das multidões. Os homens são como rebanhos conduzidos por bons ou maus pastores. O homem em grupo se anula; é um monstro ou um santo. A inteligência decresce e ele é conduzido como criança através de caminhos escuros. O homem deixa de ser ele mesmo e faz parte da multidão. Individualmente, quase deixou de existir.

A influência dos que lideram as massas é notável. Preparemos, pois, os líderes, educando indistintamente todos os cidadãos.

A crise é de mestres. A grande crise é de educação. Falta caráter.

O homem tem medo de ser bom. Em cada ser humano que encontra, vê um provável inimigo.

Ninguém expõe a alma ao sol, temeroso de ser ridicularizado. Há pouco tempo ouvi de uma criança:

– É verdade, professora, que todos os homens são maus?

– Quem lhe disse isso?

– Foi meu pai; ele disse que os homens precisam ter cabeça de papelão.

É de se notar, pois, a que ponto a psicose do desespero tomou conta dos homens de hoje.

Mas é necessário que se lute para a reabilitação da consciência humana que, pela educação adequada, cesse a desvirtuação do homem pelo próprio homem.

Em última análise, só o esforço conjugado da família e da escola realizarão o milagre. Elas, unidas, farão com que as consciências se submetam a um critério de apreciação, que será o critério do bem comum.

Desaparecerá, então, a estranha psicose do desespero que se avoluma, cresce, cria raízes e destrói o sentimento moral.

Mas quando teremos os líderes para o grande movimento? Quando?

Fonte: RIBAS, Emília Dantas. **Revista da Academia Feminina de Letras do Paraná**, Curitiba, ano V, v. V, p. 8-9, 1978-1979.

AMOR E CIÚME

A princípio, quando o mundo era ainda confusão, encontraram-se o Amor e o Ciúme. O Amor vestia-se de branco e caminhava a passo, muito lentamente, cantarolando uma canção. O Ciúme trajava vermelho e de seus olhos, que faíscavam, fulgiam reflexos de ódio e de tortura. Pararam ambos, e o Ciúme dirigiu-se ao Amor:

– Onde vais, colega? Quando não se tem pressa, como nós, é justo que paremos para descansar. Conversemos. Vamos combinar nossos projetos para o futuro, pois iremos caminhar sempre juntos.

– Não, não quero negócios contigo! – disse-lhe o amor – Quem me diria que tu, a quem desconheço, não virias encher de cabelos brancos a minha cabeça? Tenho sido feliz e vou fazer feliz a humanidade. Não sou egoísta. Quero ver o sorriso aflorar aos lábios das mães, das noivas, das esposas. Quero vestir de anseios as alvoradas e de sonhos o entardecer.

E o mundo abençoará o meu nome, e eu serei feliz contemplando a grandiosidade de minha obra.

E o Amor afastou-se, apressado receando a companhia do Ciúme que, correndo, lhe disse ainda:

– Voltarás, colega, e virás pedir que te ajude a carregar o fardo. Aqui te esperarei.

E os anos se passaram. O mundo se povoava. O Amor edificava nações e os homens auxiliavam-se mutuamente. Mas não eram felizes. Nada alterava o ritmo dos dias e o tédio, o fastio, um não sei que indefinível, vestia a Terra de tristeza, de solidão. E o Amor, acabrunhado meditava:

– Que farei para que o homem vibre? Que será necessário para que ele ambicione algo de grandioso que venha quebrar a monotonia da vida?

Lembrou-se, então, do Ciúme. E voltou a procurá-lo. Encontrou-o à beira da estrada e interpelou-o:

– Queres ainda vir comigo? Preciso de ti.

– Irei, mas só depois que me deres amplos poderes de ação. Para enfeitar a vida, destruirei tua obra. Aniquilarei todo o teu esforço, seguindo-te por toda a parte. Serei tua sombra. Armarei o braço dos homens e demolirei, por minhas mãos, todo o esforço construtor da humanidade. Mas o homem será feliz, porque nas ruínas ele encontrará o incentivo que lhe falta para levantar monumentos de grandeza. A Inveja irá comigo, pois é minha companheira indispensável, porque gera a ambição. E a Desconfiança também me acompanhará. Serve o que te proponho?

O amor pensava, ainda. Decidiu-se, afinal, e murmurou:

– Anda, vem comigo. Sacrifico o meu prestígio para que o homem seja feliz. E desde então, nunca mais o Amor andou sozinho. Por toda a parte, vigiando-lhe os passos, Ciúme acompanhou-o, arrogante, despótico, impondo condições e ditando ordens. E o amor, sacrificando-se pelos homens, identificou-se com ele, fazendo-se aliado do monstro. E, ain-

da hoje, de mão dadas, caminham à espreita dos descuidos que o amor alenta, antes, para que o Ciúme os torture e os aniquile, depois.

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 4 nov. 1937, p. 11.

FESTA NA VILA

Vilarejos tranquilos do interior! Pedacos de civilização perdidos na monotonia incompreendida do sertão brasileiro!

São quase todas iguais as vilas: quietas, branquinhas. Todas iguais ou apenas parecidas, com esta ou aquela modalidade característica.

Esta, numa colina, ruas íngremes e barrentas.

Ao alto, no centro, de um terreno no largo, reservado uma praça, está uma igrejinha desbotada, onde muito raramente a voz do sino se faz ouvir. Ali perto, pastam os animais, sossegados.

Na vila não há indústrias. Apenas uma engenhoca rouquenha e triste, desafinando um compasso invariável e monótono, se faz ouvir todos os dias.

O comércio é quase nulo e a vilazinha tranquila, decai, decai sempre.

A lavoura, esteio seguro das zonas rurais, perde ali constantemente braços laboriosos e ativos. Há na vila muitos lares fechados, onde se ouvia outrora o cântico de vizinhas estridentes, onde a chaminé fumegava, lançando rolos de fumaça para o infinito.

Como tudo é mudo, hoje!

De quando em quando, um frenesi de entusiasmo sacode o marasmo daquela gente. É que está perto o dia do Santo Padroeiro.

Dos vilarejos vizinhos, muita gente virá para a festança.

A banda do Venâncio entra em ensaios diários. Convidados, o vigário da cidade próxima rezeará as novenas.

E o baile, então?

No grande casarão de madeira, todo enfeitado de bandeirinhas coloridas, entram as moças a dar o último retoque. Festões de cedro rendilhados de flores enfeitam o teto do salão. E preparativos para a festa não cessam. Enfim, o grande dia amanheceu claro, festivo.

A vila decadente já nem parece aquela de todos os dias.

Logo cedo, a alvorada. Os sinos, parados quase sempre, lançam para o alto, ininterruptamente, um som que se perde ao longe, muito ao longe...

As ruas, varridinhas quais terreiros bem cuidados, estão enfeitadas de bandeiras triangulares. Verdes e vermelhas.

Na igreja, o grande altar é todo branco. E, como uma grande mancha vermelha, São Sebastião, o padroeiro, tem os olhos erguidos numa atitude esquisita de humildade.

Estranho poder de sedução mora no olhar do Santo martirizado. Artista, medíocre, por certo, deixou viver todo o valor da obra nos olhos expressivos do sublime enviado de Deus.

As mãos, desproporcionadas, enormes mesmo, o tórax muito dilatado e os membros estreitos, enfeitam a imagem.

Os olhos, todo o encanto da obra estão apertados em faces muito estreitas.

Ao lado de São Sebastião, numa cruz negra, pequena, está o Crucificado do Gólgota. Na angústia de seus lábios de há séculos:

– Povo meu, de mim tanto querido, que mal te fiz?

A igreja é sóbria e, quase sempre fechada, o branco das paredes entremeou-se de filões úmidos, amarelados.

Saiu a procissão. Foguetes, assobiando, sobem para o alto. Fazem-se alas. E o andor do padroeiro, todo enfeitado de rosas carminadas, passa nas mãos dos maiores da vila, festeiros, todos eles.

A música toca sem cessar.

De volta, entrou a procissão no templo.

Lá fora, é leilão. Num palanque que improvisado, há toda a sorte de bugigangas: vasos de vidro, canequinhas, grandes ramos de flores, bolos, enfeites de papéis berrantes, repicados.

E o leiloeiro tem jeito para a coisa. Vão render bom dinheiro as dádivas pequenas dos crentes. Mas é preciso que seja assim, pois todos sabem que a igreja vai ser pintada de novo.

Logo mais é o baile e, nele, a explosão entusiástica de uma alegria espontânea, faz pensar na desculpa da festa religiosa para que, ao menos uma vez no ano, aquela gente vibre, sacudindo a monotonia cansativa de um grande período de trabalho.

A dança nivela ali todas as classes. Confunde-se o trabalhador ruano com o bacharel recém-formado, e, adiante, a moça da cidade, ataviada e faceira, troca confidências com a filha do operário.

Bendita é a vida simples do interior!

Boa simplicidade que edifica ventura longe dos grandes centros urbanos!

Findaram os festejos e, na manhã seguinte, a vila centenária vista do alto parece um presépio abandonado.

Tudo voltou à calma e estou certa de que, na festa vindoura, que já está próxima, ao voltar à vila pobre e decadente, encontrarei mais lares fechados, menos chaminés fumegantes,

mas lá estarão ainda, no altar os olhos humanamente suaves do Santo Padroeiro, de São Sebastião vestido de vermelho, contrastando com a brancura das flores que lhe enfeitam o altar.

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 8 dez. 1938.

A MINHA FELICIDADE

E você, quando lhe mostrei aquela bonita casinha em que moravam as relíquias amarelecidas de meus sonhos, viu aquele trapézio desbotado em que se balançava um polichinelinho feio, um ridículo espantalho de madeira velha e suja.

E você quis saber qual razão de meu carinho por aquele pobre brinquedo de criança humilde triste!

E eu disse, sorrindo: aqui mora minha felicidade!

Você zombou, incrédulo, porque nunca acreditou na beleza estonteante da vida, concretizada numa lágrima de dor, num poema de saudade...

Você quer, da vida, a alegria ruidosa dos sons, o espetáculo das cores, o ritmo grandioso da felicidade que mora, para você, na suntuosidade estonteante dos palácios e na magnificência das alvoradas grandiosas.

Eu, porém, invejo o idealismo de Platão, a imortalidade científica de Sócrates, a doutrina humanamente suave dos hebreus, abrigados pela estreiteza do dossel cintilante que lhes ofertara Jeová.

Você traz, em seus olhos, os anseios de uma revolta muda, a labareda maldita de uma fogueira invisível.

E eu tenho pena de você, de sua alma envenenada, porque trago no coração um poema de venturas, uma epopeia grandiosa de fantasia de amor!

E por que você não compreenderá nunca a grandiosidade de um nada que para mim é tudo, eu tornei a colocar na velha caixa aquele polichinelo triste que é bem um pedaço de minha vida, porque é o pedaço melhor de meu coração!!

Fonte: DANTAS, Emília. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 10 de set. 1936. (Página feminina)

VIVER

E o homem subiu, acompanhando a caravana da esperança que se distanciava na longa estrada da vida.

Levara nos olhos o cenário mutável de realizações grandiosas, mas tinha as mãos vazias.

E caminhou. Lá, no alto, a glória, a fortuna, o amor! E faltava tão pouco.

E ele subia, buscando na vida a concretização do sonho bonito que acalentara na adolescência.

E por que não, se tinha o futuro diante da magia de seus olhos moços?

E por que não, se sonhava a glória, a fortuna, e sentia-se capaz de afrontar o mundo, transpondo muralhas agigantadas para atingir a meta de seus anelos?

E o homem caminhou mais, mais ainda...

Mas a caravana bonita que conduzia a felicidade acelerava o passo ao sentir que ele ia alcançá-la.

E, louco, redobrou de energia. Correu, desvairado.

Em seus olhos doloridos refervia o anseio de uma estranha emoção e, narinas dilatadas, aspirava o perfume capitoso da vida, sorvendo-o, embriagadoramente.

Um dia, porém, cansou.

E viu, amargurado, que tinha os cabelos brancos e as mãos ainda vazias.

Os olhos, enevoados, voltaram-se para o poente.

E ele gemeu. Caiu, estertorando.

No canto de seus olhos cansados, tremeluziu uma lágrima. A última.

Depois... depois a apoteose da vida na fria carícia da terra, mais nada.

Fonte: DANTAS, Emília. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 8 out. 1936. (Página feminina).

DE VOLTA

Ontem, quando vínhamos pelo caminho bonito que vai dar à cidade, você tomou as minhas nas suas mãos nervosas e perguntou, sorrindo:

– Que tens? Por que emudeceste, assim, quando a natureza arregimenta os pássaros da floresta para entoar o cântico divino da nossa felicidade? Por que os teus olhos refletem um mundo de inquietações, cenarizando um rosário de amarguras? Que sucede, minha amiga?

Eu calei, porque na voz com que você me falava eu sentia o orquestrar expressivo de uma outra voz distante...

Eu via, divagando, um vulto que se aproximava e sentia a cadência de uns passos retardados, passos que pareciam se deter à nossa frente, impedindo-nos o caminho.

Depois, depois ouvia apenas um eco perder-se, longínquo...

E você continuava:

– Fala-me! Por que o sorriso se dissipou de teus lábios? A manhã é bela. A neblina desaparece e a visão maravilhosa da natureza em festa enfeita o panorama da vida. A magia das cores veste o mundo de beleza. Tudo vibra e palpita. E tu, apenas, contrastando com a alegria das coisas inertes, queres infiltrar a morte dentro da própria vida. Que tens? Diz-me o que sentes, minha amiga... É preciso que te embebedes com o aroma da vida, a fim de que não vagues como uma sombra apagada... As horas passam e é preciso vivê-las.

E eu caminhava, lentamente, muito lentamente...

E você falava, ainda:

– Viver é desejar, é absorver um século num momento grandioso de idealismo, é impor o direito da inteligência e do poder. Arranca do coração o germe maldito do ceticismo que te envenena e aprenda a dispor do tesouro que a natureza, pródiga, te oferece. E agora, sorri, minha amiga...

E eu sorri para você...

E você pensou, então, que me venceram os seus argumentos, porque eu não tive a coragem de matar a ilusão grandiosa que vive em sua alma boa.

E somente me senti feliz quando os seus lábios se abriram, murmurando:

– Obrigado, minha amiga!

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 24 fev. 1938.

POESIA

DIVAGAÇÕES

Sol no ocaso.

Tarde de sonho e de encantamento.

Espero por ti e não vens.

Olho para o alto.

A primeira estrela, pisca-piscando na semiobscuridade, surge radiosa.

Ostenta-se, em todo o esplendor, a lua.

E não vens ainda...

Quanto tempo terei ainda de esperar por ti, meu amor? Quantas vezes o astro-rei virá descambar sem que estejas junto de mim?

Não sei por que, entrei a odiar os astros.

Por que brilham elas, se não estás junto de mim?

Por que, como meu coração em eterna quaresma, elas não se vestem de trevas?

Egoísta que sou, meu amor, no exclusivismo da minha afeição...

Mas por que hei de querer o sol, se o calor dos seus raios não aquece meu coração gelado?

Por que hei de querer a lua, se ela, orgulhosa, zomba do encantamento do meu sonho, passeando altiva, pelo Infinito?

E as estrelas? Porque devo querê-las, se na luz do teu olhar encontro todo o fulgor de mil mundos imaginários?

É que só quero a ti, meu amor!

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1938, p. 70.

JÁ É TARDE

A velhice chegou
tão leve de mansinho.

A alvorada do amor,
o canto,
a melodia,
tudo foi outro dia
tão próximo, tão bom.

E tanta fantasia;
Hoje, os sonhos já mortos.
E agora, a nostalgia,
o cansaço, o amargor.

E sentir que vai longe
a grande procissão
das ilusões já mortas.
E que ninguém me espera
na curva do caminho.

Que tudo terminou
Que a neve vai chegar
de manso, de mansinho.
E sentir nos braços já cansados
um vazio sem igual.

E no olhar fatigado
um brilho de esperança
uma réstia de luz
de luz que foi farol.

E o coração ansiado
batendo, em melodia,
o compasso final
da grande sinfonia
da vida que é fugaz
etérea e fugida.

E nada mais sonhar
E um vácuo intraduzível
A mais se aprofundar.

E tudo escurecendo.
As flores fenecendo.
E o crepúsculo eterno,
imenso
assustador
tão prestes a chegar.

E a vida que é tão bela
intensa, fugidia,
nos prados, nas colinas
nas várzeas, nas campinas
no riso da criança,
na festa da esperança
Eterna a palpar...

Fonte: DANTAS, Emília. Recorte de jornal. Acervo de Carmen Santos Peixoto e Josélia Peixoto Alves.

O ESPELHO

O chinelo encostado.
O pijama pendurado.
O mudo olhar do retrato parado.
E todo o horror do espelho sem imagem.
O espelho de outrora,
Gaiato, a sorrir
Da barba rebelde
E escura
Do vulto amado,
Que ele não esquece
E que ficou no passado.

E agora,
O espelho mudo e frio
A rir,
Das faces que não são as suas,
Do olhar, que é outro.
E deforma,
E enfeia,
E expulsa do aço frio
O outro rosto angustiado,
E clama, reprimido,
Pelo bem esquecido,
Pelo mudo olhar do retrato parado.

Fonte: RIBAS, Emília Dantas. Acervo da Academia Feminina de Letras do Paraná (Datilografado).

O MEU POEMA

Eu fiz um poema para você.

Era um poema tão lindo, meu amor!

E teci-o de pedaços de minha alma.

Em cada estrofe viveu toda a grandiosidade dos meus anseios, toda a infinita ternura de meus sonhos primaveris.

Era tão lindo o meu poema!

E você veio para ouvi-lo.

Você se sentou ao meu lado e suas mãos estreitaram as minhas mãos nervosas.

Você olhou fundo nos meus olhos cismarentos!

Você fitou-me mais, mais ainda, e comecei a sentir que um denso véu escurecia tudo ao meu redor.

E o papel perfumado em que eu tecera a magnificência do meu poema bonito, o papel caiu-me das mãos lentamente, muito lentamente ...

E não li para você o verso emotivo da minha felicidade.

É que na luz ardente de seu olhar eu encontrei, naquele instante, a chave de ouro para o meu poema, para o poema do meu grande amor!

Fonte: DANTAS, Emília. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 16 dez. 1937, p. 73.

O VENTO

Cedinho,
De mansinho
O vento começou.
E depois
se alastrou
a zunir,
a gritar,
a bramar.

E o vento continuou
a arrasar,
a ferir,
a matar.
E depois
sossegou
se aquietou.

Qual o vento
violento
minha alma
gritou e falou
sem cessar.

E depois,
de mansinho
em sussurros,
em queixas,
gemendo,
se pôs a chorar.

Fonte: DANTAS, Emília. Recorte de jornal. Acervo de Carmen Santos Peixoto e Josélia Peixoto Alves.

SAUDADE

Saudade Esperança! Pungir agri doce. Divinização de sonhos. Noites consteladas. Gestos. Frases. Olhares. Um sorriso, um adeus.

Saudade vestida de fulgores, insuflada de ideais. Miragens no vazio do deserto.

.....

Saudade Obsessão! Mal-estar indefinível. Prenúncios de borrasca, toldando a limpidez dos primeiros sonhos. Esperança e desesperança. Misto de fé e de inquietude. Refrear de prantos, lágrimas teimosas trepidando nas pálpebras cansadas pelas noites de insônia.

.....

Saudade Tortura! Furacão atingindo o escrínio das almas. Gargalhar humilhado e só. Amargura dolorosa do abandono. Temor do “amanhã”. Lampejos de ódio e de ciúme... Descrença.

.....

Saudade Agonia! Farrapos de sonhos, estraçalhar de ilusões. Divino enternecimento de um consolo amargo, embriaguez dos sentidos despertados pela voz mentirosa de uma nova esperança.

.....

Saudade Aniquilamento! Cinzas sacudidas pela aragem da tarde. Uma folha que cai. Um pássaro que canta...

Um eco que se perde...

Saudade de uma saudade...

Ponta Grossa.

Fonte: DANTAS, Emília. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 14 abr. 1938. (Transcrito do Jornal das Moças, Rio de Janeiro).

UM SÓ

Quando eu me for, um dia,
de mim que restará?
Um gesto, uma saudade,
uma frase perdida,
um hino de esperança,
um brado de renúncia,
e o mais, o que será?

Ensinei a ensinar,
Um aluno me ouviu
De mim se lembrará?
Um que seja, talvez,
e ficarei feliz.
E então, reviverei,
e a morte, que aniquila,
jamais lhe atingirá

E nele hei de viver.
E o arauto da vitória
em brados cantará.
E falarei aos vivos.
E vencerei a morte.
E gritarei em ais,
a frase renovada
que nunca morrerá.

Um aluno que me ouviu
E o mundo o escutará.

Fonte: RIBAS, Emília Dantas. **Revista da Academia Feminina de Letras do Paraná**, Curitiba, ano IV, v. IV, 1978.

VENTO DA INFÂNCIA

Vento violento,
Vento da infância
Assustador.
Geme de leve,
Geme baixinho
Pra meu amor.

Diz-lhe da mágoa
Diz-lhe da angústia
Diz-lhe da dor.
Conta-lhe tudo
Diz que estou triste.
Pobre e sozinha
Só e sem amor.

Se ele te ouve,
Volta correndo,
Vento da infância
Assustador.

Traz-me a notícia,
Diz-me o segredo,
Venta em rodeios
Zune em brinquedos
Arrasta tudo
‘Té me acordar.

Embora eu sofra,
Vento violento,
Vento da infância
Assustador.
Eu te bendigo,
Eu te acalento,
Contigo eu canto
Canto chorando
Pra te escutar.

Fonte: RIBAS, Emília Dantas. **Revista da Academia Feminina de Letras do Paraná**, Curitiba, ano II, v. II, 1976.

PREFÁCIO

Quando Zilah de Grácia pediu-me para prefaciар o seu livro, o primeiro, concedeu-me uma alegria muito grande. Lembro-me dela menina de guarda-pó branco a caminho do Grupo Escolar, em nossa cidade batida pelos ventos, mas tão querida aos nossos corações.

Vinha de um lar feliz, onde o pai, inteligência brilhante, cultuava as letras e transmitia às filhas o carinho pela beleza magnífica de nossa língua.

Depois, perdi-a de vista. Casada muito cedo, Zilah absorveu-se nos problemas do lar e o mundo da literatura a teria perdido se não fosse, maior do que tudo, a voz interior que, ressurgindo do passado, a chamava para o tumulto da vida pela maravilha da palavra escrita.

Dela tive notícias, mais tarde.

Publicara contos e crônicas e norteara a vida nos sãos ensinamentos de Jesus.

Eis que, agora, em pleno verão da existência, quando o calor se adensa e o coração quer falar, Zilah publica *Vidas na minha vida*.

Confesso que me surpreendi. É de humana beleza o seu livro. É um registro da vida cotidiana, dessa vida tão cheia de sutileza, de enganos e ilusões. Desce ao fundo da dor e margem, lépida, os cantos escuros da consciência em seus vários graus.

Zilah, nos vários capítulos do seu livro, é eminentemente mulher; em linguagem de grandes recursos estuda os complexos problemas da alma humana. Fecunda em inspiração, armou os personagens de virtudes e vícios e com eles penetrou na luz e nas sombras, misturando sentimentos e ideias, confundindo-os, para simplesmente encontrar no fundo de todos os corações a réstia imperecível das santas palavras do Evangelho: “Amai-vos uns aos outros”.

Sua mensagem de harmonia se condensa em poucas páginas e deixo ao leitor o prazer de ir descobrindo, aos poucos, a ternura de frases, que, como esta, se fazem enternecedora poesia: “Ao ver o mar imenso e triste, ou uma capela jogada na paisagem ao longe, você estava comigo”.

Curitiba – Agosto – 1966

Fonte: RIBAS, Emília Dantas. Prefácio. In: GRÁCIA, Zilah de. **Vidas na minha vida**. Curitiba: Fônte Editora, 1966.

RESENHA

UMA EXCURSÃO À EUROPA

(Da comissão de Bibliografia do Centro de Letras do Paraná
- Emília Dantas Ribas)

João Alfredo, na primeira página de seu livro, dedica-o “A Isaura, a minha inolvidável esposa, com os meus mais puros sentimentos de amor e de eterna gratidão”. Há, pois, em todo ele, uma saudade de mulher, uma falta sensível desse carinho que avolumaria a obra da doce espiritualidade.

Mas, o autor viajado quis deixar-nos nas páginas desse Diário observações curiosas e sagazes sobre a Europa e a milenar civilização dessa outra parte do mundo... É oportuno aqui lembrar as recentes palavras de Acheson: “O novo ponto que se vem inserir nesses problemas e que deve ser examinado cada vez com maior atenção, e o das relações do hemisfério com o mundo. Em quaisquer relações com o hemisfério e com o mundo, é importante que o hemisfério tenha oportunidade de discutir os assuntos do mundo para chegar a conclusões.” E o que de melhor que esses excertos de rápidas impressões, para que se aquilate da força moral do povo europeu, desse povo que repara suas feridas físicas e espirituais, recém-sarado dessa catástrofe que enlameou suas searas e destruiu suas indústrias e sua vida em geral.

João Alfredo, preliminarmente, diz-nos que, no seu livro de pequenas impressões, não há nenhum estudo psicológico, nenhuma observação de ordem social ou artística. Entretanto, há de tudo isso nesses 31 mil quilômetros percorridos; as circunstâncias, os acontecimentos, os fatos da vida diária, a constituição mental das multidões, suas opiniões e

crenças, os fatores remotos e imediatos da psicologia de cada raça, confundidos no aglomerado das grandes cidades ou das pequenas aldeias, tudo isso podemos entrever através de um fato comum, de uma palavra, de um gesto ou atitude. Percorrendo vários países, verificamos as divergências de elementos de civilização criados pela constituição mental hereditária de cada Le Bom:

Uma multidão latina, por mais revolucionária ou conservadora que a suponhamos, fará invariavelmente apelo, para realizar as suas exigências, a intervenção do Estado. Ela é sempre centralizadora e mais ou menos cesariana. Uma multidão inglesa ou americana, ao contrário, não conhece o Estado e só apela para a iniciativa particular.

Uma multidão francesa, quer, antes de tudo, a igualdade e uma multidão inglesa reclama a liberdade. Essas diferenças de raças proporcionam quase tantas espécies de multidões quantas são as nações do mundo.

Eis porque, nas entrelinhas de curiosas observações, João Alfredo traz farto material sobre a conduta dos povos e suas tradições, tradições que representam, na sua estabilidade, o grau de civilização de um povo.

Inicia o roteiro por Cádiz, cidade do sul Espanha, na Andaluzia. Depois, Sevilha, com a divisa histórica conquistada por sua lealdade a Alfonso, o sábio: “*Muy noble, muy leal, muy heroica e invencible*”. Em Lisboa, o emotivo silêncio de um minuto em homenagem aos nossos antepassados, aos bravos lusitanos que nos deram o sangue, o solo, a língua e as tradições de cultura. Portugal recebia festivamente os filhos de seus filhos.

João Alfredo, em linguagem simples e interessante, vai descrevendo os usos, os costumes, a beleza das regiões per-

corridas, ainda sem o conforto americano; na Itália, fala da arte imortal e em Gênova cita o cemitério de Staglieno, em que, no mármore, está eternizada a vida na beleza da dor, tão pura, tão humana, na grandeza espiritual artística das pedras que choram pelos mortos que encerram. Ainda na Itália, Pistoia e nela, os nossos mortos amados, aqueles que lá ficaram em 448 montículos de terra, tão distantes da Pátria!

Depois, Paris, a capital do mundo, com sua história imortal, seus museus, suas igrejas, sua beleza panorâmica invejável.

E desfilando aos nossos a Espanha, França, Portugal, Suíça, Bélgica, Itália e ainda Londres, João Alfredo atém-se aos programas diários de excursionistas ávido e curioso, investindo, olhando e descrevendo com fidelidade todos os aspectos da vida dos países que percorreu.

O livro, enviado à biblioteca do Centro de Letras do Paraná muito bem impresso e com 119 páginas, vem enriquecer a estante paranaense.

Fonte: RIBAS, Emília Dantas. **O Dia**, Curitiba, 19 jul. 1952, p. 16.

DISCURSO

“Judith Macedo Silveira não criava nos alunos a falsa ilusão de patriotismo estéril, mas aquele que honra e dignifica. Estou a vê-la, na frente de seu colégio, ereta, quase viril, desfilando com a bandeira auriverde desfraldada ao vento. Os alunos, impecáveis nos seus uniformes, cantavam os hinos da Pátria e marchavam, com o Brasil, para os mais altos destinos da humanidade.

Em toda a vida ativa da cidade Dona Judith se fez presente. Nada se planejava sem ela. Em civismo, ninguém foi maior. Nas reuniões, o seu tipo físico mediano, claro, de olhos verdes, se agitava. Líder fremente, era inconfundível pelo entusiasmo, entusiasmo esse que contagiava a todos. Nada a fazia esmorecer. Não conheceu o medo, a covardia de simular, a palavra fácil de agrado, o gesto de submissão. Na tranquila cidade a vida decorria feliz.”

(Trecho do discurso de posse de Emília Dantas Ribas, em 1971, ao assumir a cadeira de número 30 da Academia Feminina de Letras, cuja patrona é Judith Silveira. Conforme o diploma publicado na fotobiografia, a posse, efetivamente, ocorreu em 20 de abril de 1974).

Fonte: OLIVEIRA, Joselfredo Cercal de. **Educadores ponta-grossenses: 1850-1950**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2002. p. 146.

Textos sobre Emília Dantas (Ribas)

FORTUNA CRÍTICA

UMA ROMANCISTA PARANAENSE

Berilo Neves

A senhora Emília Dantas Ribas escreveu, sem pretensão nenhuma, um livro rico de sensibilidade e humanidade. *A primavera voltará* é a história de uma mulher igual a muitas mulheres que há no mundo. Não é melhor nem pior do que as outras: é uma mulher com os vícios e as virtudes mais comuns ao sexo de Eva. O livro está cheio de recordações pessoais. Fez bem a autora em dar-lhe a forma de uma autobiografia da personagem principal, Vanira Conceição. As recordações de infância constituem um dos elementos mais interessantes do romance, o qual como já dissemos não encerra pretensões grandes. “Fui colocar-me entre as outras meninas, quase todas da minha altura. A professora era uma moça clara, de cabelos pretos e longos – ‘Alinhem-se, meninas’ – foram as primeiras palavras que dela ouvi”. Maneirosa, foi se introduzindo entre as meninas e, poucos minutos depois, as classes, ladeando o grupo, entravam em fila de dois pela porta principal. “A nossa foi a última a entrar. Encostamo-nos nas cadeiras gastas e sujas de tinta, e, a um sinal da professora, sentamo-nos. Fiquei com pena dela e o sorriso feliz desapareceu dos meus lábios; ela devia estar triste. Nunca esqueci aquela primeira impressão

e o choque que me causou aquilo. Quantas vezes, abatida, negou-me o direito de sofrer, e quando ouço a sineta chamando-me para as aulas, tento fazer-me jovem e bela, e ensaio aquele sorriso permanente que nunca mais se deve afastar dos meus lábios. Às vezes, pergunto a mim mesma: ‘Você está satisfeita, está?’ Mas você não tem nada; não tem mocidade, não tem beleza; a vida roubou-lhe tudo isso, o tempo passou e as rugas vão enchendo de sulcos o seu rosto, suas mãos vão ficando ásperas e frias. Que espera da vida?”

As observações que faz a protagonista sobre a professora, o pai, as pessoas conhecidas ou parentes, são deveras expressivas e fiéis. O livro é uma série de quadros de intenso realismo. Surgem algumas cenas de luta civil ocorrida no Brasil no ano de 1893 – ao qual se poderia dar o título de *ano horrível*, com que Victor Hugo crismou outro, de terminação idêntica: o de 1783. O famoso cerco da Lapa é revivido pela autora de maneira muito hábil. As cenas da guerra juntaram-se às da história que forma o enredo principal do romance e tudo se articula sem esforço e com naturalidade. Um sopro de heroísmo épico perpassa em certos capítulos do livro. A senhora Emília Dantas Ribas tem por vezes um estilo viril e impressionante. Não sabemos se este é seu livro de estreia: se o é, maiores ainda são as esperanças que se pode depositar no talento da autora.

Não encontramos aqui nenhuma forma de artificialismo, nem nos sentimentos, nem nas palavras. E isso é muito, numa época em que as maiores extravagâncias se publicam com o intuito único de chamar a atenção dos eventuais leitores. Este livro eminentemente humano, como já dissemos, deve registrar-se com a simpatia e o aplauso a que faz jus.

Fonte: NEVES, Berilo. **Ilustração Brasileira**, 1953, p. 150.

CRÔNICAS ESPARSAS

José Augusto

Depois de longo período de dispersão e desestímulo protegendo-as de nossas atividades literárias, conseguiu o Centro de Letras do Paraná animá-las novamente, sob as mais nobilitantes aspirações, protegendo-as amparando-as com estímulos e recompensas.

A nova cruzada literária conclamava todos os poetas a cantarem as novas alvoradas do ressurgimento espiritual, e tinha a norteá-la a alma generosa daqueles lutadores que não esmorecem, não se desalentam e não cansam.

Para coroar a vitória que acenava a todos os artistas, aliavam-se os mecenas entusiasmados que ofereciam anuais valiosos prêmios aos vencedores dos prélios literários que os instituíssem. Pela primeira vez, o poder público se propunha a dar assistência às lides literárias, premiando também as obras que se destacassem, laureando seus autores.

O primeiro conclave literário conseguiu realizar o supremo milagre de reunir a unanimidade dos poetas, cronistas, dramaturgos, romancistas e folcloristas, numa das mais belas e afetivas festas intelectuais, na qual se destacava quase uma centena de livros. Prenunciava-se assim o prestígio das nossas letras sob uma aura benéfica e animadora.

Dáí para cá, o surto literário prosseguiu vitoriosamente na sua senda espiritual.

Surgiram valiosas produções que nos induzem a esperanças conquistas nas letras.

Ainda agora, a escritora Emília Dantas nos envia o seu romance *A primavera voltará...*

Desde o sugestivo título com o qual enunciou o seu magnífico brevíário, escrito com alma e coração, até as der-

radeiras páginas, sente-se a delicadeza e a sensibilidade da poetisa, a reviver um drama sutil de comoventes lembranças, no qual existe um sonho que é uma esperança que ainda nos acena, com promessas desvanecedoras que é tão diferente daqueles outros que bem cedo traíram as nossas aspirações e os nossos anseios de realidade.

A escritora Emília Dantas merece os nossos estímulos. Não cabe nesta síntese a análise demorada do belíssimo romance *A primavera voltará...*

Contudo, devemos afirmar que a autora foi para nós revelação mais animadora da vitória das letras femininas, das quais ela é, sem favor, uma das mais autorizadas representantes.

Fonte: AUGUSTO, José. **O Dia**, Curitiba, 23 maio 1950, p. 5.

A PRIMAVERA VOLTARÁ

Eloy de Montalvão

“Na vulgaridade é que mora a ventura”, assim expressou-se a escritora Emília Dantas Ribas em seu romance – *A primavera voltará*. Justifica plenamente a autora a razão daquele pensamento, mostrando que “nas minúsculas coisas de todas as vidas é que está o sentido magnífico das grandes verdades”.

Em seu trabalho delicado e cuidadoso, nada existe de vulgar; antes, é um livro de simplicidade e de uma nítida e acurada compreensão da dedicação e do amor das criaturas à vida humana que, esquecendo a sua própria existência, gastam-se, estinguem-se e aniquilam-se, semeando luz pelos caminhos ensombrados, por ensinamentos sãos, de exemplos dignificantes.

Emília Dantas Ribas não só escreveu seu livro com a preocupação de jogar personagens fazendo obra de ficção; o traçou com alma, impregnando-o de ensinamentos que caracterizam as ações, nunca condenáveis para a formação de espíritos elevados.

A autora procura, com admirável lucidez, interessar os leitores, pela sua terra, pela educação da mocidade, pela disseminação dos bons costumes, virtudes, grandezas de alma, mostrando também erros que devem ser corrigidos, incompreensões que devem ser esclarecidas.

As personagens que giram em torno do tema de *A primavera voltará* não são simples bonecos imaginativos; são figuras reais, sentidas, vividas e observadas, sob ângulos simples de fácil discernimento.

Escreveu lances que se justificam plenamente, como registro social, da época em que viveu.

Não os disseca à luz da psicologia – encaminha-os delicadamente, sob uma doce paz de sinceridade. As cenas se sucedem, umas após outras, sem quebra de seguimento, sem transições bruscas ou malabarismos literários provocadores de surpresas rocambolescas.

A primavera voltará é um livro ameno, simples, que faz bem à alma e ao coração, repassado pela finura romântico-bucólica de dedicada autora.

Assim como Octavio Fenillet, escritor que alcançou quase que a primazia no atingir alturas sublimes em voos de simplicidade, no seu livro *Nasceu um novo amor*, assim também Emília Dantas Ribas, em seu livro *A primavera voltará*, reunindo fatos comuns e vários personagens trabalhados pela observação, deu-nos um livro cheio de ternura, repleto de sensibilidade.

As páginas puramente descritivas, bem elaboradas, denunciam a força intelectual da autora, pois que nos pequeninos nada “está o sentido magnífico das grandes verdades”.

É um livro repleto de recordações, de anos passados, de dias luminosos em uma velha casa tranquila e feliz, de uma professora, moça corada e gorda, do primeiro dia de aula, de um chafariz antigo, visto tempos depois, ainda a jorrar a água límpida da velha torneira enferrujada...

Instantâneos colhidos da própria vida, com precisão, com doçura e apresentados com colorido ameno, real, sem os contrastes berrantes das fantasmagorias.

Eis porque o livro da senhora Emília Dantas Ribas agrada, satisfaz e eleva.

É a sinceridade escrita, com um único e plausível escopo:

O de ter sido escrito, burilado para “todas as mulheres que esqueceram de si próprias; que, ensinando, gastaram o corpo e o espírito buscando abrir na treva caminhadas de luz”.

Fonte: MONTALVÃO, Eloy de. **O Dia**, Curitiba, 20 abr. 1951, p. 5.

NOTÍCIAS DA IMPRENSA SOBRE *A PRIMAVERA VOLTARÁ*

Foi recebido festivamente pela imprensa local e pelos intelectuais ponta-grossenses o lançamento do primeiro romance de uma pena feminina, que é *A primavera voltará*, da autoria da educadora paranaense, professora Emília Dantas Ribas.

O “Diário dos Campos” assim se expressou:

Emília Dantas Ribas, a primeira escritora ponta-grossense

Fomos honrados, ontem, com a oferta, pela autora de um exemplar do livro *A primavera voltará*.

Emília Dantas Ribas, filha ilustre de Ponta Grossa, provecta educadora, é autora da *A primavera voltará*.

Intelectuais temos tido muitos. Pouco deles, porém, animaram-se a editar um livro. E, ao que saibamos, nenhuma representante de nosso mundo feminino figurava antes entre os escritores paranaenses.

A era Emília Dantas Ribas, porém, vem conquistar com seu livro esse galardão para Ponta Grossa.

Apresentamos à ilustre beletриста os nossos parabéns e nos confessamos agradecidos pela distinção da oferta que nos fez.

O “Jornal do Paraná” consignou o seguinte:

Magnífica obra de intelectual ponta-grossense – Da distinta e provecta educadora ponta-grossense, senhora Emília Dantas Ribas, recebeu o nosso superintendente, senhor Adalberto Carvalho de Araújo, o livro da ilustre dama, intitulado *A primavera voltará*.

Não podemos deixar de manifestar nossa sincera admiração pelo que nos foi dado ler no referido livro. Caprichosamente encadernado, demonstrando, claramente, a grande capacidade intelectual de sua autora. Chamou-nos a atenção sobremaneira a magnífica dedicatória que o encabeça, o que vem elevar ainda mais o interesse pelo seu sublime conteúdo, e, para

só ter uma ideia, fazemos sua transcrição: “Dedico este livro a todas as mulheres que esqueceram de si próprias; que ensinando, gastaram o corpo e o espírito buscando abrir na treva caminhadas de luz”.

Congratulamo-nos com a população paranaense por contar no rol dos seus excelentes intelectuais com a distinta dama, que presenteou sua terra e o Brasil com essa estupenda obra literária.

O sr. Adalberto Carvalho de Araújo, por intermédio do “Jornal do Paraná” agradeceu a excelentíssima senhora Emília Dantas Ribas pela gentileza do oferecimento, apresentando-lhe parabéns pela felicidade com que compôs o excelente livro.

Fonte: **O Dia**, Curitiba, 20 jan. 1950, p. 4.

HONROSAS REFERÊNCIAS À ESCRITORA PONTA-GROSSENSE EMÍLIA D. RIBAS

Serafim França

Já nos referimos ao magnífico livro *A primavera voltará*, de autoria da ilustre escritora ponta-grossense, Dona Emília Dantas Ribas.

É-nos grato constatar que a opinião de conspícuos intelectuais patrícios é acorde com a que expendemos a respeito do livro de Emília Dantas.

Eis, por exemplo, a carta honrosa que endereçou à ilustre beletrista ponta-grossense o sr. Serafim França:

Ilma. Sra. D. Emília Dantas Ribas.

Saudades cordiais.

Li, com o maior agrado, o romance de sua autoria, *A primavera voltará*, que teve a gentileza de me enviar.

Demorei-me em agradecer essa valiosa oferta, porque desejei, primeiramente, ler, com todo carinho, o entrecho, já sedento pelo título.

E li-o, perscrutando-lhe e emoção das linhas e das entrelinhas.

Agora, sem falsa lisonja, posso afirmar-lhe que é um excelente livro.

Fabricação interessantíssima, jogo de paixões verídico, figuras que se agitam dentro da realidade e estilo claro, corredio, espontâneo, de quem sabe sentir e sabe exprimir.

Conheço quase toda a literatura brasileira e, assim, a preciosa messe de produção intelectual feminina. O seu livro figura no primado dessa galeria artística.

É uma estreia das mais felizes.

Revelação de um tesouro sentimental, espiritual e desse raro dom de exprimir e distribuir a riqueza interior.

Vou recomendar a todos que leiam o seu livro.

E não cesse de escrever. Faça outros romances. Prossiga nessa nobre faina de espiritualidade, tão necessária nestes tempos maus de materialismo inferior.

Quem estiver com o sonho está com o céu, tem asas para a felicidade.

Não desanime se a escalada tiver obstáculos.

Faça como essas orquídeas que, mesmo nos rochedos estéreis, firmam as suas raízes e abrem flores gloriosas.

Não há vibração que se perca – toda emoção é ritmo no concerto universal.

A indiferença ambiente é uma incapacidade ocasional; há toques mágicos que alertam os sentidos e despertam a admiração.

Seu livro se imporá por si mesmo.

O mérito tem radiação.

Fique na sua torre de sonha e olhe a vida com a luneta encantadora da ilusão, é o melhor meio de fugir à realidade decepcionante,

Efusivos agradecimentos e sincera admiração.

Fonte: FRANÇA, Serafim. **Diário dos Campos**, 10 abr. 1950, p. 6.

OBITUÁRIO

ADMIRAÇÃO, SAUDADE E CARINHO

Helena Kolody

À MEMÓRIA DE EMILIA DANTAS RIBAS, das Colegas de Magistério e das Confreiras da Academia Feminina de Letras do Paraná

Tudo foi tão rápido e inesperado que mal podemos acreditar.

Emília Dantas Ribas deixou, para sempre, o nosso convívio.

Porque era decidida e valorosa, a própria morte só conseguiu vencê-la com um fulminante golpe traiçoeiro. Tombou como um pinheiro arrancado violentamente pelo vendaval.

Entretanto, pessoas como Emília não morrem. Ficam vivendo nas lições que semearam ao longo do caminho, nas amizades que fizeram florir.

Ela amava a vida e o magistério. Sua presença imantava o ambiente de alegria. Contagiava os outros seu idealismo sadio.

Sabia erguer-se acima de suas próprias amarguras e dedicar-se com amor à missão de ensinar. Sua figura de mestra se agigantou desde os primeiros tempos do magistério, em sua querida Ponta Grossa natal. Parece que o vento dos Campos Gerais imprimiu-lhe na alma seu timbre de inquietação e que os horizontes infinitos lhe deram o gesto dos grandes ideais. Sem vaidade e sem alarde, gastou suas energias “abrindo caminhaduras de luz” na selva escura.

Professora primária, depois diretora, do Grupo Senador Correia, mestra da Escola Normal de Ponta Grossa, diretora da mesma Escola, Emília Dantas Ribas, por sua personalidade enérgica e serena, servida por uma inteligência privilegiada e culta, seu senso de justiça e seu amor ao trabalho, escreveu em letras de ouro seu nome na história de sua terra.

Em Curitiba, no Instituto de Educação, logo se salientou por sua competência. Conquistou um largo círculo de amizades. Leal e franca, seu bom humor desanuviava as fisionomias preocupadas, seu riso acendia um rastilho de alegria.

Em meio à mais intensa atividade profissional, a inspiração a visitou.

Em 1949, publicou seu excelente romance *A primavera voltará*.

Mestra atualizada, romancista de talento, membro da Academia Feminina de Letras do Paraná, Emília Dantas Ribas sempre soube levar sua grandeza com natural modéstia.

Sua lembrança não se apagará. Ficaré vivendo nas lições que semeou e no coração dos amigos.

Curitiba, janeiro de 1978.

Fonte: KOLODY, Helena. **Revista da Academia Feminina de Letras do Paraná**, Curitiba, ano V, v. V, p. 21, 1978.

PROFESSORA EMÍLIA DANTAS RIBAS

Faleceu, inesperadamente, na manhã de hoje, em Curitiba, onde residia, a ilustre professora Emília Dantas Ribas, viúva do saudoso ponta-grossense Odilon Lustoza Ribas.

A extinta, que consagrou o melhor de sua existência ao ensino paranaense, nesta cidade, aqui exerceu, durante longos anos, o magistério primário e secundário ocupando, nos fins de sua brilhante missão educativa, os cargos de primeira diretora do Grupo Escolar Júlio Theodorico e, em várias gestões de diretora da Escola Normal Prof. Cesar Prieto Martinez.

Autora de vários estudos e empreendimentos, na área do ensino público, notabilizou-se, também, em trabalhos literários louvados pela crítica idônea, destacando-se o romance “*A primavera voltará?*”, sendo alvo da distinção de membro da Academia Feminina de Letras do Paraná. Colaborou nos principais jornais e revistas paranaenses, gozando de elevado conceito nos círculos culturais do Estado, bem como de grande estima, entre seus conterrâneos, mormente em Ponta Grossa, onde viveu a maior parte de sua proveitosa existência e desejou que fosse a sua última morada.

Emília Dantas Ribas é mais uma personalidade que, pelo seu valor humano e cultural, deixa sensível lacuna, entre todos aqueles que sempre souberam admirar as excelsas virtudes de mestre, filha, irmã, esposa e tia, deixando, entre seus parentes e amigos, inúmeras pessoas gradas da vida social ponta-grossense.

Desejamos, nesta lutuosa oportunidade, expressar os pesarosos sentimentos de todos os seus amigos, parentes, alunos e colegas, que jamais esquecerão de sua ilustrada e querida amiga, a qual irá repousar em paz, na sua terra natal e com a graça de Deus.

Fonte: LIMA, Lourival Santos. Professora Emília Dantas Ribas. Texto datilografado. Acervo documental e bibliográfico do Dr. Lourival Santos Lima - Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH)- Universidade Estadual de Ponta Grossa.

DISCURSO

Posse da Professora Emília Dantas Ribas na Cadeira Nº 30 da Academia Feminina de Letras do Paraná, tendo como patrona a Professora Judith Silveira.

Todas as vezes que nos reunimos para que uma de nós assuma sua CADEIRA em nossa valorosa Academia Feminina de Letras, sentimos justo e profundo júbilo em contato com nossa realidade paranaense. Ao saudarmos a companheira que se investe na dignidade de Acadêmica, divisamos um roteiro magnífico, pleno de originalidade e realizações grandiosas. É para a professora e escritora Emília Dantas Ribas

que nos voltamos hoje, em atitude da admiração. Descendendo de uma linhagem de valores intelectuais, Emília desde cedo revelou, quando estudante ainda, notável inteligência. Foi aluna distinta. Idealista e sonhadora, imprimiu sua marca pessoal, já nos trabalhos escolares.

Diplomada, lecionou por longos anos em Ponta Grossa. Sendo Professora inata, teve o dom de transmitir aos alunos, além da matéria programada, o amor ao estudo e o desejo crescente de cultivar o espírito, de evoluir. É otimista e deixou a grande lição – da ALEGRIA DE VIVER. Foi colega respeitável e estimada. Presença agradável. Lúcida e cordial. Entre alunos e professores – deixou saudade.

Pela afinidade que sentiu com a personalidade da Professora Judith Silveira, de saudosa memória, que devotou sua útil existência ao magistério público primário, na bela, pitoresca e progressista Princesa dos Campos, tomou-a como Patrona. São dois polos que se aproximam, dois valores que se irmanam.

Em uma solenidade em que tomei parte, em Ponta Grossa, em companhia de meu marido, pude sentir o grau de veneração que o povo daquela cidade tem pela Memória da Professora Judith Silveira. É um ídolo que cultuam.

Há poucos dias, outra Acadêmica de grande erudição, a Professora Maria Nicolas, nos disse: Educadoras que não tivessem o necessário preparo, recebiam tomar parte em bancas examinadoras destinadas a funcionar na Escola da Professora Judith.

Soubemos que a Professora Maria Nicolas fez parte das referidas bancas e que, graças aos seus sérios estudos houve-se admiravelmente, recebendo consagradores elogios no livro destinado a registrar ocorrências dignas de relevo.

Radar, antenas, alguma coisa especial possuímos porque vamos descobrindo, passo a passo, nomes dignos de nos-

sa veneração para o quadro de patronas. E vamos deparando, também, na hora presente, com um cortejo de MULHERES inteligentes, cultas e realizadoras.

Exemplo típico do que afirmamos é a inspirada e iluminada oradora que fará a saudação à nova Acadêmica: Helena Kolody.

Fonte: Discurso sem indicação de autoria.

Acervo da Academia Feminina de Letras do Paraná

BIOGRAFIAS

Emília Dantas Ribas

Cadeira nº 30 da Academia Feminina de Letras

Patrona – Judith Macedo Silveira

EMÍLIA DANTAS RIBAS

Nascida em Ponta Grossa – Paraná, em 1º de novembro de 1907.

Filiação – José Joaquim Dantas e Marcelina Dantas. Viúva de Odilon Lustoza Ribas.

Iniciou os estudos em sua cidade natal, no Grupo Escolar Senador Correia. Matriculou-se na Escola Complementar e a seguir na Escola Normal Primária, por onde se diplomou

em 1926. Em 1934, diplomou-se pela Escola Normal Secundária. Exerceu o magistério primário por 17 anos em Grupos Escolares de Ponta Grossa. Em 1935 foi designada diretora do Grupo Escolar Julio Theodorico, nessa mesma cidade, durante três anos. A seguir, nomeada Chefe de Seção da Escola de Professores, iniciou o magistério no Ensino Médio. Nomeada diretora de referida Escola, ali permaneceu até 1946, quando transferiu residência para Curitiba – onde passou a lecionar no Instituto de Educação – durante esses anos, várias matérias, destacando-se Didática, Física, Princípios de Matemática, Agronomia e Biologia.

Iniciou vida literária em sua cidade natal colaborando em jornais e revistas. Mais tarde, em jornais e revistas do Estado e de outras regiões do país. Em 1949 publicou o romance *A primavera voltará*, edição de 1.000 volumes. Publicou também poesias em revistas e jornais do estado. Desde 1957, é professora inativa do magistério paranaense.

Biografia sem indicação de autoria.

Fonte: Acervo da Academia Feminina de Letras do Paraná. (Datilografado).

PEQUENA BIOGRAFIA DE EMÍLIA DANTAS RIBAS

Nasceu em Ponta Grossa, aos 26 de outubro de 1907. Iniciou seus estudos na mesma cidade, no Grupo Escolar Senador Correia. Continuou-os na Escola Complementar e, a seguir, fez o Curso Normal na Escola Normal Secundária de Ponta Grossa. Quer no Grupo Escolar, quer na Escola

Complementar, quer na Escola Normal, conseguiu sempre as primeiras colocações, sendo considerada aluna de alta capacidade intelectual. Desde a juventude, participou ativamente dos movimentos literários, tendo sido colaboradora constante do “Diário dos Campos”, que publicava em destaque seus trabalhos poéticos, todos revestidos de espiritualidade profunda e altíssimo senso estético. Colaborou, também, com outros órgãos da imprensa.

Ao contrair matrimônio com Odilon Lustoza Ribas, transferiu seu domicílio para Curitiba, e aqui, foi colaboradora da imprensa local, em suas colunas literárias. Escreveu e publicou às suas expensas um livro, *A primavera voltará*, de caráter quase que autobiográfico, pois que nele revive, figuradamente, seu trabalho de professora, que desenvolveu com alta responsabilidade, primeiro no Grupo Escolar Senador Correia, onde aprendeu a ler. Exerceu, a seguir, a direção do Grupo Escolar Julio Theodorico, dali partindo para a Escola Normal Secundária de Ponta Grossa, onde exerceu os cargos de professora, assistente técnica e diretora.

Finalmente, já em Curitiba, primeiramente exerceu o cargo de professora da Escola Normal e a seguir, a assistência técnica.

Só se afastou do magistério, que exerceu com profundo amor, em decorrência da longa enfermidade de seu esposo, cuja morte marcou-a profundamente.

Continuou escrevendo até a morte, que a alcançou, de surpresa. Em sua alma privilegiada, vivia perenemente a artista da palavra, a poetisa da beleza, da harmonia e da luz. Sua obra é perene. Bela. Profunda. Musical.

Biografia sem indicação de autoria.

Fonte: Acervo de Maria da Penha Dantas. (Datilografado).

NOTÍCIAS

SIGNIFICATIVA HOMENAGEM SERÁ PRESTADA À EDUCADORA EMÍLIA DANTAS

Conforme anunciamos em nossa edição de domingo último, em visita ao Rotha patrícia, srta. Emília Dantas foi distinguida com a nomeação feita pela Diretoria do Ensino, para dirigir a Escola de Professores, seção de Ponta Grossa, distinção essa que por si só diz do valor daquela educadora. Hoje, a referida professora, que vinha dirigindo o Grupo Escolar “Julio Theodorico”, passará a direção daquele educandário ao sr. Waldomiro Santos, designado para substitui-la, e nessa ocasião receberá uma significativa homenagem que prestam os seus auxiliares e os alunos daquela casa de ensino. Segundo soubemos, os alunos do Grupo “Julio Theodorico” oferecerão à sua estimada diretora, além de flores, um custoso presente devendo, nessa ocasião, uma das alunas fazer a despedida em nome dos colegas.

Fonte: **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 5 de abril de 1938, p. 6.

CASAMENTO

ENLACE DANTAS-RIBAS

Realizou-se ontem pela manhã, na maior intimidade, o enlace matrimonial do nosso distinto conterrâneo sr. Odilon Ribas, do alto comércio de Curitiba, com a senhorita Emília Dantas, provecta figura do magistério paranaense e diretora da Escola de Professores de Ponta Grossa, em cujos círculos sociais desfrutam os nubentes de numerosas relações de amizade.

Após as cerimônias seguiu para Curitiba o novel casal, que vai fixar residência na capital do Estado.

Com os nossos cumprimentos, formulamos votos de perenes felicidades.

Fonte: **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 8 de março de 1946.

Agradecimentos

A organização deste livro tornou-se possível com a colaboração de diversas pessoas e entidades. Agradecemos aos familiares de Emília, que ajudaram com informações, fotografias, textos: Antônio Joaquim Dantas, Carmen Santos Peixoto, Cesar Eduardo Dantas, Dado Dantas, Fernanda Santos Lima Pilatti, Ida Sansana, Iliete Sansana, Izaura Dantas, José Carlos Dantas Pimentel, José Inácio Dantas, Josélia Peixoto Alves, Margarida Santos Lima, Maria da Penha Dantas Roeder, Maria del Cármen Dantas Kormann, Maria Marcelina Dantas Freitas, Marlou Santos Lima Pilatti e Osmário Souza Ribas.

Agradecemos à Prefeitura de Ponta Grossa, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e do Conselho Municipal de Política Cultural, pela aprovação da proposta de publicação deste livro, pelo Edital 011/2023 – Concurso cultural para propostas de circulação, formação e produção artístico-culturais alusivas aos 200 anos de Ponta Grossa.

Somos gratos também às seguintes pessoas e instituições:

- Josué Corrêa Fernandes (Academia de Letras dos Campos Gerais);

- Beatriz Gomes Nadal (UEPG);

- Ana Claudia Andruchiw, Luan Orlando Lima Azevedo, Luísa Cristina dos Santos Fontes, Caroline Aparecida Guebert e Karina Regalio Campagnoli que auxiliaram na localização de textos em jornais (hemeroteca) e revistas;

- Isabele Fogaça de Almeida;

- Josélia Maria Loyola de Oliveira Gomes;

- Ana Claudia Andruchiw, Karina Regalio Campagnoli, Luan Orlando Lima Azevedo, Nilvan Laurindo Souza e Rose-

line de Jesus Pedroso que auxiliaram na digitação de textos e/ou digitalização de fotos;

- CETEP Paulo Freire e seus técnicos (Ana Claudia, Luan e Nilvan) pela digitalização de fotos e documentos e digitação de textos;

- Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH)- Departamento de História - Universidade Estadual de Ponta Grossa.

- Madalena Ferrante Pizzatto, presidente da Academia Feminina de Letras do Paraná;

- Janete Bridon e Emilson Richard Werner (revisores).

Sobre os autores

CAROLINE APARECIDA GUEBERT

Nasceu em Mafra (Santa Catarina). É Historiadora, formada com láurea acadêmica pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e cursa o Doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, sendo bolsista Capes. Realizou o Doutorado Sanduíche (PDSE-Capes), em Paris, no *Centre de Recherche et de Documentation sur les Amériques* (CREDA) – Universidade Sorbonne Nouvelle Paris 3. Em 2022, foi uma das coordenadoras do Dossiê “Mulheres Intérpretes do Brasil”, publicado na Revista Temáticas (Unicamp). É autora do livro no prelo – *Sob o Retrato de Euclides da Cunha: uma história dos euclidianos e do seu “Brasil interior” nos anos 1950* (CCEC, Paraná) – editado pela Editora UFPR, que será lançado em breve, em 2023.

JEFFERSON MAINARDES

Nasceu em Ponta Grossa (Paraná). Coursou Magistério no Instituto de Educação Prof. César Prieto Martinez. É licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e Doutor em Educação pela *University of London*. É professor do Departamento de Educação da UEPG e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPG. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – nível 1B.

KARINA REGALIO CAMPAGNOLI

Nasceu em Irati (Paraná). É graduada em Odontologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Mestre em Educação pela UEPG e doutoranda em Educação pela mesma universidade. É professora colaboradora do Departamento de Pedagogia da UEPG e professora da Rede Municipal de Ponta Grossa.

LUÍSA CRISTINA DOS SANTOS FONTES

Nasceu em Barra do Piraí (Rio de Janeiro), mas mora em Ponta Grossa desde a infância. Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com a Tese *Helena Kolody, carbono & diamante, uma biografia ilustrada*. É Mestre em Linguística, pela mesma instituição. Professora aposentada da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Por oito anos, supervisionou a Editora UEPG. Como pesquisadora, tem desenvolvido pesquisas sobre a literatura produzida por mulheres, com dedicação às primeiras escritoras paranaenses. É Fundadora da Cadeira 5 da Academia de Letras dos Campos Gerais, cuja Patrona é a escritora Anita Philipovsky. Organiza desde 2009 coluna literária no centenário jornal “Diário dos Campos”. Ocupa a Cadeira 2 da Academia Feminina de Letras do Paraná, cuja primeira ocupante é a notável escritora Helena Kolody.

RENATO VAN WILPE BACH

É ponta-grossense, médico formado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), especialista em Cirurgia Geral e Pediátrica. Mestre em Cirurgia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Doutor em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). É Professor do Departamento de Medicina da UEPG.

**Vozes de Emília –
A trajetória da escritora Emília Dantas Ribas**

Impresso na primavera de 2023, editado em Ponta Grossa,
a Princesa dos Campos Gerais do Paraná. Tiraram-se
quatrocentos exemplares impressos.



“Mas o outono é sempre piedoso. Sentar-me-ei junto à secretária e a pena deslizará pelo papel; sintetizarei em palavras arrojadas o meu estado de alma: Mas ninguém lerá isso, ninguém. Escrever é dar a alma no momento da emoção, pensar pela pena que desliza, falar pela boca que se fecha; os meus escritos permanecem inviolados. Também não querem lê-los; talvez um dia eu os traga à luz.”

A primavera voltará (1949, p. 176)



CULTURA



#VIVACULTURAEMPONTAGROSSA